



RENATO DE SOUZA

DE TODAS AS
MULHERES
QUE AMEI

pa
ra
le
la

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**DE TODAS AS
MULHERES
QUE AMEI**

RENATO DE SOUZA

**19
91
19
91**

1. Descobrimdo

22 DE DEZEMBRO DE 2004 — OITO HORAS

Abro os olhos, mas tudo continua preto. Meus olhos estão vendados. Escuto um barulho alto, a cabeça dói. A boca seca faz a língua grudar no palato. Me sinto tonto, desorientado. Adormeço.

Volto a acordar. Não sei ao certo quanto tempo passou. Uma hora? Duas? Doze? Impossível dizer. Tento me mexer. Não consigo. Os braços e as pernas estão imobilizados.

Grito em desespero. O som começa abafado, fraco. Estou amordaçado. Mas logo meu desespero rompe aquela barreira e minha lamúria se torna alta, audível. Depois do desespero vem pânico. Sigo gritando, me revirando, mas quanto mais me mexo, mais as amarras me apertam. Balanço a cabeça desesperadamente. A venda se solta um pouco. Consigo espiar com um dos olhos.

Olho para cima e me vejo em um espelho no teto. Estou nu e incrédulo.

Os braços estão amarrados, separados acima da cabeça na cabeceira da cama. Os pés também estão amarrados no outro extremo, como na cruz de Santo André.

A vista de meu corpo nu e amarrado estranhamente me acalma. Respiro profundamente uma, duas vezes. Então percebo o som do rádio. Está alto e tocando uma música sertaneja.

Mas a calma não dura. Olho direito e não acredito no que estou vendo. Tento outra vez me desvencilhar das amarras, mas só sinto meu punho machucar.

O som alto é horrível. Só pode ser isso a origem da dor de cabeça. Um desespero avassalador vem à tona e começo a gritar. Sinto minha frequência cardíaca aumentar e uma gota de suor fria e viscosa descendo pela minha testa.

Tento me recordar de como fui parar ali. Olho para o fundo da minha memória, mas nada.

Mexo mais a cabeça, raspando-a contra o colchão. A venda vai caindo aos poucos, devagar. Agora consigo ver com os dois olhos.

O espelho no teto é grande e está grudado em uma espécie de saliência feita em gesso decorado com anjos nus e querubins promíscuos.

À minha direita vejo um criado-mudo com botões e um display. Viro a cabeça para o outro lado e consigo ver outro criado-mudo com um telefone, um batom e um pacote de camisinhas.

Inclino a cabeça para a frente e vejo outro espelho e uma televisão ligada em um canal pornô. Na tela uma mulher de enormes seios rosados é comida lascivamente por três homens. O movimento deles é quase hipnótico.

O que significa tudo isso?

Ao ver a imagem da televisão, me recordo por que não gosto desses filmes e por que os evito há mais de quinze anos.

Encosto a cabeça no colchão. De repente a imagem do espelho começa a girar. Em meus olhos, coágulos escuros mancham a visão.

Desmaio novamente.

Se fosse para definir como eu era na adolescência, esta seria a palavra: tímido.

Mas meus amigos me definiam de outras formas, muito mais cruéis. Alguns me chamavam de Mudinho.

Outros ainda de CDF. Eu era estudioso, rápido em cálculos. Matemática era, aliás, minha matéria favorita. Não apenas por minha facilidade com números, mas também porque a minha professora era uma mulher alta, muito esbelta e de seios enormes e suculentos. Eu também era rápido no atletismo, por isso me chamavam de Coelho.

Quando cresci mais um pouco, surgiu outro apelido. Choquito por causa das espinhas que pipocavam como ervas daninhas na minha testa e bochechas, me deformando e agravando meu caso crônico de timidez.

Mas o que mais me incomodava era quando me chamavam de Cabaço.

Eu realmente era virgem, um motivo de orgulho para as meninas e de chacota para os meninos, mas Cabaço dava um tom ainda mais provocativo, e apelido bom, que pega, é aquele que te irrita.

Para me proteger mentia. Na minha história eu era um grande comedor de primas, amigas do sítio dos meus avós, até mesmo professoras particulares. Mas não conseguia convencer ninguém. Nem a mim mesmo.

Achava engraçado como todos tinham um apelido:

Em casa me chamavam de PH, por causa das iniciais do meu nome. Tô era meu irmão mais velho Antônio Carlos e Nanda, a Maria Fernanda, minha irmã mais nova.

Na rua eles não eram tão carinhosos. Meus amigos eram o Gordo, o Cabeça e o invejável Tripé.

No colégio o Wilson era chamado de Japa por causa de sua ascendência nipônica, LP eram as iniciais de Luis Paulo e Carioca era o apelido do Jorge por causa de sua cidade natal.

Nenhum apelido se comparava ao meu.

Me interessei pelas mulheres por volta dos treze anos, mas até os quinze não tive muito sucesso com elas, consegui apenas dois inocentes beijos na boca da Amanda, a amiga da Nanda, numa brincadeira de criança chamada “Beijo, abraço e aperto de mão”.

As mulheres nuas que tinha visto escondido até então eram Magda Cotrofe, Luma de Oliveira e Luciana Vendramini nas revistas *Playboy* do Tô.

Precisaria de muito mais que isso para resolver minha situação. Precisaria perder minha virgindade, meus hormônios estavam em ebulição, meu corpo implorava por isso, mas isso não seria tão simples assim...

Nessa época frequentávamos a danceteria Up and Down na Alameda Pamplona, próximo à Avenida Paulista.

Colocava minha melhor roupa para ir lá: calça jeans Zoomp, tênis M 2000 desamarrado com a língua sobre a calça e casaco de pele de carneiro, mesmo não estando frio. Afinal, por mais ridículo que fosse, todos se vestiam assim e eu não poderia ser o diferente. Lembro da primeira vez que entrei lá, fiquei boquiaberto com tantas luzes, com o globo girando no alto bem no meio da pista e com “Bomb the Bass / Beat Dis” tocando alto e um telão gigante que reprisava as vitórias de Senna na Fórmula 1.

Sabia que dançar não era o meu forte, então ficava encostado na parede apenas observando o que acontecia e tentando a melhor pose possível: um pé apoiado no chão, um joelho flexionado apoiando o outro pé na parede, um polegar no bolso da frente da calça, na outra mão um Marlboro, mesmo não sabendo tragar e aquele olhar “43” que o vocalista do RPM ensinou.

Em um desses instantes de observação, vi o Gordo beijando uma menina e a amiga que estava junto com ela ficou sozinha.

Queria falar com ela, mas não tinha coragem. Para minha sorte, pouco tempo depois o Gordo veio ao meu encontro para apresentar a amiga solitária.

Conversamos um pouco até eu tomar coragem e pedir seu telefone.

Isabel era uma menina bonita, da mesma idade que a minha, de cabelos lisos bem longos, olhos castanhos, mas o corpo não dava para ver bem com aquele vestido longo e comprido. Sua voz era rouca e conquistadora.

Era tão tímida quanto eu, disse que foi com muita insistência da amiga que o pai a deixou ir até lá pela primeira vez.

Dava para perceber que Isabel estava totalmente fora do seu ambiente.

Liguei para ela no dia seguinte, conversamos durante horas até a minha mãe nos interromper por causa do valor da conta do telefone.

Passamos a semana inteira nos falando por telefone rapidamente, até o fim de semana, onde marquei de ir ao prédio dela com a moto Yamaha RD 350 do meu irmão emprestada, pois não ia passar vergonha com minha Mobilete.

Logo ele vai ganhar um carro e essa moto vai ficar pra mim.

Isabel já começou me apresentando toda a família para mostrar que se eu quisesse algo, ia ser sério, pois seus pais eram muito religiosos e só aceitariam um namoro assim.

O pai dela se chamava João. Ele era um senhor bem mais velho, já com a cabeleira toda branca, e uns óculos grandes e grossos. Devia ter uns sessenta anos e vivia citando passagens bíblicas. Ele não era pastor por pouco, mas pouco importava, porque ele não foi mesmo com a minha cara. Desde que me viu chegar de moto naquele dia. Não fazia a mínima questão de esconder que gostava muito do antigo namorado de Isabel que frequentava a mesma igreja, mas com o tempo e ajuda de d. Maria, sua esposa, uma mulher bem mais jovem que ele, sempre com seus longos cabelos presos num coque apertado, acabou me aceitando.

Com a Isabel todas as etapas de um namoro normal passaram vagarosamente.

Foram meses até conseguir passar a mão pela sua bunda. Outros tantos até tocar nos seus seios por cima da roupa e outra eternidade até ela deixar por baixo do sutiã.

Me lembro como voltava atordoado depois de meus encontros com Isabel. Voltava para casa e ia direto para o banheiro.

Eu tentava de todas as maneiras tocá-la, despi-la, mas Isabel ficava preocupada que o pai nos flagraria.

Passei até a ir algumas vezes com Isabel na igreja, para conquistar a confiança de seu João e também a dela, mas embora me esforçasse, não me interessei. Cheguei até a comprar uma correntinha com um escapulário de presente para Isabel, mas fui repreendido pelo seu João que após outro sermão me fez trocar a imagem da santa pela do símbolo cristão: o peixe.

Apesar da confusão, Isabel adorou o presente, me cobriu de beijos, e disse que nunca mais o largaria.

Mas o presente não importava, o que eu queria mesmo era ficar sozinho com ela.

Estávamos namorando havia quase um ano quando consegui que ela tocasse nele por cima da cueca, assim como consegui tocá-la por cima da calcinha.

Me lembro da primeira vez que a toquei. Estávamos no cinema, nos beijando louca e desengonçadamente quando ela, num lapso, me deixou colocar a mão sob sua saia. Nunca vou me esquecer daquele cheiro forte, indescritível.

Mas eu ainda estava longe de perder meu apelido. Pior, na escola começaram a me chamar de “crente”.

Por sorte, os pais de Isabel começaram a confiar um pouco mais em nós, ao ponto de, quando viajavam nos finais de semana para o Guarujá, nos deixarem sozinhos, o que nos dava a chance de ir um pouco além.

Para mim era só um pouco, afinal, queria perder logo o cabaço.

Os dias iam passando e lentamente conseguia passar por algumas barreiras. As coisas com Isabel caminhavam a passos de tartaruga, e eu parecia realmente um coelho.

Isabel também tinha suas vontades, também queria perder a virgindade.

O grande dia estava chegando e após alguns finais de semana que seus pais iam à igreja, enfim eles iriam viajar para praia no feriado e nós ficaríamos sozinhos em São Paulo.

O GRANDE DIA — 12 DE OUTUBRO DE 1990

Eu tremia, mas aquela sensação de nervosismo já era bem conhecida.

Ajudei meu sogro com as malas, nos despedimos e eu já estava ereto antes mesmo de eles partirem. Assim que eles fecharam a porta, fui até o aparelho de som e coloquei uma fita para tocar alto “Blue Monday”, do New Order.

Encostei Isabel na parede e começamos a nos beijar.

— Vamos esperar um pouco — Isabel falou ofegante.

Continuei.

Estávamos superexcitados e Isabel parecia decidida.

Naquele momento, além de tremer meu coração disparou.

Comecei a suar. Minhas mãos estavam úmidas. Isabel estava com um vestido de saia longa, que eu facilmente levantei, jogando meus lábios contra sua calcinha num beijo forte que fez exalar aquele cheiro áspero, fantástico. Me despi rapidamente. Conduzi-a pela mão até o sofá, me sentei e puxei-a para cima de mim.

Isabel olhou ao redor desconfiada, mas enfim concordou.

Eu abaixei as alças do seu vestido e me deparei com seus pequenos seios sem sutiã.

Com certeza ela havia premeditado isso, já que Isabel sabia que eu não era bom com ele.

Chupeei seus seios com gosto e dava pequenas mordidas que a faziam gemer. Isabel arrancou minha camiseta também.

É agora!, ele comemorou.

A porta abriu de repente.

Putaque o pariu, fodeu!, meu consciente se desesperou.

Era o pai dela.

Ele olhou totalmente estarecido com a imagem e por alguns décimos de segundos me fuzilou com os olhos. Não demorou para ele voar em minha direção.

— Merda! — gritou Isabel.

— Merda! — repeti.

Me levantei o mais rápido que pude, recolhi minhas roupas e corri.

Ouvi ao fundo d. Maria gritando:

— Calma, João, o que você vai fazer?

Fui em direção à área de serviço e ouvia o pai dela berrando atrás de mim.

Saí pela escada do prédio em alta velocidade me trocando. Graças a Deus e pelos treinos de atletismo, fugi dali fazendo jus ao meu apelido de Coelho. Corri muito, mas continuava fazendo jus também ao apelido de Cabaço.

Depois de uma semana, tomei coragem e liguei para a casa da Isabel.

Sorte a minha que foi d. Maria quem atendeu.

Ela falou que o marido expulsou Isabel de casa, mas ela conseguiu abrigo na casa de uma tia no interior.

Disse também que demos azar. Justo naquele dia o João esqueceu a Bíblia em casa, voltou para buscá-la e nos flagrou. De repente ele pegou o telefone da mão de d. Maria e falou alto:

— Um dia eu vou pegar você, desgraçado!

E desligou o telefone.

PORTO INSEGURO — 11 DE OUTUBRO DE 1991 – DEZESSEIS ANOS

A essa altura meu irmão já tinha entrado na faculdade e isso foi o maior orgulho para o meu pai. Ele estava fazendo faculdade de Direito. Por isso ganhou um Uno novinho e eu fiquei com a moto dele, que sempre quis para mim.

A única coisa ruim da RD 350 era que ela fazia com que eu me lembrasse do meu apelido a cada freada.

Que dor no saco, ele reclamava quando era pressionado contra o tanque de combustível.

Continuava no atletismo do clube mas queria jogar vôlei como minha irmã. Meu pai achava que vôlei era esporte de menina e que eu deveria jogar futebol, mas no time, só me escolhiam por causa da minha velocidade, tecnicamente eu não era bom. Então comecei a treinar atletismo com mais dedicação.

Não me chamavam mais de Choquito, pois minhas espinhas sumiram.

Mas apesar dessas mudanças, a principal não mudou, a virgindade.

Cacete, preciso definitivamente resolver isso.

Nessa fase não só os amigos do meu irmão, como a maioria dos meus amigos de colégio, já não eram mais assombrados por isso, ou talvez eram espertos o suficiente para conseguir mentir a respeito.

No colégio continuava não indo bem com as mulheres, mas ainda ia bem com as notas, pois senão meu pai ficaria bravo.

Apesar de toda a mudança física, continuava por dentro com a mesma insegurança e timidez de menino. Por sorte tinha a moto. Com ela eu passeava por todos os lados, sensação de liberdade total, vento no rosto, alta velocidade. Isso me fazia bem. Ia zunindo pela cidade, assoviando a música “Vital e sua moto”, dos Paralamas do Sucesso.

Uma mudança na escola no começo do ano que nunca esqueci foi uma nova aluna que entrou na turma.

Luana era o nome dela, e logo ela se tornou a garota dos sonhos de todo o colégio. Era a menina que todos queriam e desejavam. Era mais velha do que nós por ter repetido um ano. Linda, loira de cabelos

ondulados e belos e grandes olhos azuis. Corpo escultural que realçava ainda mais com aquele uniforme: camiseta branca e calça azul marinho colada ao corpo, muito colada por sinal.

Mas Luana tinha um namorado, devia ser o cara que as meninas também desejavam. Ele já estava na faculdade e ia buscá-la na porta do colégio. Alto, forte, chegava em um Gol GTI azul, com rodas BBS, sem chances para nós garotos, pobres mortais.

Por sorte acabamos ficando amigos quando passei cola pra ela em uma prova de matemática.

Com o tempo nossa amizade aumentou e conversávamos muito, sobre tudo. Até sobre sexo. Nessa época o noticiário bombardeava notícias sobre a nova epidemia mundial: a aids. Ela me falava sobre coisas que eu não entendia, me explicava coisas que eu não sabia. Ficamos tão próximos que um dia ela me falou:

— O grande problema dos meninos da sua idade é esta afobação. Se você se acalmar, ja, já estará cheio de namoradas. É tão bonitinho!

Disse isso e me deu um beijo no rosto.

Fora a amizade com a Luana, não aconteceu muita coisa na minha vida desde o fim traumático do namoro com a Isabel. Mas o Porto Seguro... Ah! Esta poderia ser minha salvação.

Oito meses se passaram sem nada acontecer. A única mudança foi meu corte de cabelo: raspei a cabeça com máquina um para ficar na moda.

A semana do feriado de 12 de outubro era a semana do saco cheio, e eu achava esse nome bem sugestivo para minha atual situação.

Nela aconteceu uma viagem para Porto Seguro em comemoração antecipada da formatura do colégio que ia acontecer em dezembro.

A expectativa era grande para essa viagem, ia ser minha primeira viagem de avião e também a primeira vez que viajaria sem meu irmão.

No dia do embarque todos os alunos do colégio estavam no saguão. Era muito hormônio em ebulição que ia viajar no mesmo avião.

Vi uma menina linda que era da turma da tarde e que nunca tinha visto antes.

Não era só eu que olhava para ela, com certeza todos olhavam. Ela era a mais bonita e mais gostosa do colégio, talvez só Luana fosse páreo para ela, mas Luana não viajou conosco. Ela viajou com o namorado.

Ele invejou.

Depois de passar mal no avião, cheguei ao hotel e fomos separados, dois em cada quarto e eu fiquei no quarto com o Carioca.

“Bom dia, você está na Bahia!” Era a frase sempre repetida pelos moradores locais induzindo um alto astral e eu já estava no clima. A única coisa ruim era a música. Axé nunca foi meu estilo, mas parecia estar por todos os lados, todo mundo dançando igual as coreografias ensinadas pelos dançarinos.

Na primeira noite o Carioca me ofereceu uma caipirinha. Eu nunca tinha bebido antes.

Com meu irmão e meu pai longe eu posso experimentar. Meu consciente apoiou. De início o gosto era um pouco azedo, mas depois melhorou e aos poucos foi ficando ainda melhor, e eu, sempre tão tímido, já estava me achando um dançarino depois de alguns goles. Dançava e bebia muito. Carioca, que sempre fora o mais extrovertido da turma, também bebia e se soltava ainda mais. Dançávamos e dávamos muitas risadas juntos. Estava de bermuda, perdi o chinelo. Tirei a camiseta e coloquei-a na cabeça fazendo um turbante, demos mais risadas.

Entendi como acabar com a timidez, basta beber!

Era a descoberta de uma vida.

Comecei a puxar uma fila igual um trenzinho de carnaval. Tudo era alegria quando de repente ela entrou na minha frente e puxou minha mão para sua cintura. Era a gostosa da turma da tarde.

Nessa hora era ela quem puxava o trenzinho e eu tinha uma visão sensacional.

Ela estava com um short tão curto que aparecia um pedacinho da sua bunda. A camiseta estava amarrada com um nó na frente deixando um pouco das suas costas e seu abdômen de fora.

Caramba, é ela mesma.

Ele acordou.

Passamos a noite dançando, bebendo e nos divertindo e eu quase não acreditei quando vi o nascer do sol abraçado com Kátia encostado em um coqueiro.

Quando fomos dormir, Carioca não acreditava.

— Puta que o pariu! Você pegou a Kátia, a campeã da tarde!

Na votação secreta entre os garotos da escola, ela ganhou da turma da tarde e Luana ganhou da manhã. Carioca continuava falando mas eu não aguentei e dormi.

Consegui com esforço acordar à uma da tarde com uma azia que nunca tinha sentido antes.

Precisava de um banho urgente e foi o que fiz. Depois acordei o Carioca e fomos almoçar. A cabeça ainda doía.

Ele continuou o mesmo papo da noite anterior, e eu fingindo que não me importava.

Caramba, não foi um sonho, pensei.

Carioca também se deu bem, ficou com uma baiana bem bonita.

Depois fomos à praia e ficamos “igual jacaré” como ele disse, embaixo do sol nos recuperando da noite anterior.

Vendedores de tudo quanto era bugiganga passavam pela praia e a música alta fazia doer ainda mais minha cabeça.

Carioca comprou maconha escondido e disse que guardaria para uma ocasião especial. Não queria saber daquilo, meu consciente só pensava nela o tempo todo:

Onde está Kátia? Qual será a reação dela quando me ver?

Eis que de repente ela apareceu.

Puta que pariu! É mais gostosa do que eu lembrava. Ele novamente despertou.

Kátia veio em nossa direção usando apenas um biquíni asa delta.

O que eu faço?, perguntei e o meu consciente não respondeu.

Ela me cumprimentou com um selinho na boca e um sorrisinho malicioso. Sentou-se ao meu lado e ficamos conversando. O Carioca, malandro, a cumprimentou e saiu rapidamente.

Eu não usava sunga, lógico, pois tinha vergonha. Estava de bermuda e sem camisa. Após ajudar Kátia a passar protetor solar por todo seu maravilhoso corpo, ela me chamou para ir até o mar, mas eu recusei ao perceber que todos perceberiam minha ereção. Então ela foi sozinha.

Na volta Kátia mexia em seus cabelos parecendo cena de cinema ou propaganda de xampu.

Ficamos por ali mais um pouco nos beijando e combinamos de nos ver à noite.

Carioca apareceu como mágico quando ela saiu, ficamos bolando o que ia acontecer à noite. Ele era meu amigo desde a primeira série, também era virgem e era o único amigo a quem eu confessava ainda minha virgindade.

Ele combinou com a baiana de ela passar no nosso quarto mais tarde e eu tinha que deixá-lo sozinho, lógico. Tudo pelo amigo.

Voltamos para o hotel e no caminho paramos em uma barraquinha de bebidas para tomar bombeirinho.

Depois de duas doses, voltamos para o hotel, já estava quase na hora da baiana chegar. Peguei minhas

roupas e pedi para tomar banho no quarto ao lado onde estavam outros dois colegas: LP e o Japa.

Depois do banho, pensando em Kátia, eu, LP e Japa ficamos falando sobre o que ia acontecer ali no quarto ao lado. Eles falavam que já tinham transado, e eu pensava: *será que só eu não?*

Japa falou que seu pai contratou uma prostituta quando ele completou quinze anos, LP disse que transou com uma prima. Desconfiava que LP mentia e eu fazia cara de que também já tinha feito, mas eles queriam saber mesmo é se eu tinha feito com a Kátia.

— Com ela não, mas já aconteceu com uma menina da minha rua.

Continuava a mentir.

Eles não paravam de perguntar da Kátia, não acreditando que um cara como eu havia conseguido ficar com ela.

De repente ouvimos passos no corredor e corremos para a porta onde olhamos pelo vão. Era o Carioca trazendo a baiana para o quarto.

Pegamos copos que ficavam sobre o frigobar e o colocamos entre a parede e o ouvido para tentar ouvir o que se passava no quarto ao lado.

A cena era hilária, ríamos e tentávamos ouvir, mas não escutávamos nada. Fomos até o banheiro, pois lá a janela dava para um vão que dava para a janela do banheiro do meu quarto.

— Merda, tá fechado — disse Japa.

Então escutamos LP abrir a porta balcão que dava para a varanda.

— Aqui! — ouvimos ele sussurrar.

De lá conseguimos pular para a varanda do meu quarto e pela cortina semiaberta vimos toda a cena do Carioca transando com a baiana.

Nunca tinha visto nada parecido antes, só nos filmes pornográficos do meu irmão. *Agora só sobrou você!* Meu consciente me lembrou e a baixa autoestima voltou rapidamente.

Tomamos cerveja no quarto e fomos para a Reggae Night, uma balada de música axé, telhado de sapê sustentado por vigas e colunas de madeira com fundos para a areia da praia.

Tudo igual à noite anterior, muita bebida e muita dança. Estava esperando a Kátia que não aparecia.

Bebi mais e quando me dei conta, estava de mãos dadas com uma dançarina de cada lado. Elas desciam do palco para animar os clientes.

No ritmo da música de Daniela Mercury íamos dançando e minha timidez ficou no copo.

De repente, vi Kátia, ela apareceu com um vestidinho curto com a parte de baixo mais soltinha, que se levantava um pouco a cada gingada do seu quadril.

Ela me olhou de um jeito que misturava ciúmes e malícia. Larguei as dançarinas na hora e corri em sua direção.

Fiquei como um sambista atrás da passista, e ao final da música Kátia me abraçou por trás do pescoço e me deu um beijo delicioso. Estava nas alturas. Minha baixa autoestima tinha sumido, e a noite, que estava só começando, já estava pegando fogo. Mas era o Carioca que estava se dando bem.

A amiga de quarto de Kátia também estava com o quarto delas ocupado na mesma situação, o que nos deixava sem opções, já que a praia estava lotada.

Amanheceu e fomos embora para o hotel. Kátia foi ver o que aconteceu com sua amiga e eu estava curioso para falar com o Carioca.

Ele contava em detalhes tudo o que já sabíamos com um sorriso que não disfarçava sua felicidade.

Me perguntou da Kátia e eu disse que à noite íamos inverter, ele iria para o quarto do LP e do Japa e eu ficaria sozinho com a Kátia.

No dia seguinte, ele me acordou cedo:

Hoje vai rolar!

Meu coração estava um pouco mais acelerado que o normal. Estava com um pouco de dor de cabeça, era a ressaca, então evitei a bebida pelo dia, pois a noite ia ser longa e a bebida era necessária, pois acabava com a minha timidez.

Não vi Kátia durante o dia, estávamos num passeio de escuna que fazia parte do pacote de viagem.

Acho que ela perdeu a hora. Meu consciente me acalmou.

Na volta comemos em um restaurante e já me sentia um pouco melhor.

Debaixo da porta do meu quarto veio a confirmação, era um bilhete da Kátia:

PH, pena que perdi a hora, mas estou ansiosa para te ver. Nos vemos à noite no Axé Moi.

Beijo na boca. Kátia

Tremia de nervoso, pois estava chegando a hora.

Agora vai!, ele torceu.

Estava muito nervoso, precisava beber para me soltar. Paramos novamente na barraquinha de bebidas e pedi dois bombeirinhos para começar.

Ainda estava nervoso.

Fomos a caminho da balada ouvindo o Carioca empolgado contar tudo de novo o que tinha acontecido na noite anterior.

Chegamos no Axé Moi que, diferente da Reggae Night, era um lugar aberto na praia. Pedi duas cervejas pra me soltar.

Kátia ainda não tinha chegado, fiquei impaciente, pedi mais uma.

Fui até a beira da praia com o Carioca, ele acendeu um cigarro de maconha.

— Esse é o momento especial!

Ele me ofereceu, fiquei na dúvida, mas ele insistiu.

— Dá só um peguinha, isso vai te relaxar.

Relaxar era o que precisava. Dei um trago forte e tossi várias vezes.

Carioca deu risada, pegou a maconha da minha mão e fumou.

— É assim! — ele mostrou, dando um trago leve segurando a fumaça nos pulmões por alguns segundos antes de soltá-la pela boca fazendo bico.

Deu outro trago enquanto eu ainda tossia. Me passou a maconha novamente, eu recusei. Ele insistiu:

— Pega logo!

Fumei de novo mas não traguei com tanta força. Fiquei imaginando se meu pai ou meu irmão estivessem ali.

Fumei mais um pouco. Fiquei um pouco tonto e respirei fundo.

Acho que me acalmei, meu consciente gargalhou.

Voltando para o meio da pista, dei o último trago antes de dar de cara com a Kátia, linda! Ela estava com um short curto verde. A camiseta era branca amarrada com um nó na barriga, e ela usava uma bandana colorida no cabelo. A calma foi embora no mesmo segundo que ela correu em minha direção e pulou em meus braços, envolvendo suas pernas por trás do meu quadril.

O beijo demonstrava seus desejos, que eram os mesmos que os meus. Passei a mão em sua bunda.

Kátia me puxou para o meio da pista e começou a rebolar no ritmo do axé.

Com tudo aquilo acontecendo, comecei até a simpatizar com aquele ritmo.

Ficamos dançando bastante tempo, depois fomos para o bar, bebi mais duas cervejas. O LP chegou perto de nós de mãos dadas com uma menina do colégio e mostrou um tubinho que tinha no bolso. Molhou a manga da sua camisa e chupou.

— Lança perfume — disse ele, jogando no nó da camisa da Kátia.

Abocanhei o nó da camisa dela e chupei com gosto.

Isso é muito bom!

Senti um calor subir pela minha cabeça e beijei a barriga dela.

Kátia tirou a bandana, soltando seus cabelos ondulados como a cena da praia. Deu a bandana para o LP colocar o lança perfume e também chupou.

Eu gostei tanto que peguei a bandana pra mim.

— Quero mais — disse rindo.

— Pega leve — Kátia me alertou.

Eu ignorei e não parei de usar aquilo.

Meu consciente não estava no seu estado normal.

A noite estava uma verdadeira loucura e então Kátia me pediu:

— Vamos embora?

Lógico! Ele agradeceu, afinal ficou duro a noite toda.

Fomos para o hotel. Tropecei em alguns paralelepípedos e caímos na gargalhada.

Cheguei no quarto um pouco cambaleando e vi que a cortina estava totalmente fechada. Lembrei de mim, do LP e do Japa olhando pela varanda.

Melhor assim.

Dei um sorrisinho sem graça para ela. Kátia estava com um olhar de desejo e aquilo me apavorou. O batimento acelerou mais, mãos suadas, tremedeira.

Já conhecia todos esses sintomas, mas agora também estava enjoado.

Ela é bem mais experiente do que você. Meu consciente não me ajudou.

Sou virgem, aids, puta que o pariu, por que estou pensando nisso tudo?

Kátia me puxou por cima dela na cama.

Fiquei tonto, nos beijamos mais, ela sentiu minha ereção e me virou. Eu fiquei deitado por baixo, Kátia ficou ajoelhada por cima de mim e rebolou mais um pouco.

Caramba, virgem, aids! Meu consciente pirou.

Então Kátia se curvou e perguntou baixinho no meu ouvido:

— Tem camisinha?

Fiz sinal de sim com a cabeça, minha boca estava seca, mal conseguia falar. Me afastei e fui até minha carteira que tinha deixado sobre a televisão, onde guardava uma camisinha havia pelo menos um ano. Estava um pouco tonto e fiquei com vergonha de colocá-la na frente dela.

— Vou ao banheiro — disse com a voz rouca.

Entrei no banheiro e deixei a porta semiaberta. Fiquei em pé em frente ao espelho.

Tirei a camisinha. Tentei abrir o pacote com a unha e não consegui. Sem pensar trouxe ela em direção à boca e rasguei com o dente. Solucei.

Vi o tamanho da camisinha totalmente desenrolada e imaginei que tinha sido feita para o Tripé e os caras dos filmes do meu irmão.

Como eu ponho essa merda? Perguntei para o meu consciente que desmaiou.

O coração acelerou mais, sentia minha boca salivar, tremia e tive que apoiar na pia para não cair, suave muito. Com a outra mão tentei colocar a camisinha enrolando-a de volta nele.

Definitivamente não deve ser assim que se põe. Pensei sozinho, totalmente confuso.

Ele, que ficou ereto a noite toda, já tinha perdido o fôlego, meu estômago revirava e em um minuto vomitei.

Não parava de vomitar. Nunca tinha visto ninguém vomitar daquele jeito antes. Sentia meu corpo gelado e uma sensação que nunca tinha sentido, e nunca mais queria voltar a sentir.

Horrível o gosto na boca.

Percebi que Kátia veio até a porta para ver o que estava acontecendo, mas não conseguia falar nada. Fechei a porta e vomitei mais.

Após alguns minutos me recompus, tomei um banho e sai do banheiro enrolado em uma toalha.

Kátia estava vestida, só me esperando para se despedir rapidamente e ir embora. Cai na cama e dormi.

Acordei no dia seguinte com todos os sintomas pós porre multiplicados por cem. Confuso, lembrava de partes do que aconteceu e uma depressão se instalou quando lembrei da parte que não aconteceu.

Coloquei a culpa nas drogas, então prometi para mim mesmo que nunca mais voltaria a usá-las.

Era o fim das férias e continuava virgem.

MENINA NOVA — 7 DE DEZEMBRO DE 1991

Quando Nanda completou quinze anos, fez aquela festa tradicional enorme em ritmo *dance*.

Depois de todos acontecimentos de Porto Seguro minha timidez voltou com força total.

Mesmo depois de tudo que Nanda havia me falado de sua amiga do clube Amanda, não conseguia ir falar com ela. Fiquei encostado na parede olhando como a primeira vez que entrei na Up and Down.

Amanda tinha catorze anos, jogava Tênis, era uma menina baixinha linda de cabelos lisos na altura dos ombros, seios pequenos e que às vezes ia brincar com Nanda lá em casa. Foi com ela que dei meu primeiro beijo anos atrás, no meio de uma brincadeira.

Minha irmã já tinha falado que ela gostava de mim, mas eu não a levei muito a sério. Achava Amanda muito nova.

Fui até o banheiro e ao sair tomei um susto ao vê-la com minha irmã me esperando parada na porta.

Nanda me deu uma risadinha e falou:

— Pedro, essa é minha amiga Amanda, lembra dela?

— Oi — falei totalmente sem graça.

Via em Amanda a mesma timidez que a minha. Então não tínhamos muito o que falar. Meu consciente despertou e me fez puxá-la para trás de um biombo.

Sem trocarmos uma só palavra, nos beijamos ao som de “Don’t Forget My Number”, do Milli Vanilli. Reparei que ela estava usando aparelho nos dentes.

Ficamos nos beijando ali por bastante tempo, eu tomando todo o cuidado para não machucar sua boca e Amanda não disfarçando um lindo sorriso de felicidade. Parecia que ela estava realizando um sonho de criança.

Mas ela é praticamente uma criança. Meu consciente me avisou.

No fim da festa, minha irmã me fez um pedido surpreendente. Ela iria chamar Amanda para dormir em casa, como de costume.

Seu namorado, o Eduardo, que já namorava com ela havia alguns meses, também iria. Sempre que dormia em casa ficava comigo no quarto.

Eu morria de ciúmes de Nanda e lembrei que meu pai sempre pedia pra eu e o Tô protegemos ela. Só que Nanda disse que se a Amanda fosse dormir com ela, no meio da noite trocaríamos de quarto. De início resisti à ideia. Achei aquilo uma loucura!

Minha irmã ia dormir com o Edu, ou seja, ela ia perder a virgindade mais nova do que eu!

Que raiva, ele se revoltou.

O Edu, apesar de ser um garoto legal, tinha a mesma idade dela, portanto também ia perder a virgindade antes que eu.

— Não sei... — disse pensando.

Nanda insistiu apontando para Amanda, que respondeu dando um sorriso encabulado pra mim.

Ela acabou me convencendo, dizendo que seria o meu presente de aniversário para ela.

Acabei cedendo, afinal a Amanda era linda e minha virgindade iria embora junto com a deles.

Feito como combinamos, fomos para casa e exatamente as duas horas da madrugada eu fui silenciosamente até o quarto da minha irmã.

Bati levemente na porta, Nanda saiu, me deu um beijo no rosto, agradeceu e foi em direção ao meu quarto.

Entrei em seu quarto e tranquei a porta rapidamente. Me virei e percebi que Amanda estava com um baby doll bem infantil, rosa com ursinhos brancos desenhados, a televisão estava ligada na MTV, passando um clipe da Madona. Na parede um pôster do Ricky Martin ocupava o lugar que antes era dos Menudos.

Antes de me deitar, reparei sobre o criado-mudo algumas figurinhas e um álbum com vários corações e duas crianças nuas de mãos dadas desenhadas, com o título: “Amar é...”

Entrei embaixo do edredom com Amanda tremendo, mais nervosa do que eu.

Começamos a nos beijar e minhas mãos começaram a trabalhar. Mesmo com todos os meus fracassos, elas tinham se tornado hábeis.

Amanda hora tirava, hora deixava eu tocá-la, numa briga de mãos engraçada.

E se o meu pai entrar no meu quarto?

Acabei olhando para os porta-retratos de minha irmã sobre uma bancada. Tinha uma foto de Nanda com uns oito anos que me chamava a atenção. Ela estava segurando um ursinho que ainda estava ali no quarto.

Olhava para Amanda, que estava de olhos fechados, pensava na minha irmã ali ao lado no meu quarto com o Edu, olhava a foto no porta-retratos, o ursinho no chão e o álbum no criado-mudo.

Já estava arrependido de ter trocado de quarto com Nanda, achava que ela era muito nova pra perder a virgindade.

Ele queria muito, mas meu consciente me repriminou.

Se você acha que Nanda é muito nova, Amanda é mais nova ainda.

Com esse argumento do meu consciente, somado com o ciúme de Nanda e principalmente a preocupação de meu pai descobrir que ajudei Nanda trocando de quarto ao invés de protegê-la, refuguei.

Estava totalmente depressivo. Ia completar dezessete anos e todas as oportunidades que tinha para perder minha virgindade davam errado.

Para dificultar ainda mais a situação, Freddie Mercury tinha acabado de morrer de aids e Magic Johnson deixava as quadras de basquete para se tratar da doença.

O Cabeça não me deixava quieto. Continuava me chamando de Cabaço.

Por que ele não para?

Cabeça era quem mais inventava apelidos para os outros e o que mais me irritava. Não estava aguentando mais.

Foi nessa época que o professor Roberto passou a ser meu confidente, substituindo o Carioca.

Ele era dez anos mais velho do que eu, treinava a equipe de atletismo do clube e vivia pilotando uma Harley Davidson antiga que pertenceu ao pai dele. Eu o admirava bastante.

Por causa disso queria cursar Educação Física, mas ao contar isso para o meu pai, ele desaprovou.

Pensei então em arquitetura. LP escolheu engenharia civil e queria me convencer de todas as maneiras a fazer também me dizendo que eu era bom em cálculos.

Amanda dizia que eu tinha que escolher o que fazer independentemente da opinião dos outros.

Decidi que não iria mudar de ideia por causa do LP, já bastavam as desaprovações do meu pai. Comecei a fazer cursinho e resolvi me dedicar mais ainda aos estudos. Amanda era a única que me incentivava e se mostrava uma ótima amiga.

Ela estava levando o tênis muito a sério, e eu retribuía o apoio apesar de achar que seu pai a pressionava demais.

Nanda, para aumentar o meu ciúme, abandonou o vôlei para se dedicar ainda mais ao namoro com o Edu. Eu ainda saía com meu irmão, mesmo ele namorando com Renata.

Então, além de Cabaço, também me chamavam de “Empata-foda”.

Fomos a uma festa na casa do Cabeça que nos recepcionou:

— E aí Tô, trouxe o Cabaço com você?

Que raiva.

Como sempre as festinhas na casa do Cabeça eram movidas a cigarros e bebidas ao som de Guns N' Roses.

Não gostava de nenhum dos dois, isso não me trazia boas lembranças.

Os pais do Cabeça eram separados, e a mãe, d. Dalva, era quem morava na casa e vivia me dizendo que eu parecia com um ex-namorado dela.

A d. Dalva devia ter uns cinquenta anos e já tinha passado por três casamentos.

Na festa também estavam o Tripé e o Gordo, todos com as namoradas.

Uma sobrinha da d. Dalva também estava lá e me chamava a atenção.

Pena que tem namorado. Meu consciente lamentou.

De estatura baixa, tipo mignon, cabelo na altura dos ombros, me olhava de um jeito diferente, mas eu achava que era minha imaginação, afinal ela tinha um namorado que tinha a idade do meu irmão.

Havia outras pessoas que mal conhecia e eu estava um pouco perdido naquela casa, exatamente como dizia a música “Eduardo e Mônica”, do Legião Urbana:

“Festa estranha, com gente esquisita, eu não tô legal...”

Não esperava nada daquele lugar, tudo era estranho, até que a mãe do Cabeça me chamou em um canto da sala.

— Você realmente se parece com meu ex-namorado.

— É mesmo... — disse sem dar muita importância, pois ela sempre dizia a mesma coisa.

— Você conhece a casa? Sabe o que tem lá em cima?

Olhei pra ela, estranhando a pergunta.

Dalva nem me deixou responder, me puxou pela mão e ainda nas escadas disse:

— Venha, vou te mostrar os quartos.

Ela me puxou para dentro de um quarto, trancou a porta e me deu um beijo na boca.

Me apavorei. Ela tirou minha camisa e eu a dela. Olhei para o corpo dela e realmente não era nada parecido com os poucos que tinha visto antes. Suas formas já não eram tão firmes, mas mesmo assim, era uma mulher atraente.

Soltei o botão e abri o zíper da minha calça em dois segundos. Ela tirou a dela sozinha. Estávamos só de cueca e calcinha. Na minha cabeça pensava na aids que tanto falavam e na merda da camisinha. Dalva abriu a gaveta do criado-mudo e pegou uma.

Ela me olhou e disse:

— Quer que eu coloque?

Fiz sinal de sim com a cabeça, ainda tremendo. Ela se sentou na cama, rasgou o pacote da camisinha com o dente e me mostrou como se fazia.

Então, é assim!, meu consciente exclamou.

Dalva se deitou apoiando as costas no colchão. Me deitei por cima dela. Ela foi uma verdadeira professora. Segurando nele, o introduzindo para dentro do seu sexo. Fiz movimentos rápidos com os olhos fechados.

Não demorei para gozar.

Pronto! Fim, Cabaço nunca mais!

Essa é pra você Cabeça! Foi o que pensei, mas eu preferi ficar como meu primeiro apelido: Mudo.

Voltei para casa e tomei um longo banho. Lembro-me do caminho, da rua, de chegar em casa me sentindo outro, como se não fosse mais eu. Era uma sensação fantástica, quase onírica. Foi muito diferente do que imaginei, mas estava tudo bem, meu martírio tinha chegado ao fim.

Tinha vontade de falar para o Cabeça. De apontar para ele, de rir. *Cabeça eu era cabaço, mas agora sou se padrasto!* Ele com certeza ia parar de me atormentar, mas não falei nada, e nem precisava. Meu sorriso dizia tudo.

Na rua, o Cabeça virou “Cabaço Júnior”. Era a glória. Acho que ele ficou mais bravo com o apelido do que com o acontecido. Todos passaram a chamá-lo de “Júnior” e ele, que sempre colocava os apelidos horríveis, acabou finalmente tendo o seu.

VIDA NOVA — 1º DE OUTUBRO DE 1992

Eu não corria mais pelo clube, ou pelo menos não como antes. Por isso deixara de ser Coelho. As espinhas também sumiram, finalmente, e ninguém lembrava mais do Choquito. E embora continuasse tímido, estava mais confiante, e meus anos de Mudo ficaram para trás. A partir de agora eu seria apenas PH.

Não que minha primeira vez tivesse sido uma maravilha, pelo contrário.

Mas para alguma coisa ela serviu.

Agora transar seria algo para mim, e não para provar algo. Queria mais, queria aprender direito. Queria que fosse bom.

Enquanto eu pintava o rosto de verde e amarelo e ia para as ruas junto com meu consciente pedindo o

impeachment do presidente Collor, ele reivindicava por mais sexo.

Então sem grande pressão comecei a ficar com Cintia.

Ela era sócia do clube, que eu ainda frequentava, e nos conhecemos na piscina. Era loira, tinha dezenove anos. Não era exatamente bonita, mas tinha uma bela bunda, bem empinada, e principalmente era fácil. Aliás, todos a conheciam por ter ficado com muitos garotos do atletismo.

Por um lado achei que isso até poderia ser bom, pois não seria tão demorado para transar com ela. Mas Cintia ficava desconfiada, achando que depois que transássemos eu não iria mais querê-la como aconteceu com os outros garotos, por isso passou a se fazer de difícil.

Mais três meses se passaram sem nada acontecer e já estava de saco cheio da Cintia.

Acho que ela percebeu isso e num ato de tentar salvar o nosso suposto relacionamento me propôs conhecer um motel assim que eu completasse dezoito anos.

Seria um presente e uma comemoração dupla, meu aniversário e minha entrada na faculdade.

Caramba, ainda falta um mês — ele contou.

Estava curioso em conhecer um motel, de tanto que meus amigos me falavam, então resolvi esperar mais um pouco, afinal eu já estava acostumado a esperar.

No dia em que completei dezoito anos tive o prazer de conhecer um motel e andar na minha nova moto CBX 750 que acabara de ganhar do meu pai.

Estava tão ansioso em conhecer um motel quanto em transar com a Cintia.

Fui o mais rápido possível ao motel mais próximo de casa.

Paramos na portaria:

— Boa noite — falou uma voz vinda do alto-falante, da recepcionista que estava atrás do vidro escuro.

— Boa noite... — respondi olhando a tabela de preços dos quartos —, a simples.

— Os documentos, por favor.

Passei nossos documentos por uma gaveta abaixo do vidro.

Entramos em um corredor com diversas garagens com números sobre os portões. Estacionei minha moto no número correspondente a nossa chave. Fechei o portão por meio de um interruptor.

Abri a porta, passei por um pequeno hall e me deparei com uma cama com um espelho no teto.

Que legal!

Cintia tomou a iniciativa, apagou as luzes mais claras e ligou algumas luzes de néon. Ligou também o som que tocava Van Halen.

Ela me abraçou pelas costas e me beijou na nuca passando as mãos pelo meu abdômen, indo em direção a ele.

Virei bruscamente e a beijei tirando sua camisa, Cintia tirou a minha enquanto eu esfreguei um tênis contra o outro para tirá-los rapidamente, depois tirei minha calça jeans. Cintia fez o mesmo.

Deitei sobre ela na cama e comecei a fazer movimentos como se estivéssemos nus.

Cintia me arranhou nas costas e começou a tirar minha cueca.

Com pressa eu a ajudei e ajoelhei para tirar sua calcinha. Deitei novamente por cima dela. Lembrei dos garotos do clube e da aids.

Merda!, ele gritou.

Levantei e peguei uma camisinha no bolso da minha calça. Cintia me olhava enquanto eu colocava pela primeira vez sozinho, como a mãe do Cabeça tinha ensinado. *Ela colocando é bem melhor*, ele reclamou.

Retornei à posição que estava e Cintia direcionou ele, agora com camisinha, para o seu sexo. Foi

minha segunda vez.

CLIENTE FIEL — 12 DE JUNHO DE 1993 – DEZOITO ANOS

Continuava com Cintia por pura falta de opção e porque com ela, eu não ficava sem sexo.

No dia dos namorados fomos novamente ao mesmo motel, pois já estávamos acostumados. O “Pecado Capital” tinha um ótimo custo-benefício com nosso cartão fidelidade. Descobri que esse era um dia péssimo para ir ao motel, pois as suítes estavam lotadas, principalmente os quartos mais simples. Era então hora de conhecer uma suíte mais luxuosa, com hidromassagem, que era a que tinha menor espera.

Entramos e ficamos parados atrás de uma fila de carros. Percebi que outros casais que esperavam em seus carros, estavam em melhor situação, já que poderiam trocar carícias, diferentemente, eu estava exposto aos olhos de todos sentado em uma moto.

Ao entrar no quarto, resolvi então encher a banheira para ver como funcionava a hidromassagem.

Nunca havia usado uma antes, obedeci as recomendações escritas, enchi de água, liguei o botão e funcionou perfeitamente.

Enquanto isso, Cintia se aproximou e tirou minha camisa, fiz o mesmo com a dela, ela desabotoou minha calça e abaixou meu zíper, deixando-a cair. Enquanto eu tentava tirar seu sutiã, Cintia enfiou a mão por dentro da minha cueca e se abaixou. Era a primeira vez que eu receberia sexo oral. Estava ansioso, desisti do sutiã. Então ela abaixou minha cueca segurou ele com uma mão e o colocou na boca.

Começou a chupá-lo, subindo e descendo rapidamente, o que fazia com que o machucasse às vezes, mas fiquei quieto, ela acelerou e misturou-se uma sensação de prazer e dor.

Deve ser assim mesmo, ele estranhou.

Puxei Cintia pela mão para cima e disse:

— Vamos entrar na banheira?

Cintia entrou enquanto eu colocava a camisinha.

Entrei na banheira e Cintia veio por cima, de frente pra mim, sentando no meu colo. Percebi que ele tinha dificuldade para entrar em seu sexo, que parecia seco.

Ela começou a se mexer devagar e depois acelerou. Cintia rebojava forte e gemia alto. Estranhava toda vez que ela gemia, mas fingia estar tudo bem.

De repente reparei que a camisinha estava boiando na água. Meu consciente pensava em parar, mas ele argumentava e aproveitava: *aids, se ela tiver já me passou! Agora foda-se!*

PERNOITE ESTRANHO — 13 DE AGOSTO DE 1993

Depois daquele dia no motel, eu e Cintia só transávamos sem camisinha.

É muito melhor sem, ele constatou.

Afinal estávamos namorando já havia alguns meses e confiávamos um no outro, e, além disso, depois do episódio da banheira, não tinha mais necessidade.

Continuávamos indo no mesmo local e minha mesada ficava toda lá.

Um dia chegamos lá no carro do Tô, pois já sabia que para as suítes mais simples sempre havia uma pequena fila de espera e eu não queria ser visto.

Ouvindo “A rádio rock”, aguardarmos no carro em frente a nossa garagem.

Enquanto esperávamos, e sem nada para fazer, abaixamos um pouco nossos encostos dos bancos e

começamos a nos beijar.

Cintia passou a mão por cima da minha calça já sentindo minha ereção. Ela abaixou meu zíper e colocou a mão por dentro da minha cueca e começou a me masturbar.

Eu fiz o mesmo com ela, comecei tocando o seu clitóris, abaixei um pouco sua calça para conseguir introduzir meu dedo indicador em seu sexo.

Estava ofegante de tesão e ao mesmo tempo preocupado se a recepcionista viesse nos chamar.

Os vidros embaçaram.

Melhor assim. Meu consciente relaxou.

Cintia também estava ofegante e parecia gostar.

Ao gemer no meu ouvido, me arrepiando inteiro, e acelerar o movimento com a mão, Cintia me fez gozar rapidamente.

Para limpar a sujeira, Cintia me sugeriu pegar um lenço de papel em sua bolsa que estava no banco de trás, enquanto ela se arrumava.

Fiz o que ela sugeriu, mas ao abrir sua bolsa, fui surpreendido ao ver uma embalagem de camisinha aberta, sem nada dentro.

Com quem ela usou?

Sem pensar, peguei a embalagem de camisinha na mão, joguei no seu colo gritando:

— O que significa isso?

Cintia arregalou os olhos assustada e um silêncio culposo se instalou dentro do carro.

— Me explica isso! — continuei gritando.

Cintia me olhou sem saber o que falar.

Segundos que pareciam horas.

Liguei o carro e fui em direção à saída com Cintia calada.

Avisei na recepção que iríamos embora e nos devolveram nossos documentos.

Saí do motel e parei o carro na estrada:

— Pode descer — ordenei.

Cintia me olhou assustada.

— Desce! — repeti alto jogando seu documento no colo dela.

Ela me encarou como o seu João, mas saiu.

Aquele foi o fim do nosso namoro e pior do que ouvir os apelidos do Cabeça, foi ouvir durante um bom tempo meu consciente me chamando de corno.

FÃ DO BOM JOVI — 15 DE NOVEMBRO DE 1993

Durante o primeiro ano de faculdade me distanciei de Amanda.

Ela estava ocupada com seus treinos e eu estava ocupado com meus estudos e com meu namoro.

Raras foram as vezes em que nos encontramos no clube e eu sentia falta das nossas conversas.

Nanda deixou de ser fã do Ricky Martin e trocou o pôster do quarto pelo do Bon Jovi. Ela, Edu e Amanda iriam ao show da banda que aconteceria no estádio do Pacaembu. Minha irmã insistiu para que eu fosse com eles, dizendo que uma amiga desistiu, portanto um ingresso havia sobrado.

Disse que ia pensar, mas quando Amanda chegou em casa para ir ao show, me espantei.

Com dezesseis anos Amanda estava ainda mais bonita. Sumiu o aparelho nos dentes e aquele jeito de

criança. Seus cabelos estavam compridos com luzes e o corpo mais atlético que muito me atraiu.

Como está diferente!, ele reparou.

Não é mais uma criança. Meu consciente também se surpreendeu.

Amanda vestia uma calça jeans superapertada, camiseta branca com a estampa da banda e um par de tênis vermelho.

— Que legal que você vai com a gente — Nanda disse animada, piscando pra mim e olhando de lado para Amanda.

— Sou fã do Bon Jovi — menti.

Só aí percebi que Nanda e Amanda tinham inventado aquela história da desistência da amiga para eu ir com elas ao show.

Fomos ao show da banda no estádio do Pacaembu e, lá na pista, beijei-a mais uma vez.

Era um beijo diferente. Gostoso.

Com quem ela aprendeu?

Após o show, passamos no McDonald's antes de voltarmos para casa.

Já estava tarde para eu deixá-la em casa, então, como combinado com sua mãe, Amanda dormiria em casa no quarto com minha irmã.

Tudo isso me lembrava o que acontecera ali dois anos antes.

Mas agora era diferente, quem queria trocar de quarto de verdade era Amanda, que me disse que não era mais virgem, assim como eu.

Edu e Nanda já estavam acostumados com a troca de quartos à noite, isso para eles era normal. Meu ciúme de Nanda já não tinha mais sentido.

Quando fui ao quarto de Nanda e bati na porta, ela abriu, me deu um beijo no rosto e falou baixinho no meu ouvido:

— Vai devagar.

Não entendi o que Nanda queria dizer com aquilo, mas não pensei muito no assunto ao ver Amanda me esperando.

Amanda parecia estar tão determinada quanto eu.

Nos beijamos como nunca havíamos beijado antes. Um beijo quente e úmido. Tirei rapidamente minha camiseta e abaixei minha calça de moletom. Amanda ficou estática enquanto eu retirava sua camiseta e sua calça jeans.

Uma lingerie bem diferente do baby-doll infantil que ela usava antes apareceu.

Retirei seu sutiã e passei a chupar os seus seios. Amanda não reagiu, mas parecia gostar.

Me ajoelhei e beijei-a no abdômen enquanto abaixava sua calcinha. Senti ela um pouco nervosa e sua determinação parecia ter ido embora.

— Está tudo bem? — perguntei, levantando o rosto.

Amanda fez sinal de sim com a cabeça um pouco ofegante.

Voltei a sentir também os mesmos sintomas de sempre.

Você precisa se controlar. Meu consciente recomendou.

Vai logo!, ele retrucou.

Amanda deitou na cama ainda de olhos fechados.

Tirei minha cueca e ele saltou desesperado.

Deitei sobre Amanda, demos as mãos sobre as cabeças com os dedos entrelaçados e tentei penetrá-la.

Apertado! Desconfiei.

Lembrei do conselho da Nanda: “Vai devagar!”.

Será que ela ainda é virgem?, meu consciente suspeitou.

Por que ela mentiria?, ele debateu, mas já estava lá. Forçando.

ELE entrou apertado, tocando alguma coisa, rompendo algo. Era bem diferente do que tinha sentido antes.

Fiquei na dúvida se realmente o normal era assim, afinal eu não era muito experiente. Dalva e Cintia não eram bons exemplos pra mim.

Os dedos se apertaram.

Na dúvida, ouvi minha irmã. Fui me movimentando bem devagar, acelerando aos poucos até gozar.

Amanda abriu os olhos e um sorriso de felicidade.

Deitei ao seu lado e desconfiado olhei para ele, a marca estava ali.

Um pouco de sangue era mais do que a prova necessária. Amanda era virgem.

— Por que você mentiu pra mim?

— Não queria ser rejeitada de novo.

Ela mal sabia que o problema antes estava em mim.

Dormimos de conchinha e pela primeira vez na vida senti essa sensação.

Acordei com cabelos no rosto, dor no ombro e ele duro.

Acabamos iniciando um namoro escondido graças à colaboração da minha irmã.

— Você não tem ideia do quanto ela te ama! — Nanda contou secretamente. — Não pisa na bola com ela.

Somente conseguíamos transar quando ela dormia em casa, pois ela não tinha idade para entrar em um motel, e isso acontecia raramente, já que não era sempre que seu pai permitia. Ele dizia que ela tinha que dormir cedo para render no treino do dia seguinte.

Mesmo assim, eu estava feliz.

Passei a acompanhar e incentivar Amanda nos treinos de corrida e assistia seus treinos técnicos e jogos da arquibancada. Fora das quadras nossas conversas giravam em torno das nossas expectativas futuras. Eu preocupado em me formar e arrumar um emprego, não queria mais a mesada do meu pai.

Já Amanda se sentia pressionada pelos seus pais. Eles eram Argentinos.

A mãe Dora, era uma ex-modelo que se aventurava no mundo do teatro. Já seu pai Pablo era um ex-jogador de tênis que depositava todas as suas fichas no futuro profissional da filha mais nova, já que a mais velha, Flávia, se revoltou com tamanha pressão.

Talvez toda frustração dele como atleta tenha sido colocada nas costas de Amanda. Queria transformá-la na nova “Gabriela Sabatini”, ele dizia. Tudo isso graças a bons resultados em competições juvenis.

Em um torneio no clube Pinheiros, eu, Nanda e Edu nos juntamos a sua família na torcida. Lá como sempre estavam seu pai, d. Dora e Flávia.

O jogo estava equilibrado e todo erro de Amanda era acompanhado de um desespero de Pablo.

O set decisivo estava no tie-break, Amanda bateu uma bola paralela que seu pai disse ser simples mas que ficou na rede. Ela perdeu.

Estava triste pela derrota dela e iria como sempre apoiá-la, afinal, perder fazia parte do jogo.

Ao me levantar da arquibancada, Pablo disse que precisava falar comigo. Todos saíram e ficamos a sós.

Disse que descobriu que Amanda estava namorando comigo e que ela “perdeu seu poder de concentração”.

Como ele descobriu?

E se eu realmente a amasse, desistiria do namoro pensando no futuro dela.

Isso me pegou de surpresa e fiquei mais derrotado do que Amanda.

Era muito pior do que passei com o João, pai de Isabel, pois dessa vez eu não tinha pra onde correr.

No dia seguinte minha irmã me entregou uma carta escrita por Amanda:

PH,

Às vezes precisamos abrir provisoriamente mão de um sonho para realizarmos outro. Mas estarei eternamente pensando em você!

Não se preocupe, eu prometo, vou atrás de um sonho agora, no futuro vou atrás do outro. Te amo.

Amanda

Eu estava destruído.

Cintia

Comecei a namorar aos treze anos com o Thiago de dezessete.

Perdemos a virgindade juntos um ano depois e nosso namoro durou mais três anos, até ele se mudar para o Guarujá, mas sempre que nos reencontramos, acabamos transando.

Depois que acabou nosso namoro, achei que era muito nova pra começar outro relacionamento, queria aproveitar.

Fiquei com quase todos os garotos do clube, mas o mais bonito faltava pra minha coleção: o Coelho, que era um ano mais novo do que eu.

Ele não tirava o olho quando eu passava na área da piscina de fio dental, mas não vinha falar comigo, era tímido demais. Suspeitava que ele ainda era virgem.

Foi o professor Roberto que um dia nos apresentou. Praticamente fui eu que o agarrei pela primeira vez, para isso o Coelho era devagar.

Apesar disso ele tinha as mãos hábeis e eu estava louca para transar.

Diferente dos outros garotos, ele parecia ser um cara legal. Eu comecei a gostar dele, então teria que me segurar para ele me valorizar, mas não resisti muito.

Fui eu que levei ele pela primeira vez em um motel e passamos a ser assíduos frequentadores.

No começo Coelho era inexperiente, mas aos poucos ele foi se soltando e melhorando.

No dia em que eu lhe fiz pela primeira vez um sexo oral, começamos a transar sem camisinha após ela se perder na hidromassagem. Era muito melhor sem.

Um dia Thiago apareceu em casa sem avisar. Disse que voltou para São Paulo e que estava morando sozinho em um apartamento. Fiquei preocupada em ser vista com ele no portão, então resolvi aceitar o convite dele para ir conhecer o lugar.

Fiquei na dúvida quando ele embicou o carro no portão do prédio, mas fiquei sem jeito de negar. Thiago tinha sido meu primeiro namorado e toda vez que nos reencontrávamos, era a mesma coisa.

Quando me dei por mim, já estava com ele na cama. Só deu tempo de me proteger, pois eu não sabia com quem ele estava transando. Thiago não tinha camisinha, então peguei uma que estava havia meses na minha bolsa.

Consegui voltar para casa antes de o Coelho chegar. Tínhamos combinado de sair naquela noite e por pouco não fui pega em flagrante.

Com o carro do seu irmão entramos no motel e ficamos nos masturbando enquanto estávamos esperando. Após fazer o Coelho gozar, ofereci um papel para ele se limpar. Coelho pegou minha bolsa e lá encontrou o pacote de camisinha que eu tinha usado. Foi muito azar!

Não sabia o que falar. Seus olhos arregalaram de raiva. Ele deu meia-volta enquanto eu pensava o que dizer. Após sair do motel, Coelho mandou eu sair do carro.

Por pior que fosse meu erro, ele não poderia me deixar sozinha de madrugada ali.

Um dia ele iria pagar por aquilo.

2. Aprendendo

22 DE DEZEMBRO DE 2004 – 13 HORAS

Acordo com o barulho alto de outra música sertaneja. Quantas horas teriam passado? Minha cabeça dói, meu corpo dói, tento gritar, mas não consigo.

— O que eu estou fazendo aqui? — murmuro.

Vejo meu reflexo novamente no espelho e me recordo que adormeci vendo o filme pornô na TV.

Levanto a cabeça para olhá-la. Está lá, no mesmo canal pornô.

Começo a gritar, mas logo desisto, pois percebo que ninguém consegue me ouvir.

Observo cada detalhe do lugar onde estou e o ambiente me parece familiar.

Eu já frequentei muito aqui!

Mudou apenas a decoração. As paredes são brancas, no teto o espelho é grande, retangular e fica sob um teto de gesso decorado. Luzes de lâmpada dicróica estão espalhadas a sua volta e os anjos querubins promíscuos parecem me observar.

O piso frio também é branco e uma parte coberto por um tapete colorido, à minha direita uma parede de vidro jateado divide o quarto do banheiro.

Há uma toalha branca usada jogada no chão na passagem do quarto para o banheiro.

Na minha frente uma cadeira erótica de couro preta, um espelho e a televisão um pouco mais alta que o som do rádio. Consigo ver pelo reflexo do espelho que está à minha frente um pedaço de uma saleta que fica ao lado do banheiro.

Uma mesinha de vidro com duas cadeiras formam um pequeno hall de entrada.

Sobre a mesa consigo ver uma garrafa de champanhe tombada e duas taças. Um roupão ainda embalado a vácuo no saco plástico está sobre uma das cadeiras.

O som ainda me irrita.

Se eu conseguisse desligá-lo...

Tento mexer novamente meus braços sem sucesso.

No outro criado-mudo, o pacote de camisinha intacto demonstra que ninguém o usou. Já o batom está aberto e usado.

Foi com ele que escreveram aquilo ali... Penso olhando para a frase escrita no espelho:

“Aqui se faz, aqui se paga!”

O que significa tudo isso?

Depressivo por causa do fim do namoro com Amanda me escondi atrás de uma tela de TV jogando Mario Bros por semanas.

Meus amigos ficaram preocupados comigo e me compraram de presente de aniversário um abadá para o carnaval.

Não sabia o que era aquilo e eles me explicaram que aquela camiseta me dava o direito de entrar em um bloco de carnaval na Bahia.

Após passar mal no avião, cheguei a Salvador, e minha primeira providência foi comprar um cartão-postal com a foto do Farol da Barra, e escrever para Amanda. “Estou aqui pensando em você!”

Imaginava o carnaval de lá uma bagunça, mas não imaginava que era tanta. Comparando com o carnaval que passávamos no litoral de São Paulo, na Bahia era tudo numa escala maior, em todos os aspectos, inclusive o calor que era infernal.

Comecei a beber para me animar um pouco, mas o lança-perfume eu pulei, conforme o prometido.

Dentro do bloco do Asas de Águia eles faziam fila e puxavam as mulheres para beijar e elas vinham em bando.

Beijando o primeiro da fila, depois o segundo, o terceiro... Não exatamente nesta ordem. Chamavam aquilo de guerra.

Havia uma disputa entre nós de quem beijava mais mulheres e eu estava em último, lógico pois não tinha beijado ninguém. Só pensava na Amanda.

No caminho de volta ao hotel, LP, Japa e Carioca não paravam de me irritar. Eu, que estava tão feliz em ser PH, voltei a ganhar um velho apelido: “Crente”.

Quando voltamos para o bloco no segundo dia, LP me deu uma bronca, dizendo que eles me trouxeram pra Bahia para eu esquecer Amanda, e não para ficar jururu com cara de tonto, olhando aquelas mulheres espetaculares e sofrendo sob o impiedoso sol de todos os santos. Dito isso me puxou para um trezinho. Na sua frente estava uma mulata alta, magra de cabelos crespos que chamava a atenção.

Quando começou a tocar a música “Tôa-Tôa”, LP saiu de trás dela e me colocou em seu lugar. Segurei-a pela alça do cinto do seu shorts jeans.

Ela olhou para trás assustada e sorriu.

Era a senha de que eu poderia continuar, e assim o fiz.

Esquece a Amanda. Ele estimulou.

Eles vão parar de te encher. Meu consciente recomendou.

Mesmo sendo difícil, não resisti, puxei-a contra o meu corpo e ela se virou, me abraçou por trás do pescoço e nos beijamos.

Não nos desgrudamos por um longo tempo, até que ela precisou ir ao banheiro.

O problema era que ela não poderia ir na praia como eu. O banheiro feminino estava com uma fila gigantesca, então ofereci ir ao meu hotel que estava perto, já com outras intenções.

Ela não recusou e, segurando sua mão, fomos até o hotel onde estava hospedado. Pedi a chave na recepção, e subi para o meu quarto.

Ela entrou no banheiro enquanto eu procurava a camisinha que muito tempo atrás deixara na carteira.

Lá no fundo só encontrei bem dobrada a carta da Amanda.

Fodeu.

Ouvi o barulho da descarga e depois o abrir da torneira enquanto vasculhava na mala do LP, ainda na

esperança de encontrar alguma lá.

A porta se abriu e a mulata saiu escultural na minha direção.

Nos beijamos, estávamos suados, minhas mãos envolveram sua cintura e ela sentiu minha ereção. Ela desceu a mão pela minha bermuda até chegar nele. Peguei o abadá dela por baixo e o tirei por cima de sua cabeça em dois segundos. Eu já estava sem o meu.

Ela tirou o sutiã, encostou seus seios no meu peito e enfiou a mão por dentro da minha bermuda, eu desabotoei seu short e forcei o zíper para abrir de tão apertado que estava.

Enfiei a mão por dentro do short e senti sua calcinha molhada. Passei a mão por dentro da calcinha e estranhei o tamanho do seu clitóris.

Nossa como é grande!, ele se assustou.

Ela estava me masturbando, quando resolvi beijar seu pescoço, descendo pelos seios, me ajoelhei e beijei seu abdômen.

Fiz força para abaixar seu short, ela me ajudou balançando o quadril e isso me excitou ainda mais.

Abaixei também a calcinha e fiquei cara a cara com seu sexo.

Seria a primeira vez que faria sexo oral e fiquei com medo por não saber o que fazer. Acabei apenas beijando sua virilha.

Nunca vi um clitóris deste tamanho, ele constatou.

Era grande, assim como os grandes lábios. Talvez aparecesse ainda mais com aquela depilação moicana estilo “punk”.

Me levantei retirando minha bermuda junto com minha cueca.

Sentei na cama e ela veio por cima, para se sentar de frente para mim no meu colo.

Meu consciente apareceu de novo perguntando da camisinha.

Ele respondeu: *Se eu recuar agora, talvez não consiga depois.*

Quando voltei da discussão entre ele e meu consciente, ela já estava ali, linda, quente e encaixada perfeitamente.

Começou a se mexer e rebolar com o som do trio elétrico ao fundo.

Chupando seus seios, surgiu a ideia de tocar seu ânus.

E assim fiquei acariciando ele enquanto chupava seus seios e ela movimentando seu quadril.

Percebi ela ofegante, mas ao mesmo tempo me concentrava para não gozar.

Ela se mexia e gemia mais, falando no meu ouvido.

— *Aí que gostoso. Aí que gostoso, continua assim, não para!*

Ela continuou se mexendo, falando, acelerando o ritmo e contraindo seu sexo. Não aguentei e dez segundos depois a empurrei para não gozar dentro do seu sexo.

Estávamos encharcados, ela sorriu para mim e me deu a mão para me ajudar a levantar, fomos até o banheiro, mas antes lembrei de ligar o ar-condicionado do quarto.

Abri o chuveiro e entrei puxando-a pela mão.

Deixei na água fria para refrescar e entramos embaixo d'água.

Delícia!

Após um bom banho, voltamos para o quarto que agora estava fresco.

Foi fácil tirar sua toalha e começar a beijá-la novamente.

Ela se deitou na cama e eu deitei por cima já penetrando sem ajuda. Nunca tinha conhecido uma mulher tão molhada.

Apoiei meus braços estendidos do lado do seu rosto e comecei a me mexer enquanto ela me puxava forte pela bunda.

Queria ir devagar, mas ela me puxava acelerando o ritmo do meu movimento e falava algo que não

entendia por causa da altura do som alto do trio elétrico.

Ela continuava falando algo, mas não entendia e não me interessava, pois estava muito gostoso e queria aproveitar o momento. Enfim, não estava a fim de conversar.

Puxando minha bunda, senti um toque no meu ânus e parei:

— Para! O que significa isso?

Ela começou a me explicar, aí eu entendi, pois comecei a prestar atenção:

— Você não gosta? Eu estou perguntando se você gosta de fio terra e você não responde.

— Fio terra? — perguntei sem entender.

Ela respondeu rindo:

— É o fio-terra, a mesma coisa que você fez comigo!

— Não, não gosto! — respondi sério.

Voltei para o bloco de mãos dadas com ela, vi o Japa abraçado com uma garota e a beijando na boca.

Precisava mostrar para ele que fiquei com aquela mulher linda, não queria mais ser chamado de Crente, mas como?

Qual o nome dela? Meu consciente perguntou.

Não sei, e não vai ser agora que eu vou perguntar.

Mesmo assim, fui em direção a eles e cutuquei o ombro do Japa.

— Merda, fodeu!

Era Flávia, a irmã mais velha da Amanda, que me olhou com desaprovação.

REGRA NÚMERO UM — 7 DE ABRIL DE 1994

Estava no começo do segundo ano da faculdade ainda não recuperado do fim do namoro. Só tinha notícias de Amanda por meio da minha irmã que um dia me entregou uma carta escrita por ela:

Oi PH, tudo bem?

Não recebi o postal que a Nanda disse que você me mandou de Salvador, será que você errou o meu endereço?

Como foi lá? Flávia me disse que você se divertiu muito...

Espero que você esteja indo bem na faculdade e consiga um estágio.

Eu continuo treinando muito. Meu pai disse que vai me mandar para uma clínica de Tênis na Argentina onde ele treinou, não é o máximo?

Bom, preciso ir treinar...

Saudades, Amanda

Será que o pai dela recebeu e não entregou? Que argentino filho da puta! E o que será que Flávia falou? Merda!

Muitas vezes ia até as quadras de Tênis do clube para vê-la jogar, mas ficava escondido em um canto na arquibancada, não queria perturbá-la e Pablo sempre estava por perto.

Amanda dedicou-se ainda mais aos treinos depois do fim do nosso namoro, assim como eu fiz com os estudos quando não conseguia perder o apelido de Cabaço.

Precisava esquecê-la e focar em outra coisa. Era o momento de começar a trabalhar.

Um amigo do meu pai que era engenheiro conseguiu um estágio para mim em um escritório pequeno de arquitetura.

Só conhecia uma pessoa que trabalhava lá, a arquiteta Lilian, prima do Gordo. Ela me ensinava muita coisa. Uma das primeiras coisas que me disse era que lá os sócios não admitiam envolvimento afetivo entre funcionários.

— Essa é a regra numero um — ela falou.

— Entendo!

Mas precisava me concentrar muito durante o estágio para seguir essa regra, pois Lilian às vezes me deixava disperso.

Achava que ela me olhava com outras intenções, mas podia ser só minha imaginação.

Quem também me tirava a atenção era a recepcionista Juliana.

Ela era uma morena alta, bonita, de cabelos cacheados, olhos verdes escondidos sob óculos de armação preta. Simpática, estava sempre mastigando um chiclete.

Juliana sempre me cumprimentava abaixando a armação dos óculos e dando uma piscadinha acompanhada de um sorriso lindo.

Um dia, saindo do escritório, estava à espera do elevador, quando Juliana parou do meu lado. Com aquele sorriso característico ela me olhava enquanto também esperava o elevador.

Não sabia bem o motivo, mas tinha alguma coisa diferente em seu sorriso naquele momento.

Meu coração acelerou ao perceber ela tocar minha mão. Respondi com um sorriso sem graça.

O elevador demorava para chegar ao décimo nono andar onde estávamos, parecia uma eternidade, então ficamos ali quietos, eu já estava imaginando o que poderia acontecer dentro do elevador.

Foi muito rápido, assim que entramos no elevador e a porta se fechou, apertei o térreo e nos agarramos intensamente com um beijo forte e a respiração ofegante.

Minhas mãos a puxaram pela cintura contra meu corpo e ela sentiu o quanto eu a desejava naquele momento.

Passei rápido minha mão no seu seio e Juliana passou a sua pela frente da minha calça.

Juliana desabotoou minha calça e pegou nele enquanto eu passava a mão pelo seu seio embaixo do sutiã.

Uma gravação de voz feminina nos interrompeu avisando que havíamos chegado ao térreo. Começamos a nos recompor e assim que a porta se abriu, vimos Lilian aguardando o elevador na nossa frente.

Ufa! Essa foi por pouco. Meu consciente suspirou aliviado.

Realizar a fantasia sexual de transar no elevador ia ficar para uma próxima vez.

No dia seguinte chamei Juliana para jantar.

Ela aceitou e logo depois que jantamos fomos direto para um motel.

Juliana estava com uma calça jeans superjusta, com botas até os joelhos, camisa de botões e um lenço no pescoço. Mais maquiada que o habitual seus cílios chamavam a atenção. Outra coisa que chamava a atenção era o cabelo que estava mais liso que o de costume.

Ao entramos no motel Swing no Morumbi, Juliana ligou o som.

Com Nirvana tocando e com as luzes apagadas, nos agarramos como no elevador só que com mais intensidade ainda, tudo muito rápido e de repente ela estava apoiada com os braços sobre a cama e as

pernas afastadas. Ainda em pé, penetrei-a com força e Juliana gemia muito.

Mas em um estalo ela foi para a frente e se desvencilhou de mim.

Me encarou com aquele sorriso lindo e se deitou na cama. Eu logo deitei por cima dela e comecei a penetrá-la forte novamente no tradicional papai-mamãe. Juliana gemia de novo e quando eu estava quase gozando ela gritou:

— Para!

Juliana me virou de repente, apoiando minhas costas contra o colchão. Ajoelhou-se sobre mim se encaixando perfeitamente nele.

Ela passava a mão por trás da cabeça mexendo nos cabelos o que me dava uma visão maravilhosa do seu cavalgar, apesar da falta de iluminação. Começou devagar e depois aumentou o ritmo ofegante, eu não aguentava mais. Gozei.

Juliana me olhou com seu característico sorriso no rosto e me perguntou:

— Gostou?

Fiz que sim com a cabeça.

— Então agora é minha vez.

Ela continuou se movimentando rápido, sensação estranhíssima, tinha acabado de gozar e Juliana se mexendo nele ainda dentro do seu sexo.

Estranho mas muito gostoso, Juliana tocou seu clitóris com o indicador, acelerou o movimento até cair sobre meu peito toda suada e falando baixinho no meu ouvido:

— Agora eu também gozei.

Então é assim... Meu consciente captou como uma mulher gozava de verdade.

O clitóris é o botão de start! Ele concluiu.

Combinamos de continuar saindo, mas ninguém no escritório poderia saber. Nós dois tínhamos medo de perder o emprego.

BOAS OPÇÕES — 20 DE JUNHO DE 1994

Passada algumas semanas Lilian veio até minha mesa e pediu para eu segui-la até a sua sala.

Imediatamente me levantei da cadeira e fiz exatamente o que Lilian mandou, não conseguindo disfarçar minha atração ao vê-la na minha frente de calça branca.

Entramos em sua sala, Lilian fechou a porta e se sentou em sua cadeira atrás de uma prancheta. Pediu para eu me sentar em uma cadeira ao seu lado.

Obedeci e após algum rodeio corrigindo alguns dos meus projetos disse que o escritório fecharia no dia do jogo de estreia do Brasil contra a Rússia na Copa do mundo de futebol, e me perguntou:

— Vamos marcar de assistir o jogo juntos?

— Sim, onde? — engasguei.

— Não sei, depois combinamos.

— Está bem — respondi não entendendo mais nada.

Meu consciente perguntou: *E a regra número um? E seu noivo?*

Quinta e sexta foram dois dias complicados no escritório, afinal estava transando com a recepcionista Juliana, mas tinha marcado de sair com a arquiteta Lilian, que sempre sonhei, então evitei as duas o máximo que consegui.

A Juliana também disfarçava bem, afinal havíamos combinado de não misturar sexo e trabalho. Quanto a Lilian, ainda bem que ela também me evitou, pois não sabia como me comportar na sua frente.

Juliana sabia da vida de todo mundo no escritório, então não me agüentei e perguntei para ela quando Lilian ia se casar.

Ela me respondeu dizendo que Lilian vivia reclamando do noivo, que tinha dúvidas se isso era realmente o que ela queria.

O que devo fazer? Meu consciente se calou.

Antes de sair do escritório na sexta-feira, Lilian passou na minha mesa e me deixou um bilhete com um endereço, dia e hora para buscá-la.

ELE passou o final de semana com Juliana, mas meu consciente estava pensando na Lilian.

Na segunda-feira peguei minha moto e fiz exatamente o que Lilian me propôs.

Procurei no guia e fui ao endereço que ela tinha passado.

Toquei o interfone e o porteiro me anunciou. Ele abriu o portão e disse que Lilian pediu para eu subir no quinto andar, apartamento 52.

O.k., ela deve estar se arrumando.

Toquei a campainha e Lilian abriu a porta vestida só de calcinha e camiseta branca.

Meu consciente lembrou da Amanda na primeira vez em que troquei de quarto com minha irmã.

Saudades.

— Oi — Lilian disse.

— Oi — respondi surpreso.

Ela me puxou pela mão e disse:

— Vem, meus pais viajaram.

Novamente meu consciente voltou ao passado, lembrando do seu João, pai da Isabel correndo atrás de mim.

— E o seu noivo?

— A única coisa que posso te dizer é que não estamos passando por um bom momento, o.k.?

Fiz que sim com a cabeça. Quanto menos soubesse, melhor.

La perguntar sobre as normas do escritório, meu consciente achou melhor me calar quando Lilian me puxou e sentamos no sofá, já nos beijando.

Ela passou a mão pelo meu cabelo enquanto eu passei minha mão em sua coxa.

Foda-se o jogo do Brasil!, ele se pronunciou.

Lilian sentou no meu colo de frente para mim e começou a rebolar sentindo minha ereção. Não demorou pra ela me puxar para o quarto.

Ainda lembrava do pai da Isabel.

Lilian tirou minha camisa e desabotoou minha calça. Eu só tive o trabalho de tirar sua camiseta por cima de sua cabeça.

Muito mais prático sem o sutiã.

Ela ficou só de calcinha e eu só de cueca. Como Lilian era baixinha, foi muito fácil puxá-la pela bunda para cima, ela cruzou as pernas por trás do meu quadril. Continuamos nos beijando e Lilian roçando seu sexo no meu. Estávamos separados apenas por dois finos pedaços de pano.

Depois de pouco tempo ela descruzou as pernas atrás de meu quadril e tocou os pés no chão, abaixou minha cueca e eu fiz o mesmo com sua calcinha.

O pai da Isabel não me saía da cabeça. *Merda.*

Lilian foi até uma gaveta e tirou uma camisinha lá do fundo. Rasgou o pacote e nesse exato momento meu consciente me trouxe uma recordação ainda pior: a bolsa de Cintia.

Eu estava tremendo e antes de colocá-la em mim, Lilian viu que ele não estava mais totalmente alerta.

Ficar lembrando do passado não me fez bem.

Lilian me deu um sorriso tentando me acalmar. Se virou, ligou o som na rádio Rock bem alto e me puxou pela mão para o banheiro.

Chegamos ao banheiro e ele já estava pronto para a luta.

Lilian ligou o chuveiro, eu entrei e me sentei no chão embaixo d'água.

Ela sentou no meu colo de frente para mim. *Finalmente*, pensei. Nos beijamos lentamente e ela foi aos poucos me levando à loucura. O balanço constante e sensual do seu corpo me dominou por um bom tempo, até eu gozar.

As emoções eram conflitantes, o medo de seus pais e seu noivo garantiram que eu não demorasse para ir embora, mesmo ela reafirmando que seus pais voltariam tarde. Preferi marcar de nos encontrarmos novamente outro dia.

Vou ter que arrumar uma desculpa para Juliana. Meu consciente se preocupou.

No outro sábado liguei para Lilian e combinamos que eu passaria em sua casa para pegá-la para sair.

Pedi para trocar a moto com meu irmão, já que Lilian tinha medo de andar de moto.

Ele estava com uma Ranger que tinha acabado de lançar. Conversamos no caminho sem saber para onde iríamos e de tanto dar voltas sem destino certo, resolvemos passar em um drive-thru do McDonald's.

Lilian se divertiu vendo a fila de carros e me disse:

— Nunca imaginaria que estaria comendo com você no carro.

Meu consciente aproveitou a oportunidade e me ajudou a dizer com humor:

— E eu nunca imaginaria comendo você no carro!

Lilian deu risada e eu confessei:

— Nunca fui em um drive-in.

— Sério? — ela desacreditou.

— Sério, vamos? — arrisquei.

— Vamos!

Pegamos nossos lanches, fui em direção à marginal Tietê e entrei no primeiro drive-in que encontrei.

Na recepção uma mulher nos indicou qual era nossa garagem.

Entramos no lugar indicado e desci para fechar a cortina corrediça.

No motel é mais moderno.

Escolhi um CD do Red Hot Chili Peppers que estava no carro para tocar e comecei a beijá-la.

O espaço dentro da caminhonete era apertado, mas Lilian era pequena e isso nos dava um pouco de mobilidade.

Após nos despirmos, ela sentou no meu colo de frente para mim e começou a rebolar. Perfeitamente encaixada, me lembrei como fazia Juliana, *o botão de start*. Então toquei o clitóris de Lilian como vi Juliana fazer e ela parecia gostar.

Após muitas sentadas, reboladas e algumas buzinadas com direito a gargalhadas Lilian contraiu seu sexo e gozou de um jeito que nunca vi.

Ela tremia muito, como se estivesse com calafrios. Parecia que tinha urinado sobre mim, mas era diferente, era um líquido mais viscoso. Não entendi direito o que aconteceu.

Lilian disse um pouco envergonhada que era a primeira vez que tinha acontecido aquilo com ela.

Ele inteiro, minha coxa e até um pouco do banco do carro estavam molhados. *Vou ter que limpar esse*

carro, se não meu irmão vai me matar.

Depois disso nos limpamos superficialmente do jeito que deu e resolvemos nos trocar para ir embora.

Fui ligar o carro e só aí percebi que o rádio estava desligado.

Virei a chave e nada, nenhuma luz no painel acendia.

— O que aconteceu? — Lilian perguntou.

Tentei mais uma vez.

— Essa não, acabou a bateria.

Dias depois Juliana me disse que Lilian havia comentado que estava traindo o noivo.

— Como assim? — engasguei.

— Traindo! Mas me pediu segredo — disse ela.

Meu consciente foi super-rápido e cínico.

— Jura! Com quem? — perguntei, morrendo de medo.

— Eu não conheço, mas ela disse que nunca havia gozado com o noivo e isso aconteceu com esse cara.

Fiquei eufórico. Era meu primeiro elogio nesta área, e eu quase não me contive.

— E agora? — perguntei.

— Não sei, mas esse noivo dela deve ser um bosta, depois de tanto tempo namorando nunca fez ela gozar, merece um chifre mesmo.

Santa regra número um que faz com que ninguém no escritório desconfie! Meu consciente comemorou.

Confesso que passei a ficar menos inseguro e talvez um pouco melhor em relação ao sexo, afinal nada melhor do que a prática para a perfeição.

Mas nessa fase da minha vida começou outro problema. Ou um quase problema: opções.

Ao mesmo tempo que estava saindo com a Juliana e com a Lilian, apareceu uma terceira mulher na minha vida, a Tânia, que era cliente do escritório de arquitetura.

As três frequentavam o mesmo lugar, o que era uma tremenda dor de cabeça. Sabia que mais cedo ou mais tarde, isso não ia dar certo, então precisaria resolver aquilo o mais rápido possível.

Tânia era uma cliente de ascendência árabe que tinha vinte e sete anos, ou seja, oito anos a mais do que eu.

Advogada bonita e de estatura mediana, cabelos lisos, olhos castanho-claros, corpo lindo todo proporcional e um nariz diferente: grande, anguloso, mas surpreendentemente bonito. Uma marca de seus antepassados, do sal do deserto e do vento com cheiro de jasmim do Oriente Médio.

Apesar dessa beleza exótica, demorei para olhar para ela como mulher, queria muito dar certo nesta primeira oportunidade de fazer sucesso na carreira, até porque meus amigos de faculdade não estavam indo tão bem.

E Tânia foi minha primeira cliente, com supervisão de Lilian, claro.

Após algumas idas ao escritório, Tânia quis marcar uma reunião no restaurante Arábia que era bem próximo do seu escritório.

Combinei de me encontrar com Lilian lá, mas quando cheguei, somente Tânia tinha chegado. Lilian estava atrasada por causa do trânsito.

Ainda bem que vim de moto.

Fiquei um pouco inseguro de estar sozinho com a cliente, mas tentei disfarçar. Além de tudo, eu não me sentia à vontade naquele lugar.

Tânia primeiro me ensinou um pouco sobre a culinária árabe, enquanto Lilian não chegava, mas como ela demorou, logo entrou no assunto da obra, me explicando o que não concordava no projeto.

A chegada de Lilian para mim foi um alívio, pois estava muito inseguro e tremia como antigamente.

Durante o almoço, Lilian acertou tudo o que Tânia queria mudar no projeto, e teve que voltar correndo para o escritório, pois ela já estava atrasada para a próxima reunião.

Fiquei para pagar a conta, e isso era um problema já que eu não tinha dinheiro para pagar um restaurante tão caro, afinal eu era apenas um estagiário.

Tânia ficou comigo e quando a conta chegou, meu consciente me ajudou:

— Onde eu deixei minha carteira?

Fingia procurar a carteira que estava no bolso da calça.

— Não acredito que esqueci no escritório! — disfarcei.

— O que você vai fazer hoje à noite? — Tânia perguntou.

Estranhei a pergunta que não tinha relação com a situação.

— Não tenho nada programado.

— Então eu pago essa conta e você me paga um cinema, que tal?

Tânia foi bem direta e meu consciente parecia nocauteado.

Ela está dando mole pra mim. E agora o que eu faço?

Se eu aceitasse ia me envolver com uma cliente, algo que poderia custar meu emprego, além de me complicar com a Lilian e a Juliana. Mas não tinha mais como voltar atrás. Além do que, Tânia era uma mulher bem interessante.

— Tudo bem — respondi, sem firmeza.

À noite fomos ao cinema para assistir *True Lies* e eu parecia um garoto de treze anos novamente.

Por que toda vez é a mesma coisa?

Com toda insegurança vindo à tona, senti minhas mãos suadas ao encontrar com as dela no apoio da poltrona do cinema, entrelaçamos os dedos e ficamos de mãos dadas um bom tempo.

Tânia deixou cair sua cabeça sobre meu ombro.

Virei o rosto para olhá-la, ela tirou a cabeça do meu ombro e virou seu rosto de frente para o meu. Nossos lábios se tocaram e realmente senti a mesma sensação daquele menininho em seu primeiro beijo com Amanda.

A partir desse momento não vimos mais o filme e passamos a noite somente nos beijando.

Que beijo bom!, ele gostou.

Percebi pelo beijo que o resto ia dar certo, e mesmo com a diferença de idade o namoro começou naturalmente. Era hora de terminar com as outras.

Com Juliana foi simples, terminei o relacionamento sem dar muitas explicações. Já com Lilian foi um pouco mais complicado, afinal ela era minha supervisora e queria terminar seu noivado para ficar comigo.

Muito cuidadosamente falei para ela não fazer aquilo explicando que não queria um relacionamento sério e dando a desculpa de que estava com foco na faculdade e no trabalho.

FESTA NO INTERIOR — 30 DE DEZEMBRO DE 1994

Jantares e cinemas foram nossos programas até eu apresentar Tânia para a turma da rua e viajarmos juntos para a chácara do Gordo em Sorocaba no réveillon.

Chegando na chácara, tudo estava armado para que eu e Tânia ficássemos sozinhos em um quarto, enquanto os pais do Gordo ficariam em outro. O Tripé não estava mais com a namorada, levou um amigo e junto com o Gordo e a Soraya, ficariam em outro quarto.

Tudo indicava que iríamos transar pela primeira vez naquela noite, mas por algum motivo, naquele momento eu estava calmo e esse fato não me assustava.

Acho que estou me acostumando, ele refletiu.

Estávamos na varanda em uma roda de violão. “Hey menino branco”, cantava o Gordo, dando o tom do início de Mais do Mesmo, música do Legião Urbana que dava início à roda de MPB e rock nacional cantados sob efeito de muita cerveja.

Eu preferi não beber, e quando chegou o começo da madrugada, Tânia me disse no ouvido para irmos para o quarto. Nos despedimos de todos e fomos pra lá.

No quarto, enquanto Tânia foi ao banheiro, tirei minha roupa e entrei embaixo das cobertas somente de cueca. Conseguia ouvir de longe o som da turma cantando “Te Ter”, do Skank.

Após algum tempo Tânia abriu a porta do banheiro e estava usando um baby-doll e uma calcinha minúscula.

Gosto disso! Ele aprovou.

Ela parou e se apoiou no batente da porta me encarando com um sorriso malicioso.

Já estava excitado quando Tânia se deitou de lado na cama e eu a abracei por trás. Beijeí atrás da sua orelha e do seu pescoço. Senti ela ofegante e um pequeno gemido.

Passei a mão pela sua cintura e fui em direção ao seu sexo.

Enfiei meu dedo por dentro da calcinha, pela frente, acariciando seu clitóris, lembrando do que aprendi com Juliana, e o gemido aumentou.

Ela colocou o braço para trás, enfiou a mão por dentro da minha cueca e ficamos nos acariciando. Já estava quase gozando quando resolvi tirar minha cueca. De lado encaixado atrás dela, penetrei-a com o dedo e senti que ela estava totalmente molhada. Ela começou a se mexer e me masturbar. Gemendo bastante Tânia se mexia para eu me encaixar por trás e com seu auxílio, a penetrei deliciosamente.

Ela respondia com gemidos esplêndidos e com nossos movimentos de quadril cheguei a um orgasmo maravilhoso. Foi tão bom que ficamos desse jeito até pegar no sono.

INTUIÇÃO — 21 DE ABRIL DE 1995 — VINTE ANOS

Inesperadamente, recebi um cartão-postal. Ao ler, meu coração pareceu acelerar e, em seguida, senti uma leve pontada, saudades batendo.

Oi, PH, tudo bem?

Diferente do seu postal, espero que você receba o meu.

A Nanda me contou que você está trabalhando, como está indo seu estágio?

Aqui na academia é bem puxado, muito mais cobranças do que do meu pai! Dá pra imaginar?

Ainda bem que é só por um ano. Sinto falta do seu apoio.

Amanda

Viro o cartão e vejo a foto da Casa Rosada.

Guardo no fundo da gaveta enquanto arrumo minha mala para viagem.

Também sinto falta das nossas conversas, mas temos que seguir com a vida.

Tânia era surfista, adorava praia, e quase todo final de semana descíamos a serra para Maresias. Ela ia praticar surf e eu ia praticar sexo.

Enquanto Tânia ia surfar eu ficava dormindo na areia da praia. Na verdade, nunca fui muito fã de mar, mas não achava ruim ficar na praia.

Às vezes preferia ir vistoriar a obra da casa dela ao invés de ficar parado na areia sem fazer nada.

Enquanto sua casa não ficava pronta, ficávamos na casa de um amigo dela, o Diego.

Uma noite, a casa estava cheia de amigos do Diego, todos foram para os quartos e nos iríamos dormir em um colchão na sala, pois os quartos estavam lotados. A expectativa de transar era grande, mas havia o medo de alguém aparecer na sala bem na hora.

Tânia então tirou a calcinha e puxou minha cabeça pra debaixo das cobertas.

Não sabia exatamente como deveria fazer, mas por alguma intuição comecei a beijá-la no umbigo, passando para a coxa e depois pela virilha. Ela estava gostando, pois sentia sua respiração acelerando. Então comecei a passar a língua em seu clitóris e Tânia ficou ainda mais ofegante.

Era a primeira vez que estava fazendo aquilo, mas eu parecia ser bom, mesmo sem nenhuma experiência. Seus gemidos aumentavam assim como a expectativa de sermos flagrados. Passei meu dedo pelos seus grandes lábios e o introduzi devagar em seu sexo, sem parar o movimento com minha língua. Tânia puxou o travesseiro contra seu rosto e senti o som de seus gemidos serem abafados. Com uma contração em meu dedo e a rigidez de todo o seu corpo ela demonstrou seu orgasmo.

Me deitei ao seu lado e Tânia disse no meu ouvido:

— Você vai fazer muita mulher feliz.

Esse era o segundo elogio que ouvia sobre minha performance, isso me deixava orgulhoso, mas também triste, pois mostrava que Tânia não pensava no nosso relacionamento a longo prazo.

Será paranoia minha? Meu consciente me confundiu.

Mas essa minha desconfiança só aumentou com o decorrer do tempo. Mesmo depois de quase um ano juntos, percebi que Tânia não tinha a intenção de assumir nosso namoro para sua família, pois tinha vergonha de dizer que namorava um garoto oito anos mais novo. Isso me deixava bem desconfortável.

Tivemos várias brigas por causa desse assunto. Eu já havia apresentado Tânia a todos os amigos e familiares, ela dormia em casa e eu tinha o maior orgulho de dizer que era minha namorada.

Ela, por sua vez, nunca havia me apresentado a nenhum parente, apenas a poucos amigos e, ainda assim, um pouco envergonhada. Não estava claro entre nós, mas o namoro já estava fadado ao fracasso e isso era questão de tempo, dela claro.

CACHORRO QUE LATE NÃO MORDE — 16 DE SETEMBRO DE 1995

Em uma de nossas viagens, após mais uma discussão matinal sobre nosso relacionamento, Tânia foi surfar com Diego, com quem ela conversava bastante, e eu fiquei tomando sol na areia da praia com a nova namorada dele, a Marcela.

Ela era alta de cabelos bem longos, loiros, quase brancos, um dos melhores corpos que já tinha visto,

muito parecido com o da Kátia de Porto Seguro. Não era difícil presenciar os homens virando o rosto quando ela passava para observá-la de costas. Afinal, seu biquíni fio-dental lhe caía muitíssimo bem.

Quanto ao seu namorado, por algum motivo não gostava dele.

Diego era um playboy lutador de jiu-jítsu todo tatuado, amigo antigo de Tânia, talvez aquilo fosse ciúmes. Ou talvez fosse porque ele me fazia de empregado toda vez que ia surfar com Tânia, deixando seu cachorro Max, um pitbull Red Nose muito bonito, para eu cuidar. O diabo é que o cachorro de início não foi muito com minha cara, e eu morria de medo de levar uma mordida. Por sorte, com o tempo o Max se mostrou um velho cão bobalhão, e nós ficamos relativamente amigos. Passei a ter um grande afeto pelo Max, mas isso não mudava nada em relação ao que sentia por Diego.

Tânia, além de deixar sempre claro que eu era muito novo pra ela, achava que eu não tinha motivos para ter ciúmes, pois Diego “era como um irmão”.

Enquanto eles estavam no mar, ficava conversando com a Marcela e bebendo caipirinha. Ela me olhava de um jeito diferente, e meu consciente desconfiava que Marcela não era fiel ao Diego.

Quando íamos até Maresias, à noite era comum irmos até o Bar do Meio, um ponto de encontro de surfistas à beira-mar. Nessa viagem não foi diferente e, quando chegamos, o local estava cheio. Após uma pequena espera por uma mesa, me sentei ao lado de Tânia, e Diego e Marcela sentaram à nossa frente.

Pra variar, Tânia e Diego estavam se divertindo muito, bebendo caipirinha e lembrando do passado. Já eu e a Marcela estávamos totalmente fora do assunto.

Seu olhar cruzava muitas vezes com o meu e, de repente, eu senti sua perna tocando na minha.

Foi sem querer. Meu consciente tentava me enganar.

Nossos olhos se cruzaram novamente e senti sua perna raspar na minha. Ele se empolgou e eu comecei a ficar sem graça.

Os olhares continuaram se cruzando, assim como as pernas continuaram se tocando e aquela velha sensação de suor nas mãos, frequência cardíaca acelerada e calafrios voltaram à tona, mas com uma intensidade maior, pois junto havia a sensação de medo. Havia algo estranho no ar, Tânia e Diego estavam se divertindo muito e eu estava nervosíssimo. Marcela parecia excitada e gostando da situação.

Achei melhor me levantar e ir até o banheiro para poder passar uma água no rosto. Estava trêmulo.

A fila era grande e minha surpresa foi enorme quando vi Marcela atrás de mim.

Nos olhamos e sem falar nada nos beijamos e nos agarramos ali mesmo, apoiados na parede.

Uma loucura total. Meu consciente me alertou.

A frequência cardíaca disparou numa excitação exorbitante.

A fila andou, entrei no banheiro e tentei me recompor.

Me olhei no espelho e estava pálido como da vez em que vomitei a alma em Porto Seguro. Mas dessa vez era por outro motivo.

Voltei para a mesa trêmulo, tentando disfarçar o ocorrido.

Lá chegando vi Marcela sentada, conversando com Tânia e Diego. Os dois não perceberam nada de tão empolgado que estavam em um assunto. Marcela sorriu.

Mais tarde voltamos para casa e enquanto fiquei vendo televisão na sala, Tânia foi dormir no nosso quarto e Diego e Marcela foram para o deles.

Fiquei ali com o olhar paralisado na televisão sem nada para ver. Estava pensando em tudo o que tinha acontecido nos últimos dias.

Brigas com a Tânia por ciúmes e pelo fato de ela se envergonhar de mim, nossa falta de assunto, a intimidade dela com o Diego e, claro, tudo o que aconteceu entre Marcela e eu no bar.

Eu estava longe perdido em meus pensamentos quando meu coração disparou novamente ao ver

Marcela de pijama passando pela sala indo em direção à cozinha.

Ela me deu um sorriso e perguntou se eu também queria água.

Minha boca ficou seca, mas respondi que não.

Assim que Marcela passou, fiz como os homens na praia, me virei para olhá-la e vi que o short cobria só metade de sua bunda.

Putaquepariu! É muito gostosa. Ele despertou.

Fiquei extático em frente à televisão, já ereto, quando ela voltou e se ajoelhou na minha frente.

— Perdi o sono — Marcela disse desabotoando a minha bermuda.

Estava incrédulo. Tudo parecia um sonho.

Esfreguei as mãos nos olhos para ver se aquilo era real, mas enquanto isso ela abaixou minha cueca e começou a fazer um sexo oral maravilhoso.

Frequência cardíaca a mil novamente e aquela sensação de prazer misturada com preocupação.

Só conseguia observar aqueles cabelos loiros sobre ele. Olhava para Marcela e para a porta do corredor pra ver se via alguém chegando.

Ela não tirou a boca quando gozei e depois me olhou com cara de aprovação enquanto engolia o resultado daquela loucura.

Me refiz rapidamente e corri para o banheiro do meu quarto. Tremia muito e precisei me apoiar na pia para me olhar no espelho.

Tirei minha carteira do bolso e a deixei sobre a pia. Escovei os dentes e fiquei me observando no espelho.

Caralho, não acredito no que aconteceu! Meu consciente estava estarecido.

Tirei minha bermuda e minha camiseta e fui me deitar bem devagar para não acordar Tânia. Ela me abraçou e se aconchegou em meu peito. Não sei como ela não acordou com as batidas do meu coração.

Tânia continuou dormindo e eu fiquei olhando para o teto. Demorei pelo menos uma hora para conseguir dormir pensando em tudo aquilo.

Acordei com ele duro e seguro pela mão de Tânia. Ela estava sorrindo abaixando minha cueca, massageando-o e se preparando para abocanhá-lo.

Ao se aproximar, Tânia parou e olhou para ele fixamente.

Eu ainda estava com sono.

Tânia me fitou com os olhos e puxou um fio de cabelo loiro enorme que estava sobre ele.

Merda.

— O que é isso? — Tânia gritou me mostrando.

— Isso o quê? — esfreguei as mãos nos olhos.

— Esse fio de cabelo?

Ela me mostrou o fio enorme loiro quase branco, que segurava de uma ponta a outra com os polegares e os indicadores.

Não sabia o que falar enquanto Tânia continuava gritando.

Fodeu! Meu consciente gritou e fugiu.

Pedi para ela falar mais baixo pra não acordar Diego e Marcela e isso a irritou ainda mais.

— Então foi ela? — Tânia gritou ainda mais alto.

Tentei fechar sua boca com as minhas mãos, mas Tânia estava descontrolada. A voz do Diego veio do outro lado da porta do nosso quarto perguntando se estava tudo bem.

Entrei no banheiro e me tranquei tentando botar um fim na briga.

Foi pior, ouvi gritos de Tânia dizendo para o Diego o que aconteceu entre eu e Marcela. Eles começaram a bater na porta gritando para eu sair. Ouvi Marcela chegando no quarto, gritos e xingamentos entre as duas.

— Covarde, sai daí — Diego gritava batendo na porta enquanto Tânia e Marcela começaram a brigar. Não sabia o que fazer, olhei para o espelho e me vi sem opções.

Vou ter que abrir e encarar, pensei enquanto colocava a roupa que tinha deixado no banheiro.

Serrei os punhos e me preparei para a briga.

Mas meu consciente reapareceu e me lembrou que Diego era o dobro do meu tamanho e faixa preta de jiu-jítsu.

Apoiei as mãos no balcão da pia desolado e vi minha carteira.

Que sorte! Isso é um sinal.

Olhei para a janela e analisei bem o seu tamanho.

Acho que dá... Meu consciente incentivou.

Comecei a falar com o Diego para disfarçar.

— O que você quer?

Ele continuava chutando a porta xingando.

Apoiei um pé na privada e o outro sobre o balcão da pia.

Coloquei as mãos na janela calculando seu tamanho.

Dá sim! Confirmei.

— Fala o que você quer? — continuei falando com o Diego.

Passei a cabeça pelo vidro e me apertei para passar o tronco.

Devia ser a mesma sensação que um gato sente passando por um portão apertado.

Raspando a janela vi de ponta cabeça Max me olhando.

Ainda bem que eu fiz amizade com esse pitbull.

Caí de lado no chão com Max me cheirando. Fiz um carinho em sua cabeça e peguei minha carteira que caiu do meu bolso.

Saí em silêncio e peguei o primeiro ônibus que passou, sem saber qual era seu destino.

Fui parar na rodoviária de São Sebastião. De lá peguei o primeiro ônibus para São Paulo e nunca mais vi Tânia nem minha mala.

TUDO PLANEJADO — 25 DE JANEIRO DE 1996 – VINTE E UM ANOS

Depois do fim do namoro conturbado com a Tânia, voltei à vida de solteiro. Deixei de frequentar a vida diurna na praia e voltei a frequentar a vida noturna na cidade. Mesmo preferindo rock, passei a frequentar as danceterias da rua Franz Schubert, baladas de disco nas proximidades do Itaim Bibi e a Vila Olímpia. Tudo por causa das mulheres.

Com um financiamento que engolia quase todo o meu salário, troquei minha Honda CBX 750 por uma Kawasaki Ninja ZX7 verde que tinham acabado de lançar.

Todo fim de semana conhecia lugares e mulheres diferentes, mas nada muito promissor. Nanda era mais eclética no gosto musical, depois dos Menudos, Ricky Martin e Bon Jovi, ela começou a gostar de samba.

No dia do meu aniversário não iria fazer nada especial, então Nanda insistiu para que eu fosse com ela e com o Edu em um lugar onde eles dançavam samba que havia acabado de abrir as portas, o Carioca Club, no bairro de Pinheiros.

— Você sabe que eu não gosto de samba! — reclamei.

— Vamos lá, vai ser divertido...

Foi-se a época em que eu era o empata-foda do Tô, mas ser o da minha irmã tanto tempo depois era demais.

— Vou te apresentar uma amiga lá.

— Como ela é? — me interessei.

— Você vai gostar — Nanda se limitou a dizer.

Chamei o Tripé para não ir sozinho, já que ele gostava de samba, mas foi pior, pois logo que chegamos ele foi dançar. Fiquei um pouco deslocado procurando minha irmã e o Edu, mas eles ainda não tinham chegado.

Então fui até o bar pedir uma cerveja para beber.

Observei como Tripé dançava bem e como aquela dança era sensual.

A cada música ele dançava com uma mulher diferente.

Como seria bom se eu soubesse dançar. Ele lamentava.

De repente uma música acabou e reparei Tripé beijando uma garota:

Era Flávia, a irmã de Amanda.

E se Amanda também estiver por aqui? Meu consciente me perguntou e meu batimento acelerou.

Subi no mezanino a fim de ter uma melhor visão do ambiente e me certificar. Procurei bastante e enfim minhas suspeitas se mostraram certas. Amanda estava lá!

Um sentimento estranho surgiu.

Amanda estava no meio da pista, dançando como eu nunca vi. Ela estava linda, seus cabelos revoando enquanto rodopiava ao som de “Fio Maravilha”, de Jorge Ben Jor.

Fiquei apoiado no parapeito para observar melhor. Era doce, forte e chamava a atenção de todos dançando no meio da pista.

Ela estava linda como sempre.

Como você não sabe dançar? Meu consciente e ele me deram bronca.

Amanda estava com uma calça jeans justa mas sem ser vulgar.

De alguma forma ela continuava com um ar inocente, e isso era um contraponto àquela dança. Ao mesmo tempo estava com inveja dos homens que dançavam com ela. Um após o outro, os corpos ficavam grudados o tempo todo.

Fiquei com ciúmes de Amanda dançando sem saber exatamente o porquê.

Ao encerrar a música vi Amanda indo em direção a uma roda de amigas.

Nanda e Edu estavam lá.

Nanda armou mais uma vez!

Meu consciente pediu para eu fazer alguma coisa e a única coisa que me veio em mente foi descer e ir direto falar com Amanda.

Mas dizer o quê?

Não sabia a resposta, mas sabia que precisava falar com ela depois de tanto tempo.

Conforme eu chegava próximo dela, meu coração acelerava.

Quando cheguei próximo da roda, Amanda estava de costas e Nanda me viu.

Fiz sinal de silêncio com o indicador na frente da boca.

Segurei a mão de Amanda e falei bem próximo do seu ouvido.

— Vamos dançar?

Amanda se virou e abriu um sorriso maravilhoso. “Vem me dar um beijo, tô querendo” era a música que tocava, do grupo Fundo de Quintal.

— Você pode me ensinar?

Amanda me puxou para o centro do salão e senti minha mão suando.

Coloquei minhas mãos em sua cintura, os corpos ficaram colados, ele aprovou e eu falei bem próximo do seu ouvido.

— Sinto muito a sua falta!

— Eu também!

Amanda ficou ali um bom tempo se esforçando para me ensinar.

Realmente as dúvidas que eu tinha se confirmaram. Com certeza ela sentia minha ereção e eu realmente não sabia dançar de verdade, mesmo bebendo.

A letra da música mandava e eu obedeci. Após algumas poucas palavras em seu ouvido, tentei beijá-la na boca mas Amanda se esquivou, me deu um sorrisinho e fez sinal de não com o dedo indicador.

— Por que não? — perguntei.

Amanda respondeu com outra pergunta:

— Por que você nunca respondeu minhas cartas?

Não sabia o que dizer.

Tentamos dançar por mais um tempo até sermos interrompidos por Flávia, que não estava nada simpática, parecia ainda me julgar pelo o que aconteceu em Salvador.

— Temos que ir embora! — ela disse para Amanda, de um jeito ríspido e sem olhar para minha cara.

— Tudo bem, deixa eu só me despedir.

Ao nos despedirmos, pedi um beijo como presente de aniversário, mas não teve jeito.

Você levou um não! Meu consciente fez questão de enfatizar.

Mesmo assim estava feliz. Amanda me deixava assim.

Com dezoito anos continuava tímida, meiga, dócil e sensual, e isso só me fez a querer ainda mais.

Chegando em casa perguntei para Nanda por que Amanda não quis me beijar.

— Porque é boba, ficou chateada que você não mandou mais cartas pra ela, ciúmes... essas coisas de mulher. Ela te ama, sempre te amou. Só está se fazendo de difícil.

— Será?

— Acredita em mim. Eu conheço muito bem minha melhor amiga.

AMOR E SEXO — 10 DE FEVEREIRO DE 1996

Assim como Nanda, Amanda gostava muito de samba, mas eu odiava. Por isso, retornei com o carro do Tô ao mesmo local onde nos encontramos duas semanas depois, sabendo que ela estaria lá.

Definitivamente dançar não era o meu forte, mesmo com a cerveja e o esforço de Amanda em me ensinar.

Desisti e fiquei encostado na parede como na primeira vez que fui na Up & Down naquele já longínquo ano em que conheci Isabel, a religiosa.

Disse para Amanda que não queria atrapalhar e que ela deveria dançar com quem sabia. Mesmo sabendo disso, meu ciúme só aumentava a cada movimento que ela fazia. Foi difícil ficar olhando, mas logo em seguida Amanda veio em minha direção, fomos até o bar e conversamos o resto da noite.

Tínhamos muito o que falar.

No fim da noite levei Amanda até a casa dela. Antes de ela sair do carro, tirei a carteira do bolso de trás da minha calça:

— O que você está fazendo? — Amanda perguntou.

— Vou fazer uma cobrança.

Abri a carteira e puxei a carta que ela escreveu quando fomos proibidos de namorar.

Desdobrei e apontei com o dedo para a frase:

“Não se preocupe, eu prometo, vou atrás de um sonho agora, no futuro vou atrás do outro. Te amo.”

— Eu não estou acreditando que você guardou essa carta! — Amanda exclamou surpresa. Como recompensa, recebi um selinho de despedida.

— E o seu pai? — perguntei antes de ela bater a porta.

— Vamos ter que encarar! — Amanda respondeu determinada.

Sabia pelo que ia passar, mas com Amanda do meu lado eu tinha força pra encarar. Ela me dava confiança. Aquela confiança que desapareceu ao sair com mulheres mais experientes do que eu.

A conversa com o seu Pablo foi mais difícil do que eu imaginava, mas no fim ele aceitou. Afinal, Amanda já tinha dezoito anos e ele não poderia mais proibi-la de namorar.

— Tudo bem, mas com algumas condições — Pablo enfatizou.

Nos só nos veríamos aos finais de semana e essa condição era inegociável.

Eu não poderia aparecer nos treinos e nos jogos.

Também não poderíamos sair à noite se ela tivesse jogo no dia seguinte, e quando saíssemos, teríamos de voltar até a meia-noite.

Ela não dormiria mais na minha casa e se o rendimento de Amanda caísse, as regras iriam mudar.

— *Pra pior!* — ele enfatizou.

LP e Japa desacreditaram quando eu avisei para eles que desisti de ir para o carnaval da Bahia para assistir o desfile de carnaval em São Paulo com Amanda.

— Você é mesmo um crente! — disse Japa.

Mas não importava. Fiquei feliz de ir assistir ao desfile da escola campeã, a Vai-Vai.

Só a falta de Amanda por todo esse tempo me fez perceber como ela me fazia feliz. Ela me fazia bem, muito diferente das mulheres que tinha me relacionado até então.

Com as regras impostas pelo seu Pablo, era quase impossível ficar sozinho com ela. Falávamos ao telefone durante a semana. Praticamente todos os finais de semana Amanda tinha jogo, o que nos obrigava a ficar assistindo filme em sua casa sob o olhar vigilante do pai.

Com o tempo conseguimos negociar algumas condições, mas isso não ajudou muito.

Poderia assistir aos jogos e, nas raras vezes em que saíamos, conseguimos estender a volta até a uma da manhã.

Algum tempo depois, passei a acompanhar Amanda nos finais de semana em seus torneios de tênis. Troquei a areia da praia pela arquibancada e apesar de parecer uma péssima troca, eu gostava de vê-la jogar.

A ameaça de piorar as regras do nosso namoro parece que fez Amanda melhorar seu jogo, e ela conseguiu conquistar muitos torneios.

Meu consciente observava a evolução na técnica de Amanda jogando e ele só reparava naquela roupa

sensual.

Estava louco de tensão! Me lembrava um pouco o namoro com Isabel, a religiosa, mas eu já não tinha mais quinze anos. Tínhamos desejos e eles precisavam ser atendidos.

MONTE VERDE — 16 DE JUNHO DE 1996

No frio de junho fomos para Monte Verde, uma cidadezinha montanhosa e gelada na fronteira entre São Paulo e Minas Gerais.

Era uma data especial, aniversário de Amanda, e foi com esse argumento que ela conseguiu convencer os pais a deixarem ela viajar sozinha.

Foi a mãe dela, Dora, que a ajudou e recomendou:

— Juízo, hein!

Tudo, menos juízo. Ele retrucou.

Na verdade, Amanda disse para a mãe que viajaria com a turma toda, incluindo Nanda, Flávia, Tripé, eu e o Edu, mas já estava tudo combinado para ficarmos a sós.

Flávia estava um pouco mais simpática comigo, mas sabia que era por causa do meu amigo Tripé.

Alugamos três chalés aconchegantes de madeira, com uma lareira na sala, uma cozinha muito pequena no fundo e uma suíte na parte de cima subindo por uma escada em formato de caracol.

Foi Nanda quem ajudou nos preparativos do meu chalé, para um ambiente romântico-conquistador.

Amanda estava maravilhosa com um vestido solto vermelho e preto, um fino cinto, brincos e um grande colar.

Chegamos à noite, fomos direto jantar e depois de comermos, cada casal foi para o seu chalé.

Até eu me assustei com o capricho de Nanda.

Pétalas de rosa estavam espalhadas pelo chão. Uma caixa com morangos, bombons e uma champanhe em um balde de gelo e duas taças estavam ao lado da lareira, que estava acesa, mesmo não estando frio.

Supertramp tocava no CD para o meu agrado.

— Nossa que lindo! Você que preparou tudo isso? — Amanda se espantou.

A Nanda me ajudou, confessei, estourando a champanhe, servindo nas taças.

— Viva meus dezoito anos!

Meu consciente buscou um brinde no coração.

— Viva o meu amor!

Amanda me olhou fixamente nos olhos e me beijou na boca.

Um beijo longo, quente e úmido. Sem desgrudarmos os lábios abaixei as alças do seu vestido que caiu no chão.

Amanda pegou nossas taças e as colocou sobre um aparador.

Tive a visão do paraíso. Amanda de costas com um conjunto de lingerie de renda branco.

Rapidamente retirei minha roupa, enquanto Amanda começou a retirar seu sutiã.

— Deixa eu tirar? — pedi.

Amanda parou e eu coloquei um morango em sua boca.

Ela mordeu e ele se animou.

Retirei vagarosamente o resto de sua lingerie e deitei-a no chão.

Peguei minha taça derramando a champanhe em seu corpo, subindo do sexo aos seios, que se ouriçaram.

Fui chupando a champanhe de seu corpo, descendo novamente até o seu sexo. Quando cheguei ali, ela já estava molhada.

Você vai fazer muita mulher feliz!, lembrei.

Amanda se contorcia enquanto eu beijava longamente seu clitóris. Ela me puxou pelos cabelos fazendo com que eu subisse ao encontro de sua boca. Nos beijamos arduamente de novo enquanto retirava minha cueca. Penetrei-a devagar.

Só ali, naquele exato momento, descobri como sexo com amor é fantástico.

Só me dei conta disso ali, quando percebi que tudo o que tinha passado longe dela era vazio.

— Eu te amo! — disse para Amanda assim que gozei.

— Eu sempre te amei.

Dormimos abraçados.

VIVENDO COM REGRAS — 22 DE AGOSTO DE 1996

Aos poucos fui ganhando a confiança dos pais de Amanda e de sua irmã Flávia, mas as regras pouco mudaram. Apesar do pouco sexo, nosso namoro estava indo muito bem.

Amanda, além de namorada, era minha melhor amiga, minha companheira, minha confidente, minha incentivadora, minha atleta favorita e minha amante.

Além disso, o que sentia por ela era algo que nunca tinha sentido por ninguém. Era mais do que simples tesão, era mais do que amizade, existia o verdadeiro sentido do amor no nosso relacionamento.

Seu jeito inocente, meigo e um pouco juvenil me enfeitiçaram e a todos da minha família também.

Procurava ser o melhor com ela.

Mas Amanda realmente comprara o sonho do pai em ser uma tenista profissional, então esse passou a ser o meu sonho também, eu era o seu maior incentivador.

Depois de passar um ano na clínica de Tênis onde seu pai treinou na Argentina, ele queria mandá-la para os Estados Unidos. Seu objetivo era que Amanda entrasse na academia norte-americana de Nick Bollettieri.

— É a academia onde o Agassi começou! — seus olhos brilhavam.

O problema era o altíssimo custo.

O plano de Pablo era mandar Amanda para lá por um semestre, e se ela fosse bem, poderia ganhar uma bolsa para treinar gratuitamente.

Minha vida de atleta tinha acabado desde que entrei no escritório. Com o estágio e a faculdade, não dava mais tempo de treinar, então, às vezes passava no clube, para rever o professor Roberto e meus amigos de atletismo, mas resistia bravamente em passar pelas quadras. Sabia que Amanda estaria lá e não queria quebrar as regras de Pablo.

Para minha surpresa, estava uma noite no bar do clube, quando Amanda chegou com seu vestidinho branco, tênis e viseira segurando sua raqueteira.

Era uma quinta-feira e o bar estava cheio. Ao passar pelo bar, Amanda chamava atenção de todos.

Não tinha como não chamar, ele observou.

Cumprimentou o professor Roberto com um beijinho no rosto, me deu um selinho na boca e se sentou cruzando as pernas.

Pernas lindas. Ele se animou.

— Vou pedir um Gatorade pra você — eu disse me levantando e indo em direção ao balcão.

Não podemos nos ver durante a semana. Meu consciente me lembrou.

Ficamos ali por pouco tempo, só até Amanda terminar seu Gatorade e eu e Roberto terminarmos nossa cerveja.

Roberto se despediu.

— Por que você não está treinando? — perguntei.

— Problema com os refletores — Amanda disse, apontando para as quadras.

Confessei baixinho em seu ouvido que *ele* sempre se animava ao vê-la com aquela roupa de tenista.

Me levantei para pagar a conta e Amanda me acompanhou, falando baixo ao meu ouvido:

— Essa hora o vestiário do Tênis é vazio.

Olhei bem em seu rosto. Ela não estava brincando, mas mesmo assim não acreditei.

— Não entendi.

— Paga a conta e me encontra lá, meu pai só vem me buscar daqui uma hora.

Fui pagar a conta com ele duro.

As luzes da quadra realmente estavam desligadas, deixando aquele canto do clube na escuridão.

Apenas uma pequena luz me indicava para onde seguir até os vestiários. Era ela que eu seguia.

Meus batimentos cardíacos aceleraram e comecei a tremer.

Senti um arrepio subir a espinha. Não sabia se era pela escuridão ou pelo tesão.

Vi a raqueteira de Amanda chegando próximo do ponto de luz.

Ela estava no chão, apoiada na parede ao lado do vestiário feminino.

Era o sinal, Amanda estava lá dentro.

Não sabia se entrava direto ou chamava por Amanda.

Bate na porta antes. Meu consciente me precaveu.

Foi o que fiz.

Amanda saiu e me puxou para dentro. Tudo muito rápido.

Encostei-a contra a parede de azulejos e abaixei minha calça e minha cueca que foram parar na altura dos meus tornozelos.

Fui tirar o short por baixo da saia de Amanda, mas ela já tinha se preparado. Estava sem.

Beije-a e penetrei-a ao mesmo tempo.

Ela cruzou suas pernas atrás do meu quadril e os braços atrás do meu pescoço.

Continuamos nos beijando enquanto eu me virava e a apoiava com a bunda na pia. Minha visão pelo espelho era maravilhosa e me fez acelerar. Aos poucos senti a respiração de Amanda acelerando também e pouco depois de sentir seu sexo contrair ao redor de mim, não resisti e gozei.

Amanda descruzou as pernas e as apoiou no chão se arrumando.

Eu também me refiz.

— Realizei o seu sonho?

— Acho que sim — respondi ainda acelerado.

Depois do episódio no vestiário, não consegui ficar mais sozinho com Amanda.

Todos os finais de semana ela tinha um torneio diferente e seu pai estava sempre junto. Às vezes íamos prestigiar sua mãe no teatro, acompanhados pelo seu Pablo, claro. Como ela não podia ir em casa, eu vivia na casa dela.

Ficamos viciados em filmes e sócios de uma locadora.

Normalmente, quando assistíamos a filmes, d. Dora e o seu Pablo se sentavam um em cada poltrona. Eu e Amanda ficávamos abraçados no sofá do meio.

Aquela noite de fim de primavera estava particularmente frio e, enquanto Dora cevava um mate para o Pablo, que estava resfriado, Amanda subiu as escadas para buscar um cobertor para o pai.

Quando ela desceu, trouxe também um para nós e um para sua mãe.

Dora colocou o filme no VHS, apagou as luzes e sentou-se na poltrona, enquanto eu e Amanda nos ajeitamos embaixo do cobertor.

Assim que bebeu o chá, Pablo tossiu e disse que não estava se sentindo bem e que iria se deitar.

D. Dora o acompanhou subindo as escadas, dizendo que poderíamos começar a assistir sem eles.

Jogamos as almofadas no chão, deitamos no tapete sob o cobertor e mal o filme iniciou, eu comecei a beijá-la e a tocá-la com as mãos.

Desabotei minha calça e foi fácil abaixar o moletom que Amanda estava usando. Ela arregalou os olhos e falou baixinho no meu ouvido:

— Eles vão desconfiar.

— Fica tranquila, eles não vão voltar.

Amanda estava desconfiada, mas também estava com vontade.

Continuamos a nos tocar.

Como Amanda não tomou a iniciativa, abaixei um pouco minha cueca.

Tirei a mão do seu seio, desci minha mão através de seu abdômen até chegar no seu sexo. Senti Amanda nesse momento muito ofegante, tentando se controlar.

Comecei a massagear seu clitóris enquanto colocava minha língua no seu ouvido.

Assim que comecei a sentir Amanda gemer bem baixinho, pedi para ela se deitar de lado e tentei me encaixar por trás. Ela me ajudou afastando um pouco as pernas.

Amanda tentava se controlar para não gemer mordendo o lábio inferior.

Puxei sua calcinha de lado e fui penetrando bem devagar.

Enquanto o filme rolava, aproveitávamos vagorosamente. Ela estava molhada e deliciosa, não queria gozar para aproveitar o momento.

Passado um tempo, uma cena do filme começou a nos despertar a atenção: Sharon Stone começou a ser interrogada por Michael Douglas numa cena muito sensual.

Isso fez com que ele acelerasse automaticamente. Senti que Amanda começou a retribuir o movimento, seu prazer também aumentando. Ela virou o rosto para trás e me beijou.

Foi então que ouvimos passos na escada.

Ela olhou para mim espantada. Fiz sinal de silêncio colocando o indicador na frente da minha boca.

Que saco, ele reclamou. Ficamos imóveis por um segundo.

— Vocês querem pipoca? — Dora perguntou.

— Queremos! — respondemos juntos.

Sabendo que tínhamos pouco tempo, comecei a massagear o clitóris de Amanda em um ritmo mais

rápido enquanto ouvia a pipoca estourando. Deixei que ela mordesse meus dedos para não fazer barulho e continuei a penetrá-la devagar. Não demorou muito para a combinação dos estímulos fazer com que ela chegasse ao clímax e eu vim logo em seguida. Nos recompomos rapidamente e bem a tempo de ouvirmos os passos de d. Dora saindo da cozinha.

Essa foi por pouco! Meu consciente se aliviou.

ACADEMIA DE TÊNIS — 25 DE DEZEMBRO DE 1996

No natal de 1996 Amanda recebeu um presente inesperado.

Seu pai vendeu o Golf para pagar a academia de Tênis Bollettieri e junto com uma carta recomendatória da Argentina, Amanda iria treinar lá por seis meses.

O plano continuava o mesmo, Amanda iria pra lá, se destacaria e ganharia uma bolsa para continuar treinando gratuitamente.

— Viva! A nova Gabriela Sabatini! — ele brindava com champanhe.

Fiquei feliz pelo fato de Amanda estar realizando um sonho, mas ao mesmo tempo fiquei preocupado com a pressão colocada sobre seus ombros.

Eu e Amanda estávamos sendo contagiados pela euforia do seu pai. No fundo sabíamos que as chances daquilo tudo acontecer eram mínimas.

— Viva!

O tempo pareceu voar depois disso. Logo depois do réveillon, chegou a hora da despedida.

Antes do check-in no aeroporto, Amanda me entregou uma caixa de presente, era o seu diário.

Pedi para eu abrir somente depois do avião decolar e ler uma página por dia para matar a saudade.

Nos despedimos com lágrimas nos olhos, então Amanda partiu.

Assim que o avião decolou, ainda chorando, rasguei rapidamente o embrulho a fim de ler a primeira página.

Só a veria novamente em seis meses.

O primeiro mês sem a presença de Amanda não foi difícil.

Todos os dias, conforme seu pedido, lia uma página.

Amanda tinha marcado todas as folhas de seus diários nas quais eu tinha relação:

Desenhos, corações, frases, beijos com batom etc. Todos eram referentes a nós, desde o dia em que demos nosso primeiro beijo. Eu com quatorze e ela com doze anos de idade.

No início um diário bem infantil. Isso até chegarmos aos dias atuais.

Datas especiais como nossa primeira vez ganharam destaque.

Falamos por telefone pela primeira vez vinte dias depois de sua partida, no dia do meu aniversário. Nunca imaginaria que a voz de alguém fosse o melhor presente que ganharia.

A ligação internacional era cara, então as cartas eram o jeito de matar a saudade.

PH,

Desculpe não ter escrito antes, é que está realmente muito corrido aqui.

Achava que os treinos no clube eram puxados, mas comparados com os daqui, eram férias!

*Ontem assisti algumas garotas treinando. Você precisava ver a força, a velocidade, a técnica. Tem uma russa de quinze anos que já é profissional! Enfim, elas são muito melhores do que eu. Estou com medo de decepcionar o meu pai. Ele vendeu o carro dele para eu estar aqui. Me deseje sorte, eu vou precisar. Saudades. Te amo!
Amanda*

*Amanda,
Você nunca precisa se desculpar comigo, você sabe disso. Sei do seu potencial, se você não fosse boa não estaria aí. De qualquer maneira, boa sorte. Te amo muito. PH.
Espero te ver em breve.*

Rasgo a carta e reescrevo-a sem a última frase.

Se eu vê-la em breve significa que Amanda não conseguiu a bolsa, pensava. Mas ao mesmo tempo quero ela de novo ao meu lado.

Tenho certeza que você vai conseguir. Mas, no fundo, eu não tinha tanta certeza assim.

TENTAÇÃO — 29 DE MAIO DE 1997 – VINTE E DOIS ANOS

As tentações que sempre fizeram parte da minha vida passavam despercebidas quando eu estava com Amanda. Mas com ela longe e com a falta de sexo, pareciam estar por todos os lados.

Terminando a faculdade, iria ser efetivado no escritório de arquitetura por Lilian, que já estava namorando com outro. Já a recepcionista Juliana, por falar demais da vida dos outros, foi demitida e substituída por outra recepcionista, mais quieta e mais feia, a Lúcia.

Melhor assim. Meu consciente resumiu.

Novamente estava sozinho.

Tô continuava namorando com Renata, assim como Nanda com Edu.

Soraya e Gordo também continuavam juntos, e Flávia se acertou com Tripé.

LP estava namorando com uma garota da faculdade chamada Thaís.

O Japa sumiu. Eu precisava sair, conversar.

Seria muito ruim passar os finais de semana novamente escondido atrás de um videogame. Preferi espairar com o professor Roberto e alguns amigos dele do moto clube Rebeldes no bar Iron Horse.

Com decoração no estilo Hell's Angels, o Iron Horse era um reduto de motociclistas, em sua maioria estradeiros de Harley Davidson.

Lá eles me chamavam por um novo apelido: Ninja, por causa de minha motocicleta esportiva. Por sorte esse não era tão ruim. Tentavam me convencer a trocar minha motocicleta esportiva por uma motocicleta igual a deles, mas aquilo não era para mim.

O amigo do Roberto, Felipe, foi o responsável por desviar o assunto me cutucando com o cotovelo com uma caneca de chope na mão.

— Nossa! Olha que gata encostada ali na parede.

Fiquei impressionado. Ela não era só bonita, era o tipo de mulher que sabia como chamar a atenção dos homens. Estava encostada na parede com uma das pernas flexionadas apoiando o pé na parede.

De calça legging preta sob uma minissaia jeans. Salto alto preto, camiseta preta sob uma jaqueta surrada. Usava brincos grandes e colares.

Os cabelos davam um ar descolado. Enquanto todas as meninas alisavam o cabelo, ela tinha um estilo próprio. Seus cabelos eram bem enrolados, alta, magra, tudo bem proporcional.

Estava acompanhada de uma amiga que passava quase despercebida, ficavam olhando para nossa mesa, cochichavam e davam risada.

— Vou falar com ela! — Felipe disse se levantando.

Melhor ir embora. Meu consciente me alertou e me levantei me despedindo.

Arrumei uma desculpa: — Tenho que levantar cedo amanhã.

No dia seguinte cheguei cedo no escritório e Lúcia era a única que estava lá. Ela me deu bom dia e eu acenei com a mão. Peguei um café na cafeteira e fui em direção a minha mesa. Ainda dava tempo para ler o jornal.

Abri a página de esporte da *Folha de S.Paulo*.

Lá vi a manchete: “Paris assiste a duelo entre musas teens”.

Vi a foto: Martina Hingis e Anna Kournikova.

Amanda está no mesmo nível delas, ele analisou a beleza.

Não está. Meu consciente me lembrou que a russa que Amanda comentou era ela, a Kournikova.

Como será que está Amanda? Estava preocupado e com saudades, mas só falava com ela por telefone uma vez por semana.

8 DE JUNHO DE 1997

— Alô, PH?

— É! — respondi feliz, reconhecendo a voz dela.

— Tudo bem com você?

— Saudades, e você?

— Treinando forte, minha vida parece ser só isso.

— Você viu o Guga hoje? — perguntei já sabendo a resposta.

— Claro que vi, três a zero no Bruguera, uma surpresa!

— E ele tem vinte anos como você — falei, querendo deixar ela motivada.

— Pois é... — ela respondeu talvez desanimada. —... como as pessoas reagiram aí?

— Sabe como é... agora ninguém mais fala de futebol, todo mundo entende de tênis.

— Sei.

Na pausa, um suspiro.

— Preciso te falar uma coisa... — Amanda continua.

— Fala — respondi, suspeitando do seu tom de voz.

Lá vem bomba.

Amanda me explica que não vai continuar na Bollettieri academia, mas que foi indicada para uma universidade.

— Com bolsa integral! — enfatizou.

Mas seu tom de voz mudou ao falar do pai.

Disse que gostaria de voltar ao Brasil, mas o mínimo que ela devia ao pai era uma economia com os estudos, já que ele investiu tanto dinheiro para ela estar lá.

— É o mínimo que eu posso fazer.

Um nó na garganta se formou, mas segurei o choro para ela não desconfiar.

A esperança de seu retorno breve acabou.

Respirei fundo e disse:

— Que ótima notícia!

A ligação caiu.

Tocou o telefone novamente e eu atendi com pressa.

— Amanda?

— Oi.

A voz era diferente.

— Alô, é o Pedro?

— Sim, quem é?

— Oi, desculpa eu ligar assim, meu nome é Verônica... quem me passou seu telefone foi seu amigo Felipe.

— Felipe?

— Na verdade ele não tinha seu telefone, ele pegou com o... acho que era Roberto o nome dele.

Fiquei mudo.

— É que eu te vi aquele dia no Iron Horse, você saiu com pressa. Enfim, eu queria saber quando você vai de novo lá.

— Vou lá qualquer dia desses... — disse, lacônico.

Fiquei mudo novamente torcendo:

Por que a ligação não cai agora?

— Alô, Pedro? Você está me ouvindo?

Pigarreei e meu consciente surgiu salvador:

— Alô, não estou te ouvindo. Alô!

Passei os dedos sobre o telefone forjando interferência.

— Alô, depois nos falamos — desliguei.

ANIVERSÁRIO SAUDOSO — 16 DE JULHO DE 1997

Estava providenciando passaporte e visto americano para visitar Amanda.

Tinha planos de visitá-la no fim do ano.

Eu e Amanda já não nos falávamos com a mesma frequência.

As cartas também foram rareando, mas era uma data especial, era aniversário dela.

— Hello.

— Amanda?

— PH!

— Está tudo bem com você?

— Eu estou, e você?

— Queria que você estivesse aqui.

— Eu também queria estar aí.
— Estou me programando para ir te ver no réveillon.
— Jura?
Um barulho abafado vem do outro lado da linha.
— Happy birthday to you!
— Peraí...
Esperei.
— É uma festa surpresa pra mim!
— Legal! Aproveita aí, então.
— Te amo!
— Eu também, parabéns! Tchau.
— Bye!

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA — 23 DE AGOSTO DE 1997

Retornei ao Iron Horse depois de algum tempo.

Tinha medo de reencontrá-la e cair em tentação. Mas também não poderia me privar de sair.

Cheguei lá e me juntei com Roberto, Felipe e seus amigos do moto clube.

Não demorou para eles me perguntarem de Verônica.

— Ela te ligou?

Neguei. Não queria dar explicações.

Discutimos sobre motos, mulheres e cerveja até o assunto parar em Gustavo Kuerten.

Não queria mais ouvir sobre tênis. Ainda mais de um bando de bêbados que, como por mágica, passaram a ser especialistas no assunto.

Fui até o balcão pedir uma cerveja.

— Você não me ligou de volta!

Olhei para trás, era Verônica, linda, atrás de mim.

Dei um sorriso sem graça e perguntei o que ela gostaria de beber.

Verônica disse que me acompanharia na cerveja e conversamos bastante encostados no balcão do bar.

Verônica foi direta. Disse que eu chamei sua atenção mesmo ela tendo um namorado.

Meu consciente se escondeu.

Não sei direito o porquê, mas logo desviei do assunto e não tive coragem de confessar.

Eu também tenho uma namorada, pensei. Mas me calei.

Perguntei o que ela fazia.

— Sou comissária de bordo.

Verônica tinha vinte e seis anos, quatro anos a mais do que eu, mas tínhamos muitas coisas em comum, isso ajudou a fluir nossa conversa.

Bebemos mais cerveja e aqueles velhos sintomas que achei que nunca mais sentiria, voltaram.

Fodeu!, ele, ao contrário do meu consciente, apareceu.

Me segurei para não fazer nada. Apenas combinamos de nos ver novamente algum dia.

A semana que se seguiu foi muito confusa para mim.

Discuti com meu consciente por dias, mas parecia que *ele* iria vencer de novo.

Por que ele sempre tem que vencer? Meu consciente reclamava.

Estava atraído por outra mulher e achava isso errado, mesmo Amanda estando a milhares de

quilômetros de distância.

Não queria repetir o que fiz com a cliente Tânia, a recepcionista Juliana e a arquiteta Lilian. Ao mesmo tempo queria ver de novo Verônica, mesmo ela namorando, e isso parecia ser totalmente incoerente.

Verônica continuava me ligando e eu sempre inventava uma desculpa para não encontrá-la. Sabia do risco que correria.

Consegui enrolar Verônica por mais alguns dias até eu tomar coragem de falar com Amanda.

Se ela estivesse por perto...

Sentia falta de nossas conversas.

Em uma dessas discussões com meu consciente concordamos com uma colocação:

Se eu me sentia atraído por outra mulher significava que alguma coisa estava errada no meu relacionamento com Amanda.

Seria melhor falar a verdade para ela, mas não tive coragem.

Eu a amava!

Que merda!

Foi muito difícil terminar com Amanda por carta, mas era o único jeito. Não tinha coragem de falar ao telefone.

Com muitas lágrimas nos olhos e um aperto enorme no coração escrevi a carta terminando o namoro com ela sem dar uma razão convincente, pois nem eu tinha convicção do que estava fazendo.

Abri minha carteira e retirei a carta dobrada de Amanda que levava sempre comigo, para me dar inspiração:

PH

Às vezes precisamos abrir provisoriamente mão de um sonho para realizarmos outro. Mas estarei eternamente pensando em você!

Não se preocupe, eu prometo, vou atrás de um sonho agora, no futuro vou atrás do outro. Te amo.

Amanda

Pensei nas melhores palavras e desculpas, mas de algum modo, acabei copiando-a.

Amanda.

Acho que essa distância está nos atrapalhando.

Vou ser efetivado e focarei no meu trabalho, como você uma vez falou sobre sonhos presentes e futuros, esse é meu sonho presente.

No futuro sempre foi e será você. Prometo!

Continuo te amando. PH

Lilian

Meu namoro com o Marco estava um fracasso. Anos de convívio e parecíamos irmãos.

Sentia falta de andar de mãos dadas, um abraço forte, um beijo gostoso, um sexo com tesão! Na verdade, este último acho que nunca tive.

Tinha dúvidas sobre se eu realmente queria ficar o resto da minha vida com o Marco, nosso noivado estava abalado e o sexo minguando.

Pedro Henrique era o novo estagiário do escritório.

Lembrei dele logo quando pisou no escritório pela primeira vez. O queixo da recepcionista Juliana quase foi ao chão.

Já o tinha visto em uma festa na casa da tia Dalva, há uns três anos atrás. Era bonito, mas ainda tinha jeito de criança. Porém agora estava diferente, interessante, traços mais fortes, mais alto, mais bonito ainda.

Como Juliana logo mostrou interesse em Pedro, inventei que os donos do escritório proibiam relacionamento entre funcionários, porque do jeito que ela era, não demoraria muito pra ela dar em cima dele.

Estava atraída por ele e muitas foram as indiretas que dei mas ele não fez nada. Pedro era totalmente desligado, então resolvi ser mais direta convidando-o para assistir ao jogo do Brasil comigo.

Pedro aceitou de imediato, mas Marco era um problema que eu teria que resolver antes. Menti dizendo que ia ter que trabalhar.

No dia seguinte meus pais foram a um churrasco na casa do meu tio para assistir ao jogo. A casa era só minha.

Quando Pedro chegou, estava lindo, mas tímido, parado na porta.

Parecia desconfortável e nervoso, preocupado com algo. Não parava de perguntar pelo Marco e pelos meus pais.

Enfim não foi como esperei. Pedro se mostrou inexperiente e precoce, mas com muito potencial. Percebi isso pelo jeito como ele me pegou e me beijou. Uma sensação que não vivia havia anos.

Insistido para ele ficar um pouco mais, era novo e pelo jeito como se recuperou rápido, poderíamos transar de novo. Sentia falta disso, mas ele disse que precisava ir.

No outro sábado Pedro me ligou para minha surpresa e combinamos que ele passaria em minha casa para me pegar para sair.

Pedro apareceu em casa com uma caminhonete e depois de passar no McDonald's, me levou para um drive-in.

Que sensação boa. Nunca tinha sentido aquilo antes. Era muito gostoso!

Minha boca salivava. Sentia um calor no corpo todo, um arrepio em todos os meus pelos, uma vontade incontrolável de rir!

De repente veio, como um raio, fogo! Senti meu sexo contrair involuntariamente. Tremia. Uma sensação maravilhosa.

Gozei pela primeira vez.

O inexperiente Pedro me deu uma lição. A melhor de todas!

Nesse momento me apaixonei. Tive certeza de que deveria terminar com Marco e ficar com Pedro, mas achei melhor não comentar nada, esperar para ver se não era só uma paixãoite. Poucas semanas depois, quando apresentei a ideia para Pedro, ele me sugeriu que terminássemos tudo. Foi terrível. Escondi minha raiva e fingi que estava tudo bem. Mas sabia que um dia chegaria a vez dele.

3. Praticando

22 DE DEZEMBRO DE 2004 — DEZESSEIS HORAS

Não tenho a mínima ideia de quanto tempo se passou e muito menos como vim parar aqui.

Minha memória, que quase nunca falha, dessa vez me deixou na mão.

Isso só havia ocorrido parcialmente no dia de meu porre homérico em Porto Seguro, quando desisti definitivamente de qualquer prazer barato que não fosse o sexo — e uma cervejinha ocasional.

Amarrado e amordaçado nu em um motel. Esta definitivamente não era a mesma situação.

Estou com a boca seca, morrendo de sede.

O som do rádio não para, assim como o sexo na televisão. Três homens comem com raiva uma mulher. A cena é brutal, terrível, nojenta e excitante.

Se antes eu não gostava desses filmes, agora já posso odiá-los.

Não aguento mais ver isso!, pensei.

No rádio o locutor começa a falar. Eu presto atenção:

“Boa tarde, Band FM! Começando mais um programa na sua rádio preferida 96,1 a Band FM. Faltam só mais três dias até o Natal! Agora são exatamente quatro da tarde e vamos seguir juntos até as oito horas da noite. Começando agora super seis da Band, seis músicas na sequência com patrocínio da...”

Putaque o pariu! Seis na sequência é tortura. Já são quatro da tarde, preciso sair daqui.

Começa a tocar a música na rádio.

“Vem me dar um beijo, tô querendo”, do grupo Fundo de Quintal.

Com certeza prefiro rock, mas nessa situação, essa música é a única coisa que me conforta, pois ela me traz minhas melhores lembranças.

Foi a música que dancei com Amanda, o dia em que eu a revi depois de um longo período.

Por que ela não me respondeu? Sinto tanto a falta dela!

Não fui totalmente sincero com Amanda, mas pelo menos não a traí, e isso me confortou um pouco. Ouvi um sermão do meu consciente, da minha irmã e uma ameaça de Flávia na minha caixa postal: — Pedro, babaca. Você está fazendo minha irmã sofrer e isso não vai ficar assim!

O sexo me fazia muita falta e já não estava aguentando mais ficar enrolando Verônica — e acho que ela também não —, então liguei para ela e disse que tínhamos que nos encontrar pois eu tinha uma coisa muito importante para falar.

Quando o dia chegou, fui buscá-la à noite com o Vectra do Tô e fiquei aguardando na esquina. Já estava começando a me irritar com seu atraso, quando Verônica abriu a porta.

Caramba, ela é gata mesmo! Ele confirmou.

Estava cheirosa com aquele cabelo descolado, maquiada com brilho nos lábios uma microssaia preta, camisa branca de manga comprida e o salto mais alto que eu já tinha visto.

Fomos jantar em uma cantina italiana em Moema e eu não conseguia entrar no assunto que queria. Até que Verônica perguntou.

— E aí, o que você queria me contar?

Fiquei calado. Tinha omitido até então que namorava, mas agora era a hora.

— ... então, sabe o dia que você foi no Iron Horse e disse que namorava?

— Sei.

— Eu não te falei, mas eu também namorava.

— Eu imaginava — ela disse, elevando os ombros.

Fiquei com cara de espanto e Verônica continuou:

— Você mudou de assunto e eu logo imaginei, além do que, você vem me enrolando faz tempo.

— Só que agora eu terminei — falei sem enrolar.

Quem ficou muda e com cara de espanto foi ela que, sem jeito, pegou o cardápio para escolher o vinho.

Após comermos fettuccini ao molho de queijo com escalope e bebermos uma garrafa de vinho chileno que Verônica escolheu, fui levá-la em casa e parei em frente à garagem.

Na hora de nos despedirmos, um beijo na boca avassalador ocorreu.

E que beijo!, ele pulou.

Beijo de tesão, beijo que encaixou, beijo perfeito!

Uma onda de calor tomou nossos corpos.

— Não vamos ficar assim aqui em frente a minha casa — Verônica disse, demonstrando um certo medo de que fôssemos flagrados.

Liguei o carro e parti sem saber que rumo tomar. Ela me guiou e após algumas quadras entramos em uma viela escura sem saída. Estacionei embaixo de uma árvore.

Estava tudo muito escuro, os vidros do carro eram escurecidos e, conforme o tempo ia passando, eles iam embaçando e o clima esquentando.

Meu coração disparado, ela ofegante, e o medo de sermos pegos a qualquer momento aumentando o tesão e a vontade de transar. Tudo muito rápido numa sensação gostosa já sentida mas quase esquecida.

Verônica estava com o banco totalmente reclinado. A microssaia levantada me ajudou a penetrá-la com o dedo. Por trás de sua calcinha de renda, seu sexo estava quente e úmido. Seu cheiro era tão forte que tomava todo o carro. Eu já estava com as calças arriadas. Puxei sua calcinha de lado e me deitei por cima dela, roçando em seu sexo.

Meu consciente pedia para eu colocar camisinha enquanto ele me apressava, Verônica já estava de olhos virados quando introduzi somente a cabeça dele e pude sentir seu sexo molhado.

Ela falou baixinho no meu ouvido:

— Meninão, cuidado que ele não tem ombro.

A essa altura, não conseguiria assimilar mais nada. Então muito devagar eu penetrei-a deliciosamente. Verônica soltou um gemido sem igual. Já não conseguia me segurar e cada estocada trazia uma nova e maravilhosa sensação que, somada aos gemidos, me deixava enlouquecido.

A sensação de prazer e o medo de ser apanhado misturados fizeram com que eu gozasse rapidamente mesmo com movimentos lentos, terminando com nossas bocas molhadas e unidas.

Depois disso nos encontrávamos todos os dias na mesma viela e repetíamos as mesmas coisas.

O engraçado é que poderíamos ir a qualquer outro lugar, mas a experiência que tivemos lá foi tão boa que resolvemos repeti-la várias vezes.

Depois de transarmos, ficávamos até as três, as vezes quatro da manhã conversando e percebemos que nos dávamos bem não só no sexo.

O difícil era acordar cedo no outro dia.

Numa dessas conversas Verônica disse que iria passar o réveillon com o namorado na Bahia, e disse que me veria na volta.

Na verdade, gostaria de estar com ela, mas não comentei nada, pois não queria pressioná-la.

Um vazio ficou no meu peito quando Verônica viajou. Passei o Natal com minha família e ainda tive que ouvir outro sermão da Nanda pelo rompimento do namoro com Amanda. Ela disse que eu não deveria ter feito isso, que Amanda era muito especial.

Como se eu não soubesse. Impossível explicar para Nanda, e mesmo para Amanda, que fizera tudo aquilo com a melhor das intenções. Ele parecia ter vida própria, e eu não aguentaria traí-la. *De boas intenções o inferno está cheio,* meu consciente grunhiu.

RÉVEILLON NO PARAÍSO — 29 DE DEZEMBRO DE 1997

No dia seguinte do Natal recebi um Sedex:

De: Verônica Moura

Para: Pedro Henrique G. Cadallora

Dentro dele havia um bilhete:

Quer passar o réveillon comigo em Trancoso?

Beijo na boca, Verônica.

Havia também uma passagem para Porto Seguro no dia 29/12 em meu nome.

Lembrei da última vez que fui para lá e não voltei bem. Mas agora pouco importava.

Liguei pra Verônica na mesma hora agradecendo e no dia 29 embarquei para lá sem pensar.

Enquanto passava mal no avião meu consciente me perguntava:

Onde estaria o namorado de Verônica?

Estava com saudades e com tesão ao mesmo tempo e depois de uma hora e meia de van do aeroporto até a pousada, passando por uma balsa, cheguei em seu quarto.

Assim que bati na porta e Verônica abriu, joguei a mala no chão, fechei a porta e pressionei-a contra a parede.

Tirei sua saia e seu biquíni, abaixei minha bermuda e minha cueca o suficiente, levantei-a pelo quadril e penetrei-a de pé.

Foi tudo muito rápido, forte e tenso. Mas era um tesão acumulado. Gozei.

Percebi um pouco sua decepção quando Verônica disse com a cara séria:

— Você está me devendo.

— Pode deixar que eu não gosto de ficar devendo pra ninguém.

Ela trocou a cara séria por um sorriso que combinava mais com seu rosto.

No dia seguinte acordei cedo, tomei um suco de laranja, deixei um bilhete para Verônica no criado-mudo e fui correr pela praia. Fazia tempo que não corria.

Estava feliz, cheio de disposição, brisa da praia, tudo a favor.

Corri durante meia hora e voltei para a pousada.

Já eram nove horas quando cheguei no quarto e ouvi o barulho do chuveiro. Entrei bem devagar para ela não me escutar. Fiquei admirando seu corpo por trás do box embaçado enquanto me despia. Estava todo suado e precisava de um banho, melhor ainda se tivesse a companhia dela. Entrei vagarosamente e Verônica se assustou.

— Ai que susto! Corridinha logo cedo?

— É, estou bem-disposto.

— Quero ver então — ela segurou nele, que já estava ereto. — Já assim!? — Verônica perguntou, surpresa, enquanto me masturbava.

Passei a mão por entre suas pernas e penetrei-a com o dedo. Ouvi seu gemido e continuei, tentando extrair o seu prazer e prepará-la para cumprir minha promessa.

Ela começou a esfregar ele e eu comecei a chupar os seus seios que ficaram arrepiados com meu toque. Provoquei com chupadas vagarosas e lentas e vi quando jogou sua cabeça para trás, entregue à sensação.

Tirei a mão do seu sexo e levantei-a pelo quadril, penetrando-a bem devagar enquanto Verônica cruzava as pernas atrás do meu quadril.

— Estou te devendo — disse baixinho em seu ouvido enquanto ela só gemia.

Fiquei bastante tempo fazendo movimentos lentos até ela descruzar as pernas e me pedir ao ouvido:

— Senta.

Adorei a ideia, pois só tinha boas lembranças daquela posição. Sem pressa fui me abaixando, beijando seu corpo aos poucos. Quando finalmente sentei, a segurei em pé para dar um longo beijo em seu clitóris. A reação dela foi deliciosa, claramente estava próxima de gozar. Interrompi o beijo provocativamente e puxei a para baixo, ela se encaixou nele enquanto eu beijava seu pescoço e sua orelha.

Verônica se inclinou para trás apoiando suas mãos em meus tornozelos deixando seus lindos seios em uma posição fácil de chupar. Passei a dar mordidinhas leves em seus mamilos escuros, mas incrivelmente apetitosos. Verônica começou a fazer movimentos mais rápidos. Estava ofegante, gemia alto, chegava a gritar. Eu já não estava entendendo como ainda não tinha gozado. Verônica continuou a mexer mais e

mais, até que de repente ela me abraçou forte com um gemido em meu ouvido e parou.

Se levantou, passou a mão em seu sexo e percebeu alguma coisa. Me olhou assustada e perguntou:

— Você gozou?

— Não.

— Gozou sim! — Verônica disse me mostrando a prova na mão.

Pela primeira vez na vida não tinha percebido isso e estava com vontade de mais.

Verônica me olhou surpresa e falou rindo:

— Isso significa que você ainda está me devendo.

Fiquei tomando banho, tentando entender o que havia acontecido. Na verdade, não tinha a mínima importância, pois estaria com ela durante uma semana naquele paraíso.

Saí do banho e percebi que já eram dez horas, então fomos para a praia e ficamos o dia todo lá.

Diferente da Tânia, Verônica me fazia companhia e conversávamos bastante. Evitei o assunto namorado após ela dizer que ele teve que voltar para São Paulo para trabalhar.

No réveillon? Estranhei, mas não comentei.

Tomamos algumas caipirinhas, mas não exagerei. Nunca me esqueci do que aconteceu anos atrás ali perto.

Falamos de tudo, inclusive sexo. Confessamos nossas fantasias e eu disse que queria transar na praia. Ela confessou que queria no avião.

— Tudo a ver com a profissão — brincou.

Nisso Verônica me colocou um novo apelido: Meninão.

Esse apelido eu gostei, meu consciente aprovou.

Comecei a chamá-la de professora.

Ela não acreditava como eu conseguia correr trinta minutos e depois transar por tanto tempo.

— Você não me viu correndo do sr. João — disse, emendando a terrível história da menina religiosa. Ela riu, divertida.

O tempo foi passando, assim como os vendedores de praia. Impressionante como se vendia de tudo naquela areia. Desde colar e comida até maconha — outra lembrança ruim do passado.

Já estava quase anoitecendo quando voltamos à pousada para jantar.

Depois fomos para o quarto e Verônica pegou uma canga e me desafiou:

— Quer realizar seu sonho hoje?

Suas palavras entraram em meus ouvidos como a música “Dreamer” do Super Tramp.

— Vamos aproveitar hoje, pois amanhã a praia vai estar cheia por causa do réveillon! — ela me explicou.

— Vamos agora! — respondi.

Fomos até a praia já com o objetivo definido. Verônica levou a canga e eu um champanhe que peguei no restaurante da pousada sem nem mesmo me preocupar com o rótulo, afinal aquilo pouco importava. Chegamos lá com o céu já escurecendo e com um pequeno movimento de pessoas, mas quanto mais nos afastávamos do centro, mais vazia a praia ficava.

A cena era de filme, estávamos de mãos dadas caminhando pela praia com a lua ao fundo, clareando o mar. “Lua de prata no céu e o brilho das estrelas no chão”, pensei enquanto cantarolava a versão de Legião Urbana para uma música dos Menudos. Quem diria. Minha irmã ficaria orgulhosa. A brisa marinha entrava em meu nariz e me deixava quase intoxicado, o cabelo dela voava conforme o vento litoral. Saia curta bem solta e parte de cima do biquíni era sua vestimenta e eu estava só de bermuda.

Sentamos sobre a canga na areia. O champanhe estava difícil de abrir e Verônica achou a situação engraçada, perguntando se eu precisava de ajuda.

— Calma professora, eu abro.

Abri e brindamos nossa noite bebendo direto na garrafa.

Estava sentado de frente para o mar, Verônica sentou ao meu lado e acariciou minhas costas. Em seguida, segurou minha mão e levou até debaixo de sua saia, percebi que ela estava sem a parte de baixo do biquíni.

Burro, por que você também não veio sem cueca? Ele me xingou, já duro.

Sem querer deixar isso me atrapalhar, abaixei a bermuda e a cueca e voltei minha atenção para ela. Deitei a no chão e aos poucos fui usando todos os truques que já tinha aprendido e comecei uma massagem lenta em seu clitóris enquanto a penetrava com os dedos da outra mão. Ela logo ficou encharcada, e tive que me controlar para não queimar a largada. Ela logo começou a retribuir o favor e me massageou do jeito que sabia que eu iria gostar. Com um movimento rápido, me virou na canga e sentou em meu colo, de frente para mim. Do jeito que estava molhada, a sensação foi deliciosa, não queria que acabasse nunca e estava claro que ela também não. Ficamos curtindo a lua, o mar, nossos corpos por bastante tempo. Era tudo igual, mas de alguma forma completamente diferente de tudo que eu já tinha sentido. Não era amor como com Amanda, mas era safado, suado, proibido. E quanto mais nos esfregávamos sobre a areia mais suávamos, e mais nosso suor se misturava. Já não conseguia pensar em nada, apenas em Verônica e nos nossos corpos movendo em união. Nosso suor. Nosso sexo. Nosso batimento cardíaco.

O mar parecia nos mover também, de forma que o ritmo era constante e enlouquecedor. Toquei o clitóris de Verônica e ela pareceu se entregar ainda mais. Seu olhar estava escuro de prazer e eu me senti perdido nele. O jeito com que ela esfregava seu corpo em mim criava uma sensação maravilhosa.

Aos poucos, quando achava que não poderia melhorar, Verônica acelerou seu quadril e chegamos, como mágica, juntos, num orgasmo maravilhoso!

Isso foi a primeira vez que aconteceu. *Melhor transa de todas!*

Depois do agito do réveillon ficamos mais uma semana naquele paraíso com direito a sexo três vezes por dia.

Estava tirando meu atraso e suspeitava que o dela também.

Como será que é o sexo dela com o namorado?

Tinha essa dúvida, mas achei melhor não perguntar.

Evitava ao máximo tocar no assunto, não queria estragar aquele momento maravilhoso.

No último dia, já de malas prontas, resolvemos tomar um banho antes de irmos embora.

Foi então que Verônica me surpreendeu com uma proposta:

Foi até a porta da varanda, levantou a persiana deixando o sol entrar pelo vidro, ofuscando minha vista, abriu a porta e saiu nua na sacada.

Fiquei boquiaberto. Ela me chamou para o lado de fora do quarto e eu obedeci aquela loucura:

— Vem, eu quero ter uma última visão desse paraíso.

Meu coração acelerou como quando ficávamos na viela. Era bem cedo, mas aquela sensação de tesão misturado com a sensação de sermos vistos voltou à tona.

Suspeitei que ela gostava disso.

Verônica pediu para eu sentar em uma cadeira e sentou no meu colo encaixada nele, de costas para mim, gemi.

Tinha uma visão maravilhosa de sua bunda rebolando, seus cabelos revoltos com o vento no meu rosto e distante ao fundo, a praia.

Segurei os seus seios. Verônica se mexia cantando “Every Little Thing She Does Is Magic”, do The Police. Perfeito! Estava quase gozando com tudo aquilo, mas queria continuar. Tirei as mãos dos seus seios e as levei para o seu quadril. Falei baixinho ao seu ouvido:

— Devagar.

Ela obedeceu.

Com as mãos no quadril não estava mais a sua mercê, controlei a velocidade dos movimentos e assim pude curtir mais aquele momento maravilhoso. Verônica então puxou minha mão para o seu clitóris.

Era a confirmação do que aprendi: “*O botão de start*”.

Enquanto ela se mexia, eu tocava seu clitóris com uma mão e seu seio com a outra.

Verônica acelerou e gozamos juntos pela segunda vez.

Achei que da primeira havia sido sorte, mas não foi. Estávamos totalmente apaixonados e em total sincronia.

E nesse momento eu já não tinha mais certeza se aquela vez na praia havia sido a melhor transa de todas.

PROFESSORA — 17 DE JANEIRO DE 1998

Aquela semana em Trancoso foi sensacional, nunca passei um réveillon tão bom na minha vida.

Era o início de um novo ano, fim da faculdade, ótimas perspectivas profissionais e principalmente sexuais.

A única coisa que não ficou claro para mim foi o relacionamento de Verônica com seu namorado.

Ela não falou nada sobre aquilo durante a nossa semana, e não ia ser eu quem iria estragar tudo perguntando. Mas voltando para São Paulo, Verônica me disse que não era tão fácil assim terminar seu namoro, pois eles estavam juntos havia muitos anos, eram praticamente noivos, as famílias se conheciam bem, eram amigas, e ela tinha que esperar o momento certo.

Apesar disso, continuávamos a nos ver sempre, saíamos para ir ao teatro, cinema e restaurantes, e Verônica não parecia estar muito preocupada em sermos vistos juntos, a não ser em frente a sua casa.

A única coisa que me incomodava em Verônica era o horário. Ela sempre atrasava. E não era um simples atraso, era atraso de no mínimo quarenta minutos.

Ficava puto, mas quando Verônica aparecia e íamos para a viela, ela me desarmava.

Estava sempre impecavelmente arrumada e cheirosa.

Um dia, apesar de toda a produção, eu estava impaciente e brigamos por causa do seu atraso. Fiquei uma hora esperando Verônica. Assim que ela entrou no carro e me deu um beijo, liguei o motor e fomos discutindo até o restaurante.

Lá escolhemos uma mesa no fundo encostada na parede, sentamos e continuamos discutindo.

Depois do jantar Verônica me puxou pela gola da camisa e perguntou:

— Você sabe por que eu atrasei?

Respondi que não com a cabeça.

Então ela levantou um pouco a saia e me mostrou uma cinta-liga preta.

Isso me excitou na mesma hora e Verônica falou baixinho no meu ouvido:

— Estava me arrumando pra você, meninão! — enquanto passava a mão nele sobre minha calça, por baixo da mesa.

Chamei o garçom na mesma hora, pedindo a conta.

Verônica deu risada.

Fui super-rápido para o motel mais próximo e pedi um quarto com hidromassagem.

Descemos do carro e entramos.

Verônica foi até o banheiro enquanto eu me despi rapidamente ficando só de cueca. Regulei as luzes e coloquei o som na minha rádio preferida: a 89 FM, a rádio rock.

Fiquei esperando excitadíssimo, até que ela saiu do banheiro.

Nunca tinha visto uma cena assim:

Verônica estava com um sutiã meia taça preto maravilhoso que deixava seus seios ainda maiores, combinando com uma calcinha fio dental, cinta-liga, meia calça três-quartos e botas até os joelhos.

Puxei Verônica para a cama e a beijei vagarosamente, curtindo cada momento.

Comecei beijando sua boca, depois não me atralhei com o sutiã. Abocanhei seis seios e ela gemeu.

Fui descendo, beijando seu abdômen, quando chegou embaixo:

Fodeu.

Ao contrário do sutiã, não sabia o que fazer com a cinta-liga. Percebendo isso, Verônica me ensinou:

— É assim meninão... — disse me ajudando.

— Você fica linda de botas — elogiei.

— Então coloca elas de volta.

Fiz o que a professora mandou.

Subi até a altura do seu sexo e chupei seu clitóris bem devagar, Verônica começou a se mexer feito louca e cravou as unhas no lençol.

A Tânia tinha razão, ela disse que eu faria muita mulher feliz!, ele se orgulhou.

Introduzi meu dedo em seu sexo e senti ele muito molhado, quando de repente Verônica me puxou para cima. Penetrei-a muito devagar, o que fez com que ela gemesse. Então comecei a mexer mais e mais, até Verônica me virar e ficar de cócoras, encaixada perfeitamente sobre ele. Ela começou um movimento de cavalgar, e com aquelas botas fez rapidamente eu gozar!

PARABÉNS A VOCÊ? — 25 DE JANEIRO DE 1998 — VINTE E TRÊS ANOS

Deixamos de frequentar a viela e passamos a frequentar motéis regularmente. No dia do meu aniversário de vinte e três anos não iria ser diferente.

Oficialmente não estávamos namorando, afinal Verônica ainda não tinha terminado com o namorado, mas o fato de ele trabalhar muito facilitava as coisas para nós.

Ela disse que ia me dar uma surpresa, e eu fiquei tentando imaginar o que poderia ser.

Então fomos até o motel mais próximo de sua casa, o My Flowers, na avenida Ricardo Jafet, que estava cheio, corremos para o motel Aphrodits, que também estava cheio. Saímos em disparada para o motel Snob's que estava lotado também.

Não é possível!

Comentamos sobre como as pessoas estavam animadas.

Já estava cabisbaixo quando Verônica deu a ideia de voltarmos à velha e boa viela que ficávamos no início do nosso “relacionamento”.

Seria uma lembrança da nossa primeira vez, e de lá eu só tinha boas recordações.

Corri para a viela.

Pedi pra Verônica me mostrar a surpresa mas ela disse que ia ficar me devendo, pois tinha trazido uma roupa especial na bolsa e no carro não ia dar para colocar.

Não dei muita importância para isso, pois ela logo me beijou daquele jeito que só ela sabia fazer. Era realmente muito intenso, úmido, ofegante, cheio de desejo.

Sentou no meu colo de frente para mim, tirou a camiseta e o sutiã rapidamente, e passei a chupar seus seios maravilhosos.

Verônica começou a rebolar e eu já sentia ele animado, quando subitamente ouvi três batidas fortes no vidro do carro.

Meu coração quase saiu pela boca com o susto que levei.

Verônica saltou do meu colo. Estávamos apavorados, não sabendo o que estava acontecendo, quando ouvimos mais três batidas.

Passei a mão no vidro para desembaçar enquanto Verônica colocava apressadamente sua camiseta.

Vi um policial apontando uma lanterna na minha direção, ofuscando minha vista.

Ele ordenou:

— Saiam do carro com as mãos pra cima!

Abri a porta e fiz o que ele me pediu com as pernas bambas ao ver a viatura da ROTA.

— Coloquem as mãos atrás da cabeça.

Havia outro policial apontando uma arma para mim. Ainda tremia.

Bruscamente, o primeiro policial me virou contra o carro, colocando minhas mãos na nuca. Verônica estava do outro lado do carro do mesmo jeito.

Ele começou a me revistar passando as mãos na minha cintura, no meio das minhas pernas, batendo forte no meu saco. Continuou descendo pelas minhas pernas até chegar nos tornozelos. Eu pedi calma.

Observei o outro policial revistando a bolsa de Verônica.

Ele me perguntou se eu tinha armas ou drogas no carro e se tinha passagem pela polícia.

Disse que não. Era a verdade, então eles pediram para eu e Verônica abaixarmos os braços.

Obedecemos.

Falaram para Verônica voltar para dentro do carro e pediram para eu apresentar meu documento e o documento do carro.

Um deles perguntou:

— O que vocês estavam fazendo.

— Nada — menti, mas não convenci.

— Você sabia que eu posso te prender por atentado violento ao pudor?

Tentei argumentar, já estava acostumado com sermões.

— Não vou mentir para o senhor. Eu estou aqui com minha namorada, pois hoje é meu aniversário e passamos por três motéis que estavam lotados, então eu parei aqui nessa viela...

Enquanto eu falava, ele olhava para o meu RG e olhava para Verônica já dentro do carro.

Chamou o outro policial, mostrou meu documento, apontou para Verônica cochichando algo em seu ouvido.

O outro policial se abaixou para ver Verônica no carro e olhou para mim com um sorriso inexplicável.

— Só porque é seu aniversário vou te liberar, mas sai daqui e procura um lugar legal pra levar esse mulherão, o.k.? Aqui os vizinhos estão reclamando — ele disse, devolvendo meus documentos.

— O.k.! — respondi entrando no carro.

— E tem mais uma coisa...

O que falta ser agora?, meu consciente tremendo reapareceu.

— ... Parabéns!

Saí de lá querendo acreditar que o parabéns era pelo aniversário. Mas no fundo eu sabia que era por estar com Verônica.

THE BOOK IS ON THE TABLE — 2 DE AGOSTO DE 1998

Verônica viajava muito a trabalho, e não foram poucas as vezes que fui buscá-la no aeroporto. Ela sempre chegava com aquela roupa de comissária que me dava o maior tesão, assim como a roupa de tenista de Amanda.

Como será que ela está? Espero que esteja bem.

Passei a ter o maior fetiche pela roupa de aeromoça de Verônica.

Adorava o jeito de professora que ela me tratava e fazia questão de ser seu meninão.

Um dia Verônica me propôs de irmos para Las Vegas passarmos uma semana juntos. Íamos comemorar um ano do nosso “relacionamento”, apesar de ela continuar com seu estranho namoro.

Verônica ia me dar a passagem de presente.

Fiquei animadíssimo com nossa viagem e aceitei. Fazia tempo que não saía de férias.

Seria minha primeira viagem internacional. E o trabalho que tive para tirar o passaporte e o visto americano quando pensei em visitar Amanda finalmente serviu para alguma coisa.

Apesar de estar imensamente feliz com Verônica, ainda sentia saudades dela.

Não raro eu me pegava pensando em Amanda, não apenas no sexo, mas em tudo o que ela fazia, seu sorriso cativante, o jeito de menina, e a forma como ela sempre, por pior que estivéssemos, arranjava de estar ao meu lado.

Estranho.

Depois de fazer uma escala em Miami, cheguei em Las Vegas exausto.

Peguei um táxi até o hotel, que percorreu a cidade por uma só avenida, a The Strip.

Percebi que estava chegando ao hotel ao avistar uma réplica da estátua da liberdade. O recém-inaugurado New York-New York hotel Casino, comparado com os outros que observei, não era dos maiores.

Com dificuldade no idioma, fiz check-in na recepção e subi para o quarto que Verônica reservou.

Ela só iria chegar quatro horas depois, eu estava acabado então dava tempo de dar uma cochilada.

Acordei com Verônica me dando um beijo e me chamando de preguiçoso.

Ela estava acostumada com essas viagens e não estava nada cansada.

Percebi sua animação ao reparar que Verônica estava sem roupa.

Deitei-a na cama e chupei o seu sexo como ela gostava. Verônica merecia todo o meu empenho.

Totalmente molhada, penetrei-a com o indicador e ela aprovou.

Estendi meu outro braço até tocar seu seio já ouriçado.

Com movimentos simultâneos de dedos e língua, Verônica se contorcia e gemia, até que enfim gozou.

Ela merece!

Tomamos um banho e saímos para passear. Ela me mostrou toda a cidade, pois já conhecia tudo.

Pra mim era tudo novidade, inclusive a comida japonesa que nos serviram em um restaurante. Mas o que eu mais gostei foi do saquê.

Por causa do abuso do saquê, pulamos o cassino e fomos direto pro quarto dormir.

Combinamos de acordar às oito horas para tomarmos café e sairmos para fazer compras.

Acordei com o despertador do relógio dela e olhei para o meu. Ainda eram sete horas e pensei que

Verônica havia errado na programação do despertador, quando ela me olhou e disse:

— Coloquei uma hora mais cedo pra brincar com você!

Me deu um sorriso colocando a mão sobre ele ainda dormindo.

Me lembrei da confusão que ocorreu com a Tânia quando acordei assim.

Fiquei surpreso, mas lhe abracei na mesma hora, tocando seu sexo.

Coloquei a mão por dentro da calcinha e ela faz o mesmo com minha cueca.

Começamos a nos esfregar até o clima esquentar. Nos despimos e eu deitei por cima dela. Com movimentos lentos e firmes penetrei-a já molhada.

Após alguns minutos Verônica ficou de quatro e disse baixinho olhando para trás: — Vem!

Sua voz me chamando caiu como música em meus ouvidos.

Penetrei-a por trás com uma vista maravilhosa da cidade pelo vidro do meu quarto.

— Eu gosto quando você me come de quatro porque você pode me bater na bunda! — ela exclamou, me dando uma dica.

Eu não aguentei, obedeci e gozei.

Sáimos às compras pela manhã e depois paramos em um restaurante para almoçar. Escolhi o prato e Verônica escolheu o vinho.

Depois da primeira garrafa percebi que ela estava querendo me embebedar, dei risada e Verônica também.

Não posso abusar como ontem, meu consciente me aconselhou.

Perguntei o que ela ia fazer comigo e Verônica respondeu que era surpresa. Adorava as surpresas dela e me deixava levar pelas suas loucuras.

Pegamos um táxi e passeamos mais pela cidade, Verônica direcionou o taxista para algum lugar, mas não entendi nada do que ela falou.

De repente Verônica apontou em uma direção.

Passamos em frente a uma capela com um outdoor gigantesco, com a foto do Elvis Presley com um violão, com os dizeres “A Little White Vegas”.

Ela me olhou, deu risada e falou algo ao taxista que retornou.

— Sempre sonhei em me casar de brincadeira nessas capelas, igual aos filmes — Verônica confessou.

Mesmo já a conhecendo, ficava totalmente incrédulo com suas loucuras, mas topei sem pestanejar.

O táxi estacionou em frente à capela e descemos. De mãos dadas entramos por uma porta grande e nos deparamos com um casamento em andamento.

Somente os noivos e mais duas pessoas sentadas nas primeiras cadeiras ouviam o sermão do “pastor” que estava vestido de Elvis Presley.

Sentamos nas cadeiras do fundo.

Tentei entender o que ele dizia, mas diferente da dança, meu inglês só piorava com a bebida.

Assim que o casamento terminou, Verônica me puxou em direção ao pequeno altar.

Ele imaginou se ela iria propor aos noivos uma noite de núpcias a quatro.

Será que ela é tão louca assim?

Não entendia uma palavra do que diziam, mas depois Verônica me explicou que ali só se renovava os votos de casamento, então não poderíamos nos “casar”. Pelo menos não naquele local.

Voltamos pro táxi que nos levou até uma loja de aluguel de roupas bem próxima que o próprio “Elvis”

indicou, a American Costume.

Marty era o proprietário da loja e, mesmo não entendendo o que ele falava, parecia ser um cara simpático. Ele que nos vestiu.

Vestido de Elvis ao lado de uma deslumbrante Verônica de Marilyn Monroe saí da loja em direção a outra capela indicada por Marty onde se realizava casamentos sem validade legal.

A capela era bem pequena, de tijolos e cercada por uma cerca baixa branca rodeada por um pequeno jardim.

Rindo muito e respondendo “Yes” para qualquer pergunta que o falso pastor fazia, e sem entender absolutamente uma só palavra, nos “casamos” na capela.

CALOTE — 8 DE AGOSTO DE 1998

Voltamos “casados” de Las Vegas no mesmo voo. Fizemos escala em Miami e, após o avião decolar, Verônica foi ao toalete e eu fiquei me recompondo para ela não perceber que eu estava passando mal.

Dez minutos depois uma mulher se sentou ao meu lado e eu disse para ela que o assento estava ocupado, sem saber se ela iria entender.

— Eu sei, a Verônica que pediu pra eu sentar aqui — ela respondeu.

— Você conhece a Verônica?

Ela deu risada e fez sinal que sim com a cabeça.

Só aí percebi que ela estava com as roupas de Verônica.

Ela disse apenas que eram amigas e trabalharam juntas.

Ela armou tudo isso, meu consciente descobriu.

Tentei puxar papo para tentar tirar dela mais alguma informação, mas ela deu risada, disse que seria uma surpresa e que não poderia dizer mais nada. Colocou fones de ouvido e fechou os olhos, acabando com o assunto.

Verônica trocou a roupa com ela pra realizar sua fantasia sexual.

Ainda estava lhe devendo, pois Verônica já tinha realizado a minha fantasia na praia, em Trancoso.

Fiquei excitadíssimo ao ver Verônica passando pelo corredor de cabelo preso vestida com uma camisa de botão branca, meia calça fumê sob uma saia preta que ia até abaixo dos joelhos. Sapato preto de salto baixo e um lenço vermelho no pescoço. Aquilo me deixou louco.

Durante o voo, Verônica me tratou como um passageiro normal. Mas seu olhar por trás daquela roupa me seduzia.

Passou com o carrinho de comidas e deixou um bilhete cair no meu colo:

Estou louca pra transar com você no banheiro desse avião.

Fiquei excitado, mas mesmo assim era difícil.

A turbulência naquele dia estava bem acima do normal.

Comecei a passar mal e me lembrei de Porto Seguro.

Merda. Ele e meu consciente concordaram pela segunda vez.

Algumas horas depois, Verônica passou no corredor e fez sinal pra mim, apontando para o final do corredor.

Acompanhei-a com os olhos e a vi entrando no banheiro.

Levantei na sequência e fui cambaleando pelo corredor conforme o avião balançava.

Vi alguns passageiros dormindo ou vendo televisão.

Chegando no fim do corredor, vi a porta do banheiro encostada.

Lembrei de Amanda no clube.

Bati na porta levemente três vezes.

Verônica abriu e me puxou para dentro depressa.

Ela estava empolgada e me mostrou a calcinha na mão. Rapidamente abriu o botão da minha calça e abaixou o meu zíper.

Minha calça arriou e ela me empurrou sentado no vaso sanitário.

Em pé na minha frente Verônica levantou a saia e puxou minha cabeça contra seu sexo. Estava excitado e com o estômago embrulhado.

Não podia refugar, então chupei seu sexo até ele ficar bem molhado. Verônica se apoiava com uma mão na pia e com a outra puxava meus cabelos.

Ouvia seus gemidos e sentia que o avião não parava de balançar.

Ela afastou as pernas e sentou sobre ele se ajeitando no espaço apertado.

Meu estômago já estava na boca. Comecei a suar e sentir a boca salivar. Verônica começou a se mexer e lembrei novamente de Porto Seguro.

Virei o rosto de lado e em dois segundos comecei a vomitar na pia.

Verônica deu um pulo e me olhou assustada.

Suando frio e pálido consegui com esforço dizer:

— Essa eu vou ficar te devendo.

BRINQUEDO DE GENTE GRANDE — 16 DE OUTUBRO DE 1998

Verônica nunca me explicou direito como era seu namoro.

Eu queria assumir meu relacionamento com ela, apresentá-la aos meus amigos e minha família, mas ela dizia que não podia.

— Você não sabe do nosso passado — ela sempre dizia.

— É difícil terminar.

— Eu devo muito a ele.

Eu já estava cansado e passei a pressioná-la.

Um dia fomos ao cinema assistir a um filme que eu muito esperava: *O resgate do soldado Ryan*.

Verônica, sabendo disso, não deixava me concentrar no filme, ficava me excitando beijando minha orelha ou passando a mão por dentro da minha calça para me provocar.

Vou ter que vir sozinho outro dia, meu consciente reclamou.

Esquece o filme, ele mandou.

Penetrei-a com o dedo ali mesmo, sentindo ela molhada.

Verônica me massageou até eu gozar. Ela me olhou com um sorriso no rosto e tirou a mão de dentro da minha calça para limpá-la.

Sáímos do cinema antes de o filme acabar e fomos até o motel Studio A.

Lá Verônica entrou com sua grande bolsa no banheiro enquanto eu ligava a hidromassagem e o som na Brasil 2000 que tocava “Tom Sawyer”, da banda canadense Rush. Tirei toda a minha roupa e a esperei sair.

Uma visão maravilhosa aconteceu quando a porta se abriu.

Verônica estava incrivelmente vestida com um corpete vermelho e salto alto.

Me animei rapidamente e fui como um foguete em sua direção beijando-a ferozmente. Percebi que Verônica estava com um batom vermelho e bem mais alta do que o normal.

Ela percebeu minha ereção e voltou a me provocar.

Queria ao mesmo tempo penetrá-la e admirá-la.

Não sabia novamente como começar a tirar aquela roupa, ou mesmo se queria tirá-la ou continuar admirando.

Dei um passo atrás, segurando suas mãos e passei a observá-la de cima a baixo.

— Você está linda.

Verônica me olhou fixamente nos olhos e desabotoou o corpete por baixo do seu sexo, percebendo que eu não sabia o que fazer.

— É assim, meninão.

Fiquei boquiaberto assistindo a ela se despir.

Beijei-a na boca, afastando um pouco suas pernas.

Consegui penetrá-la sem me abaixar por causa do salto alto.

Virei Verônica contra o batente e penetrei-a com mais força, como ela gostava, até gozar.

Dormimos abraçados.

Logo cedo, levei-a para sua casa e a pressionei, perguntando quando iria poder assumi-la como namorada. Foi quando Verônica perguntou:

— Está ruim assim?

Sem saber o que fazer respondi que não, mas que queria mais.

Ela me encarou e disse com todas as letras, sem dar maiores explicações:

— Pedro, não dá!

Um nó se formou na minha garganta, ficamos em silêncio até chegarmos à viela, onde eu sempre a deixava para não corrermos risco de sermos vistos juntos.

Verônica me deu um beijo na boca que não retribuí. Ela saiu, fechou a porta e eu fui embora chorando.

Só aí entendi que na verdade eu era apenas seu brinquedo.

BRINCANDO COM A PROFESSORA — 30 DE ABRIL DE 1999 — VINTE E QUATRO ANOS

Estava chateado com Verônica, mas não conseguia deixá-la. Acabei me conformando com minha simples posição de brinquedo.

À hora que ela me procurava, eu a atendia.

Demorou um tempo para eu me acostumar e finalmente ver o lado bom daquilo, afinal poderia voltar a sair com meus amigos a hora que eu quisesse sem ter que dar satisfações para ninguém.

Poderia sair também com outras mulheres, pois Verônica não poderia exigir exclusividade e ainda não ficaria sem sexo, porque ela sempre me solicitava.

Profissionalmente as coisas estavam melhorando, o escritório estava crescendo com mais projetos e admissão de mais estagiários e arquitetos.

Mas aquele “fora” que levei de Verônica reavivou minha saudade por Amanda:

Como será que ela está?

Mas não arriscava perguntar sobre ela para minha irmã depois de tudo que ela e a Flávia falaram para mim.

Mas isso tudo era passado, o trabalho estava me tomando bastante tempo e eu tinha que seguir em frente.

Estranhei quando Lilian pediu demissão e acabei assumindo seu lugar na supervisão dos estagiários. Tinha uma gratidão a ela por ter me treinado, me efetivado e principalmente por ter relevado o que aconteceu entre nós no aspecto pessoal. Depois que terminei com ela, nunca mais ela tocou no assunto.

Ocupando o cargo de Lilian e ganhando bem mais, comprei enfim a moto que tanto queria: uma CBR Fireblade.

Verônica sempre me chamava para sair. Não questionava nem o namoro dela. Só não conseguia entender por que ela continuava no relacionamento se não estava satisfeita.

Aquilo pra mim era muito estranho, mas estava aproveitando.

Certa vez Verônica me perguntou se eu já tinha ido a um Sex Shop. Falei que não e ela perguntou se um dia eu queria conhecer um.

Disse que sim, e ela prometeu que me levaria.

Ela me levou a um Sex Shop na Av. Bandeirantes que ela parecia conhecer muito bem.

Entramos e fomos recepcionados por uma vendedora de aproximadamente quarenta anos que parecia ser a dona da loja. Estava envergonhado, mas Verônica e a vendedora da loja pareciam ser velhas amigas e aos poucos, conversando, me deixaram um pouco mais a vontade.

Primeiro a vendedora perguntou se eu queria alguma coisa específica.

Fiz que não com a cabeça, mas Verônica pediu para ela me levar até o setor de fantasias. Ela queria ficar sozinha.

Enquanto escolhia, Verônica foi até um balcão no fundo da loja onde havia uma placa com os dizeres: Produtos importados.

Olhei várias fantasias, me lembrei de Amanda com sua saia de tenista.

Estava perdido em minhas lembranças quando tomei um susto ouvindo atrás de mim a voz de Verônica com uma sacola na mão:

— Você gostou dessa?

— Não! — respondi, colocando a roupa de volta no lugar.

— Deixa eu escolher então — ela escolheu uma de policial.

Enquanto ela foi até o provador, fiquei vendo o resto da loja. Observei muitos acessórios, mas fiquei com vergonha de perguntar para que serviam.

Verônica saiu do provador com a fantasia na mão, colocando-a dentro da sacola e dizendo que serviu, me deixando curioso. Passou por uma prateleira com filmes pornográficos e parou para escolher um. Puxei-a pela mão dizendo que não gostava daquilo.

Estava envergonhado, tudo naquela loja pra mim era novidade, mas para Verônica era como se estivesse em um supermercado.

Sáímos de lá e fomos até um restaurante jantar. Sentamos frente a frente em uma mesa que ela escolheu no fundo do salão. Enquanto aguardava a comida, vi que ela foi até o banheiro com a sacola na mão.

O que tem naquela sacola além da fantasia?

Quando Verônica voltou à mesa, já tinham servido nossas bebidas, ela me deu um pequeno controle remoto e me explicou que estava com uma calcinha em forma de borboleta que vibrava a cada toque no botão.

Não acreditei no que ela estava falando então me sentei ao seu lado para verificar. Disfarçadamente enfiei minha mão por baixo da mesa entre suas pernas e toquei em sua calcinha. Apertando o botão, ela vibrou justamente sobre seu clitóris. Verônica sorriu.

— E aqui dá pra regular a intensidade — ela disse me mostrando um botão no controle.

Agora eu estou no controle. Meu consciente fez cara de mau enquanto eu voltava para o meu lugar.

Comecei apertando o botão somente algumas vezes, e cada vez que eu apertava, Verônica me olhava. Esperei um pouco até o garçom chegar com a comida, e prolonguei o toque. Ela me olhou ao mesmo tempo excitada e assustada.

Verônica me olhava com tesão a cada apertada, e eu deixava para apertar com mais intensidade justamente quando o garçom se aproximava.

Estava me divertindo, queria vê-la sem graça mas só consegui deixá-la com mais tesão.

De repente, Verônica passou o pé sobre ele por baixo da mesa e disse baixinho:

— Se você continuar, eu vou entrar embaixo dessa mesa e vou te chupar.

Achei melhor não desafiá-la.

No fim do jantar, Verônica começou a lembrar de como nos conhecemos e como foi boa a viagem que fizemos juntos para Las Vegas.

Concordei dizendo que foi lá que nos casamos. Ela riu e me lembrou:

— Foi nessa viagem também que você ficou me devendo.

— Devendo o quê? — perguntei.

— Você me deixou na mão no avião, lembra?

Na verdade, tinha me esquecido.

Fiz que sim com a cabeça.

— Então chegou a hora de você me pagar.

— Claro! Como? — respondi me interessando. Ela me encarou com um olhar deliciosamente malicioso e prometeu: depois do jantar te mostro. Quase engoli a comida e quando saímos do restaurante, fomos em direção a um motel na rodovia Raposo Tavares, que ela disse que teria um quarto especial. Na estrada até lá, voltei a usar o controle.

Verônica tentava disfarçar o tesão cruzando as pernas.

Chegando no motel, ela pediu pela suíte sadô, estranhei.

Definitivamente não era nenhum dos que eu já tinha frequentado.

Entramos na garagem e Verônica tirou da sacola um par de vendas.

— Coloca — ela ordenou.

Seria uma surpresa e eu estava curioso. Fiz o que ela mandou.

Verônica me guiou até o quarto e me deitou na cama mandando eu aguardar. Obedeci de novo e esperei excitado. Ao fundo ouvi ela ligando o som que tocava Ozzy Osborne para o meu agrado.

Passou um tempo e ela tirou minhas vendas.

— Surpresa!

As luzes estavam escuras. Percebi que o quarto era mais escuro que o normal, pois além das luzes estarem apagadas, as paredes eram vermelhas.

Ela estava com a fantasia: toda de preto com um corselete, minissaia, quepe, minigravata e cartucheira. Óculos escuros Ray Ban com botas de material sintético e salto alto que iam até a altura do meio da sua coxa. Seu olhar estava mais enigmático que o normal. Na mão ela batia um cassetete.

O quarto tinha ao fundo um grande X em pé de madeira com algemas nas pontas de cima e presilhas

nas de baixo. Ao lado uma guilhotina com abertura para a cabeça e punhos.

Uma cama redonda ao centro com um espelho no mesmo formato no teto.

— O que significa isso? — perguntei.

— Não te contei antes, mas essa é uma das minhas fantasias. Espero não ter te assustado, mas sempre quis saber como seria brincar com sadomasoquismo e sempre nos damos tão bem na cama...

Verônica apontou para a sacola ao lado da cama no chão:

— E dentro daquela sacola tenho mais surpresinhas.

Ela me deu o cassetete na mão e me disse:

— Me bate!

Verônica insistiu num tom mais alto:

— Pode bater!

Dei uma leve batida em sua perna.

— Isso, só que mais forte.

Bati com um pouco mais de força.

Ela deu uma risadinha e se virou de costas para mim.

— Aqui — ela disse apontando para sua bunda.

Bati.

— Isso — ela disse, aprovando.

Ele estava animadíssimo ao vê-la de costas e eu insisti:

— Tem certeza que é isso que você quer?

Ela fez que sim com a cabeça com um olhar desafiador.

Pior se ela quisesse bater em você. Meu consciente me acalmou.

Puxei-a pela mão e fui ver como funcionava aquele X monstruoso.

Verônica me mostrou prendendo um punho em uma algema em um canto superior, me pediu para prender o outro na outra algema no canto oposto. Ao prendê-la, Verônica riu e confessou:

— Sempre tive vontade de fazer isso.

Peguei o seu tornozelo e o preendi no canto inferior direito numa presilha. Depois puxei seu tornozelo esquerdo para o canto oposto e também o preendi.

Perguntei se estava machucando seu punho, e ela me respondeu:

— Só um pouco, mas quando eu falar “tomates verdes fritos”, você para.

Estranhei aquilo, mas concordei. Só depois descobri que era uma sentença de segurança.

— O.k., entendi.

Ela disse para eu pegar uma pluma que estava na bolsa.

Fui até lá e revirei a bolsa para encontrá-la.

Reparei que na bolsa tinha alguns vibradores, uma linha com algumas bolas, um chicote entre outras coisas que não sabia para que serviam.

Peguei a pluma e comecei a passar em seu corpo como ela pediu. Verônica se contorcia e gritava:

— Isso, delícia!

Percebi que ela realmente estava gostando quando levantei sua minissaia, puxei de lado sua calcinha e senti seu sexo molhado.

Puxei sua calcinha de lado e comecei a chupar seu clitóris sem a penetrar. Verônica gritava e gemia.

Chupei mais e mais, muito devagar. Ela começou a suplicar:

— Me come, por favor!

— Cala a boca, eu que mando! — falei com uma segurança que me surpreendeu. Estava gostando de entrar nessa brincadeira.

Chupeí-a ainda mais. Verônica estava totalmente úmida e se contorcia.

— Me come logo.

— Eu já falei que eu que mando, só por causa disso vou te dar um castigo — eu disse.

Ela me olhou com um sorriso que misturava medo, expectativa, prazer e aprovação. Soltei-a do grande

X.

— Tira a minissaia e a calcinha!

Ela obedeceu.

Levantei a guilhotina e a mandei colocar a cabeça e os braços ali.

Assim ela fez, então abaixei a parte de cima e a prendi. Fechei as travas e Verônica ficou ali em pé, tronco inclinado à frente e com os braços e a cabeça presos, e a bunda nua empinada para cima.

Com as botas sintéticas de salto alto, a visão era maravilhosa.

Afastei suas pernas e voltei a chupá-la.

Verônica começou a gritar mais alto:

— Me come logo, por favor.

— Desobediente — disse, retirando meus lábios de seu sexo delicioso e batendo forte em sua bunda com a palma da mão.

Fui até a bolsa e peguei o chicote.

Voltei mostrando-o, dando uma chicotada em cima da guilhotina.

— É isso que você quer?

— É, isso!

Com um leve estalo bati na sua bunda. Ela gritou:

— Isso! Isso! Pode bater mais forte!

Bati mais forte. Soltei o chicote e parei.

Deixei-a presa gritando, retirei minha roupa, peguei-a pela cintura e introduzi somente a cabeça dele.

Ela gritava. Eu não penetrava. Só colocava a cabeça e tirava.

Ela continuou gritando, então tive uma ideia. Estava entrando nessa dos brinquedos. Fui até a bolsa e peguei uma mordaca de couro que continha uma bola presa e a escondi na mão atrás do corpo.

Ela não conseguia me ver e continuou choramingando.

De longe ainda ouvia seus gritos abafados pelo som alto.

Verônica estava ficando louca quando voltei e surgi na sua frente.

Ela me olhou por cima dos óculos escuros.

A surpreendi com o tapa boca e a calei.

Seus olhos se arregalaram e eu disse:

— É isso que você quer?

Sim, ela fez sinal com a cabeça novamente.

Peguei o chicote e a castiguei na bunda com força. Ela se mexeu.

Bati de novo e ouvi um grunhido.

Enfieí ele de repente com força em seu sexo, apreciando como estava molhada e desejava aquilo.

Comecei a estocar forte e ouvia seus grunhidos. Conforme estocava, estalava o chicote em sua perna, igualmente entregue ao momento. Juntos continuamos no movimento, até que não consegui aguentar mais de prazer. Soltei o chicote, acelerei o movimento, sentindo seus gemidos ecoarem em mim. Fechei os olhos e gozei.

Estávamos quites.

Depois do episódio da mordaca, Verônica ficou um tempo desaparecida.

Já estava achando que ela não tinha gostado, quando ela me ligou convidando para irmos para Maresias no feriado, disse que estava com saudades.

Então provavelmente seu sumiço foi por causa do namorado, mas eu tinha que atendê-la, afinal, não sabia quando teria outra oportunidade.

Além do mais, eu e Verônica tínhamos uma química enorme.

Sexta à noite peguei-a, com o carro do Tô como sempre, na viela com a mala na mão, mas não ousei perguntar qual a desculpa que ela deu pro namorado.

Não queria falar sobre aquele assunto e acabar com nosso final de semana, antes de ele começar.

Ela disse estar exausta e logo que entramos na estrada, Verônica dormiu.

Três horas depois chegamos em nossa pousada, de longe conseguia ver a casa que projetei, a casa de Tânia. Ficou linda!

Como será que Tânia está?

Acordamos tarde no dia seguinte e o tempo nos ajudou.

A praia de Maresias estava cheia e logo me lembrei de Diego e Max, seu pitbull.

Eles podem estar por aqui. Meu consciente estava em estado de alerta.

Mas logo esqueci daquilo ao ver Verônica tirando a canga.

Puta que o pariu, como é gostosa!

Armamos as cadeiras e o guarda sol. Fiquei tomando cerveja enquanto Verônica tomava banho de sol.

Passado algum tempo Verônica se levantou e falou me puxando pela mão:

— Vamos para o mar.

— E nossas coisas?

— Deixa aí, não vão mexer, não tem mais quase ninguém na praia.

Olhei ao redor e ela tinha razão. Verônica parecia gostar desse tipo de situação onde poderíamos ser flagrados.

No caminho até o mar já me empolguei e tive que disfarçar minha ereção.

Por isso não gosto de sunga. Ele e meu consciente concordaram.

Fomos até o fundo do mar onde não tinha ninguém e Verônica começou a me masturbar.

Penetrei-a com o dedo e ficamos nos masturbando por um bom tempo.

Tirei facilmente a parte de baixo de seu biquíni de lacinho e segurei-a na mão. Puxei minha sunga de lado deixando ele livre.

Verônica cruzou os braços por trás do meu pescoço e tentei penetrá-la.

Não foi uma tarefa fácil com o balanço do mar, mas com sua ajuda consegui encaixá-lo.

Verônica cruzou também as pernas atrás do meu quadril e não desgrudamos nossas bocas num beijo fenomenal.

O resto ficou a cargo do balanço do mar.

No último dia do feriado o sol brilhava forte e o calor era de verão.

Aproveitamos a praia até o fim da tarde, mas estávamos com medo do trânsito para irmos embora.

Nosso medo se confirmou, ao entrarmos na estrada percebemos que todos aproveitaram a praia como

nós e voltavam para São Paulo no mesmo horário. Trânsito muito ruim.

Verônica não parecia se preocupar, aumentou o som para o tempo passar.

Visivelmente impaciente, não estava mais aguentando aquele trânsito, quando senti Verônica deitando a cabeça no meu colo.

— Você não pode ficar estressado assim — ela abriu o velcro da minha bermuda e o abocanhou.

Meu consciente descobriu naquele momento que não é prudente receber sexo oral dirigindo na rodovia Rio-Santos.

Não conseguia me concentrar ao volante, uma fila enorme se formou atrás do meu carro e buzinas grasnavam quando o trânsito andava.

Para piorar a situação começou a chover forte, chuva de verão, e realmente o risco de acidente era iminente.

Não sabia exatamente quando e quanto acelerar e frear.

A chuva rapidamente virou uma tempestade, mal conseguia enxergar através do para-brisa e o que Verônica fazia não estava me ajudando em nada.

Mas eu não conseguia parar.

Segui a sugestão dele e do meu consciente, mesmo os dois tendo motivos diferentes. Parei no acostamento e liguei o pisca alerta. Verônica continuou a chupá-lo e os vidros começaram a embaçar.

Verônica tirou a calcinha por baixo da saia.

— Aqui? — perguntei preocupado, lembrando do policial.

— Por que não? Vamos terminar o que começamos a fazer!

Não consegui resistir quando ela sentou no meu colo de frente para mim, se encaixou nele e começou a se mexer. Subindo e descendo rápido, gemendo baixo no meu ouvido.

Lá fora os carros passavam e notavam o movimento. Uns mais afoitos gritavam e buzonavam para nós.

Ela começou a mexer depressa, ele estava a ponto de explodir, quando ela começou a parar.

Faltava pouco, ele suplicou e eu comecei a implorar:

— Não para, vai, vai...

Ela acelerou e eu gozei.

Mesmo após uma longa viagem, cheguei em São Paulo com disposição para ficar mais um tempo conversando com Verônica na viela.

Já estava claro e decidimos tomar café da manhã em uma padaria próximo dali.

Me despedi de Verônica com um longo beijo na boca e parti direto para o escritório. Mesmo cansado estava relaxado.

PURA MATEMÁTICA — 5 DE FEVEREIRO DE 2000 — VINTE E CINCO ANOS

Gostava muito de Verônica, mas não poderia ficar a sua mercê. Sentia falta de ter uma namorada de verdade. E sempre que pensava nisso, ficava com saudades da Amanda. Mas agora ela estava a milhares de quilômetros de distância de mim.

Não adiantava mais lamentar, estava na hora de mudar de vida, seguir em frente e voltar a sair.

Fazia tempo que não via alguns amigos. Então resolvi ligar para o professor Roberto, que disse para encontrá-lo no bar Little Darling em Moema.

Entrei e vi um bar cheio, quadros na parede e pista de dança com um piso quadriculado branco e preto

que davam um ar retrô ao ambiente.

Demorei um pouco para achar a mesa onde Roberto estava.

Quando ele me viu, abriu um sorriso e me cumprimentou.

— Desce um V8 pro Ninja — gritou Roberto, que estava vestido com uma camisa estampada com um rottweiler, sob uma jaqueta de couro preta.

— Prefiro cerveja — disse sentando à mesa, tentando entrar na conversa, mesmo os amigos de Roberto não sendo muito simpáticos.

O único que eu conhecia era Felipe, que me mostrou Verônica três anos antes.

Eles falavam sobre sexo anal e eu me calei porque nunca tinha feito.

Lembrei da mulata em Salvador.

Fio terra!

Quando voltei das minhas lembranças, o assunto era outro.

Ouvi Felipe perguntar para o Roberto apontando para uma loira na pista.

— Quantos KM tem aquela ali?

— Deixe-me ver... — Roberto começou analisar a mulher.

— O quê você quis dizer com KM? — perguntei.

— KM de pinto!

— Não entendi...

— É pura matemática! Presta atenção... — Felipe começou a explicar com a calculadora do celular na mão:

— O pau do brasileiro tem em média quinze centímetros, a relação sexual em média dura quinze minutos, e o brasileiro faz sexo em média duas vezes por semana. Sabe o que isso significa?

— Não — respondi.

— Quinze minutos são novecentos segundos. Isso significa que são novecentas vezes que o pau entra na vagina correto?

Fiz que sim calculando de cabeça enquanto Felipe teclava na calculadora.

— Faz as contas: novecentos vezes quinze é igual a treze mil e quinhentos centímetros, multiplicado por duas vezes por semana é igual a vinte e sete mil centímetros, multiplicado por quatro semanas é igual a cento e oito mil centímetros. Isso multiplicado por doze meses é igual a um milhão duzentos e noventa e seis mil, ou seja doze mil novecentos e sessenta metros, quase treze KM.

— Isso não é muito, minha moto é nova e já tem três mil quilômetros! — falei dando risada.

— São treze KM por ano de pau, um atrás do outro! Você acha pouco? — ele enfatizou.

Todos rimos e Felipe continuou:

— Agora você imagina uma mulher de trinta anos, comportada, um namorado por ano, que começou sua vida sexual aos dezesseis anos, quantos KM ela tem?

Fiz as contas de cabeça:

Cento e oitenta e dois.

— Cento e oitenta e dois KM de pinto, um atrás do outro, dá para ir até Caraguatatuba.

Felipe reafirmou dando gargalhadas.

Comecei a calcular e debater com meu consciente:

Melhor voltar a usar camisinha. Meu consciente aconselhou.

Verônica voltou a me ligar, e apesar da minha tristeza de não ser seu namorado, mais uma vez me arrumei e fui ao seu encontro. Ela tinha se mudado da casa da mãe e me chamou para ir conhecer seu apartamento novo.

Quando me anunciei na portaria, o porteiro pediu para eu subir e me lembrei na mesma hora do dia em que subi ao apartamento da Lilian.

Mas essas lembranças ficaram logo para trás quando Verônica abriu a porta.

Encostei a porta e ela me cumprimentou com um selinho.

Sentamos no sofá e começamos a nos agarrar.

O clima foi esquentando rápido. Ao tirar o top dela, ela se levantou e me puxou rapidamente para sua suíte.

Excitados, tiramos a roupa um do outro e fomos jogando no chão.

Mal toquei o sexo de Verônica e senti ele muito molhado. Me derreti por dentro, tive que admitir que estava com saudades e isso aumentava meu tesão.

Ela se deitou na cama e eu deitei por cima.

Verônica gemia no meu ouvido e isso me excitava ainda mais.

Estava começando a aproveitar quando de repente um barulho de porta batendo foi seguido por um grito:

— Amor?

Verônica arregalou os olhos:

— Meu marido!

— O quê? — perguntei sem saber direito o que estava acontecendo.

— Meu marido chegou! — Verônica disse baixinho colocando o dedo indicador na frente da boca me pedindo silêncio.

Não estava acreditando no que estava acontecendo:

— Mas você me disse que tinha um namorado! — quase gritei.

— Namoramos por bastante tempo... — Verônica disse baixinho pegando uma aliança da gaveta do criado-mudo e continuou: — ... mas sim, agora somos casados!

Colocou a aliança no dedo, pegou minhas roupas do chão e me empurrou para o banheiro.

— Amor?

— Estou indo! — Verônica respondeu se enrolando em uma toalha saindo do banheiro.

Que droga! Impossível não lembrar do dia em que me tranquei no banheiro fugindo da discussão com Tânia e dei de cara com um pitbull.

Ouvia através da porta, ou pelo menos tentava quando as batidas do meu coração permitiam. Verônica saindo do quarto e começando a conversar.

— Oi amor, você não ia voltar amanhã?

— Desmarcaram uma reunião, então voltei antes... Estava com saudades!

— Eu também estava morrendo de saudades.

— Você estava no banho?

— Eu ia tomar banho e ouvi você me chamar...

— Boa ideia, estou exausto.

Fodeu!, meu consciente correu para debaixo da cama.

— Você não prefere fazer outra coisa? — Verônica perguntou enquanto eu apenas perguntava para o meu consciente:

O que eu faço agora?

Não obtive resposta.

Estava decepcionado, mesmo sabendo que Verônica estava traindo, descobrir que era casada deu uma nova dimensão ao nosso relacionamento.

Que saudades da Amanda.

Por que ela não me contou?

Mais uma vez fiquei sem resposta.

Enquanto era ignorado pelo meu consciente, ouvi alguns gemidos.

Putá merda, meu consciente exclamou. Eles estão transando.

Aproveitei a oportunidade e sai do banheiro na ponta dos pés. Fui até a porta do quarto e olhei pelo vão.

Verônica estava de quatro no sofá e seu namorado a penetrava por trás em pé.

Ele estava de costas pra mim, eu poderia sair despercebido, mas não fui embora. A curiosidade e o tesão falaram mais alto.

A única vez que vi cena parecida foi com Carioca em Porto Seguro na minha formatura de colégio. Mas desta vez senti que meu lugar tinha sido roubado.

Verônica gemia e gritava.

Ela parecia que queria me avisar algo. Mas eu não conseguia entender seu recado.

Enquanto colocava a meia, dei falta dos meus sapatos.

Deixei na sala!

Olhei bem e eles estavam lá, cobertos pela toalha de Verônica.

Foi o tempo de eu terminar de me trocar e o marido gozou.

Após se beijarem na boca ele veio em direção à suíte.

Fodeu! Meu consciente gritou novamente.

— Vamos tomar banho juntos... — ele propôs para Verônica.

Estava sem saída, se ele entrasse no banheiro com certeza me veria.

Não poderia sair pela janela como em Maresias, pois estávamos no décimo segundo andar.

Ouvi meu consciente me chamar e corri para debaixo da cama.

Meu silêncio só era quebrado pelas batidas aceleradas do meu coração.

Vi por baixo da cama os pés do marido entrando no quarto e em seguida os dela que se aproximaram dos dele.

— Que fogo é esse? — o marido perguntou.

— É muita saudade! — Verônica o empurrou contra a cama e senti ele cair sobre mim.

— Calma, Amor, eu preciso de um tempinho pra me recuperar — ouvi ele dizer.

Verônica acha que você está no banheiro. Meu consciente decifrou.

Ouvi barulho de beijos e gemidos, mas não teve jeito:

— Nossa, amor, tudo isso é saudades?

— É! Eu estou louca de saudades de você.

— Eu entendi, mas realmente eu preciso de um tempinho. Vamos tomar banho. — Verônica se ajoelhou na frente dele e entendi que iria fazer sexo oral para distraí-lo. Mas eu não estava mais no banheiro.

Uma mistura de sensações se deu naquele momento. Eu queria fugir, meu consciente espiar, e ele queria estar dentro de sua boca. Tesão, inveja, raiva e medo se misturavam enquanto eu tentava me acalmar. No fundo eu me sentia como numa brincadeira de esconde-esconde de criança.

— Não vai rolar, amor — ele disse, indo em direção ao banheiro.

— Não! — ela gritou segurando seu pé, tentando impedi-lo de andar.

— Você tá louca?

Verônica tentou chupá-lo novamente mas ele se desvencilhou dela e abriu a porta.

Ouvi o barulho do box abrir e o chuveiro ligar.

— Você não vem Amor?

Ela se levantou e andou, olhando desconfiada para os lados, até entrar no banheiro.

Ao vê-la entrar e fechar a porta, saí em disparada até a sala, peguei meus sapatos embaixo da toalha e corri para o elevador.

Verônica

Tudo começou com a morte do meu pai aos quarenta anos de enfarto, eu tinha quinze anos e era a mais velha de três meninas.

O sócio dele não deixou minha família desamparada. Como ele era amigo da minha mãe, sempre esteve do nosso lado.

Acabamos nos aproximando e aos dezoito anos me casei com ele e me mudei para o Rio de Janeiro.

Beto é vinte e cinco anos mais velho do que eu, dono de casa noturna. Nunca quis ter filhos comigo, pois já tem três do primeiro casamento.

Não precisava trabalhar, mas Beto não se opôs quando eu disse que queria ser comissária de bordo.

Quando estou em São Paulo, durmo na casa da minha mãe e aproveito para sair com minhas amigas para me divertir um pouco, pois odeio solidão.

Há alguns meses vi o Pedro pela primeira vez no Iron Horse.

Ele estava sentado junto com um bando de motociclista, mas não parecia um deles.

Alto, forte, traços másculos e uma barba por fazer, ele me chamou a atenção, mas não olhava pra mim. Foi embora sem eu ter oportunidade de falar com ele.

Foi minha amiga, que percebendo meu interesse, pegou o telefone dele com seu amigo do moto clube e me incentivou a ligar.

Fui determinada como nunca tinha sido antes. No início não deu certo, mas depois acabamos juntos.

Nunca falei pra ele que era casada, pois isso talvez o assustaria, mas falei que namorava para ele não me pressionar.

Ele no início também omitiu que namorava, mas depois terminou o namoro e eu não sabia o que fazer.

Não conseguia acabar meu casamento com o Beto depois de tudo o que ele fez por nós, mesmo com nosso distanciamento. Já não fazíamos sexo como antes.

Com o tempo comecei a me apaixonar por Pedro. Mas toda vez que ele me fazia escolher, respondia no automático que ele não entendia. Era difícil admitir que eu estava traindo uma pessoa querida como o Beto. Comecei a sofrer por culpa e ficava tempos sem falar com Pedro, mas sempre voltava. Com ele explorei tantas fantasias, do leve exibicionismo em Vegas até o sadomasoquismo no motel. Ele sempre me acompanhava, se entregava.

Estava prestes a declarar meu amor por ele e dizer que terminaria tudo com Beto no dia em que quase fomos pegos no meu novo apartamento. Transei com Beto para despistar, mas assim que acabou ficou claro que não era tão bom quanto com Pedro. Depois daquele dia decidi me separar e achei melhor darmos um tempo, para meu divórcio não ser ainda mais conturbado.

Quando finalmente liguei para ele para nos reencontrarmos, ele não só disse que tinha namorada como não se manifestou para ficar comigo. Levei um choque. Tinha certeza que ele estaria me esperando, ou que pelo menos trairia por mim como fiz com ele por tanto tempo. Foi uma facada no peito aquele

instante, não quis deixar ele me seguir para não ver como estava sofrendo.

4. Bônus

23 DE DEZEMBRO DE 2004 – VINTE E DUAS HORAS

Ainda estou amarrado. Meus pulsos doem, estão vermelhos, machucados. O tempo passa, mas eu só tenho a noção do tempo através do locutor:

“Boa noite São Paulo, hoje é quinta-feira, dia de sair na balada com os amigos e curtir muito pagode aqui na Band, agora são vinte e duas horas e vamos começar nosso programa ouvindo ‘Encaixe perfeito’ do Swing e Simpatia...”

Não aguento mais esse som, preciso sair daqui.

Tento me lembrar de como fui parar naquela cama. Fecho os olhos bem apertado e vasculho cada meandro da minha memória sem sucesso.

Que droga!

Tento pela décima vez me desvencilhar das amarras, mas não consigo. Puxo meus pés, mas eles estão ainda mais firmes que minhas mãos, e cada vez que tento fugir a pele fica mais machucada, e já está quase em carne-viva. Puxo com força minhas mãos, unindo os dedos para ver se consigo.

Não dá...

Curiosamente não sinto vontade de ir ao banheiro. Devo estar desidratado. Por isso minha boca e minha mucosa do nariz estão secas.

A dor de cabeça continua, assim como a dor nos meus punhos e calcanhares.

Será que fui drogado?

A televisão é enorme bem na minha frente. Assisto aos filmes que a vida toda evitei. Neste momento um homem com um pênis descomunal estoca fortemente em uma moça não muito maior que Lilian. É assustador.

Este, aliás, era um dos motivos de eu detestar cinema pornô: o ator era sempre enorme, avantajado. Japa dizia que era jogo de câmera. Eu não tinha tanta certeza.

O tempo de duração do sexo também era muito maior do que qualquer relação normal. O Japa dizia que era por causa das quatro câmeras que eles usavam para filmar e depois editavam, somando o tempo de todas elas.

A quantidade da ejaculação do ator também deixava qualquer homem com complexo de inferioridade.

— Outra montagem — dizia o Japa.

Será? Meu consciente duvidava.

A interpretação da atriz gozando também fazia com que qualquer homem se sentisse o pior na cama.

É nojento. Ele definiu.

E então, subitamente, me vi não apenas solteiro, mas também sozinho. Não quis mais sair com Verônica depois de testemunhar aquela cena com seu marido. E no fundo eu só conseguia pensar na Amanda.

O pior é que naquele momento o Guga chegava a Roland Garros como um dos favoritos após ganhar um torneio na Alemanha. Cada vez que o manezinho pegava na bola meu coração soluçava. Estava doente de saudades. Cada jogo, cada partida, e eu só pensava como Amanda estaria, e que com certeza estava acompanhando o jogo.

Na final Guga atropelou Magnus Norman por três a um. A última vez que ele ganhou Roland Garros ainda estávamos juntos.

Eu preciso falar com Amanda!

Tomei coragem e pedi o e-mail dela para Nanda.

Com um pouco de resistência, Nanda acabou me dando o e-mail e imediatamente eu escrevi:

Oi Amanda,

Quanto tempo...

Estava assistindo os jogos do Guga e lembrei de você. Você viu o último jogo?

Como estão as coisas por aí? Estudando muito?

Espero que esteja tudo bem. Tenho saudades!

Me mande notícias. Bjs PH.

Ansioso, aguardei a resposta por dois dias. Quando comecei achar que ela estava chateada comigo e não iria me responder, fui surpreendido com seu e-mail. Meu coração acelerou ao abri-lo:

PH, tudo bem com você?

Lógico que eu vi o jogo. Ele é o meu ídolo!

Meu sonho era estar lá! Mesmo que só assistindo.

Aqui está tudo ótimo. Estou terminando a faculdade e pensando em fazer uma MBA.

Como andam as coisas no seu trabalho?

Não vamos perder mais contato.

Bjs Amanda.

Uma alegria enorme tomou conta de mim. Aquela alegria contagiante que só Amanda me passava quando conversávamos. Imediatamente respondi:

Amanda,

Também acho que não devemos mais perder contato.

A última vez que ele ganhou Roland Garros ainda estávamos juntos. Lembra?

Sinto falta dos nossos papos.

Aqui no escritório está tudo bem, muito trabalho.

Agora estou supervisionando os estagiários.

MBA? Você tem estudado demais!

O que mais você tem feito?

Bjs PH

Em vários momentos do dia abria meu e-mail na expectativa da resposta. Ela só veio no dia seguinte:

*PH,
Também sinto muito a falta dos nossos papos.
É verdade, já faz três anos...
Você tem razão, basicamente tenho só jogado e estudado.
Meu visto é de estudante, não posso trabalhar legalmente. Então faço alguns bicos de babá nos finais de semana (isso pra mim não é sacrifício, já que adoro crianças).
Como tenho bolsa de estudo e moro na universidade, tenho poucos gastos. Com isso estou guardando dinheiro para ir para Paris, assistir Roland Garros. Esse ano ainda não consegui juntar tudo, mas no próximo ano, se tudo der certo, eu vou! Vamos?
Bjs Amanda.*

A alegria estourou como fogos. Uma felicidade imensa tomou conta de mim. Amanda me convidando para viajar com ela a Paris. Era muito mais do que eu esperava. Tudo estava conspirando a nosso favor. Respondi sem muito pensar:

*Amanda,
Que legal!
Você está falando sério sobre Paris?
Vou me programar!
Bjs PH.*

A resposta veio mais rápido do que imaginava e apareceu na tela do meu computador como uma bomba:

*PH,
Estou falando muito sério.
Mike também vai. Podemos falar com a Nanda e o Edu, você acha que eles topariam?
Ia ser muito divertido!
O que você acha?
Bjs Amanda.*

Escrevi rápido:

*Quem é Mike?
PH.*

Apertei SEND e me arrependi.

*PH,
Desculpe, pensei que Nanda já tinha lhe contado...
Mike é um colega de classe. Na verdade começamos um namoro, nada sério.
Ainda estamos nos conhecendo. Ele é um cara legal, você tem que conhecê-lo.*

Vocês iriam se dar bem. Quem sabe lá em Paris.

E você, está namorando?

Bjs Amanda.

Dessa vez, com calma e seguidas vezes reescrevendo, enviei:

Amanda,

Infelizmente não vou conseguir tirar férias nessa época do ano.

Quem sabe em outra oportunidade.

Fico feliz por você ter encontrado um cara legal, você merece.

Quanto a namoro, como eu te disse, estou focado no trabalho!

Bjs PH.

Merda!

Não questioneei Nanda sobre Amanda. Achei melhor assim.

PRESENTE DE AMIGO — 11 DE NOVEMBRO DE 2000

O namoro de Amanda foi um baque duro para mim. Por isso preferi não retornar às baladas como antes e me afundei no trabalho para não pensar em sexo.

Seis meses depois LP me ligou me convidando para um reencontro com os amigos do colégio.

Disse que iria, mas desanimado acabei não indo.

LP preocupado me ligou no dia seguinte:

— Você não foi, porra!

Contei para ele sobre meus últimos relacionamentos, sobre as loucuras que tinha passado, que estava desanimado e cansado. Disse que precisava urgentemente de um relacionamento sério, uma mulher só para mim.

De preferência de baixa quilometragem, ele me aconselhou.

Na semana seguinte LP me chamou para sair junto com sua namorada Thaís e uma amiga dela.

Era o típico encontro às cegas.

Topei, mas antes quis saber um pouco sobre a amiga de Thaís. LP me disse que não a conhecia pessoalmente. Sabia apenas que ela era um ano mais velha do que eu, vinte e seis anos e que estava solteira. *Graças aos céus!*

Quando chegou o dia do encontro, fui de carro com o LP. Se tudo ocorresse como o planejado, eu voltaria acompanhado.

As últimas experiências ruins me fizeram tomar uma última precaução. Antes de tudo confirmei com Thaís se sua amiga era solteira:

— Lógico, eu não iria te apresentar uma amiga compromissada.

Meu consciente aliviou.

Chegamos no Little Darling, como sugeri, e esperamos na mesa ela chegar.

Ele só perguntava:

Será que é bonita? Será que é gostosa?

Nos sentamos numa mesa e, enquanto esperávamos, LP tentava preencher o silêncio me perguntando sobre o meu emprego e tentando me convencer de abrir uma sociedade com ele. Eu fingia interesse, mas no fundo não estava dando muita importância para o que ele falava. Meu foco estava na porta de entrada vendo as pessoas entrarem.

Quando era uma mulher feia, torcia para não ser ela. Quando era bonita torcia para ser. Fiquei neste jogo mental por algum tempo, e logo aquilo passou a ser meu passatempo solitário enquanto LP não parava de falar.

De repente vi entrar pela porta uma loira de cabelos lisos e compridos, alta com uma saia justa preta até a altura dos joelhos, camisa branca de manga comprida justa listrada de branco e azul, realçando seus seios e um salto altíssimo.

Quase cai da cadeira quando me toquei que era a Luana. Por um instante achei que não poderia ser, mas logo olhei para o lado e vi LP acenando também.

Fiquei boquiaberto ao vê-la se aproximar.

— Eu armei isso pra você! — LP cochichou no meu ouvido.

Não pode ser verdade. Meu consciente se pronunciou.

Ela sentou-se ao meu lado e consegui ver a cara do LP de aprovação.

Conversamos um pouco, mas não consegui focar na conversa ao ver suas pernas cruzadas ao meu lado.

Gostosa, ele aprovou.

— Por que você não foi no nosso encontro do colegial? — Luana me cutucou, me trazendo de volta à terra.

— Muito trabalho — inventei.

Ficamos lembrando os tempos de colégio, até que Luana e Thaís se levantaram para ir ao banheiro.

— Ela só perguntava de você no encontro — LP falou assim que elas saíram da mesa.

— Por que você não me contou que era ela?

— Queria te fazer uma surpresa.

Ao voltar do banheiro, Luana me disse que nunca tinha ido naquele bar, mas que estava adorando.

A banda começou a tocar “What a Wonderful World” na versão rapidinha e punk rock dos Ramones. Luana me puxou pela mão até a pista dizendo:

— Adoro essa música.

— Eu também! Vamos tomar um V8!

— O que é isso?

Expliquei que o V8 era uma mistura de bebidas que tinha efeito rápido e que só era servido naquele lugar. O dono guardava a sete chaves seus ingredientes.

— Você precisa conhecer! — insisti sem nunca ter bebido, mas sabendo dos seus efeitos.

— Vamos beber!

Luana pediu dois.

De repente “Peter Gunn” do Emerson, Lake and Palmer começou a tocar alto e uma bandeja flamejante cruzou a pista em nossa direção.

— Vira, vira, vira! — todos do bar começam a gritar.

Luana ficou assustada, mas eu disse que aquilo era uma tradição dali.

Ela virou seu copo em um só gole e ao terminar a bebida, contraiu o rosto.

— Vira, Vira, Vira! — todos continuavam gritando e ela riu.

— Vai, agora é sua vez — Luana me passou o outro copo.

Virei o copo e o bar inteiro aplaudiu.

Meu consciente enlouqueceu. Dei um selinho em sua boca.

Ela arregalou aqueles belos grandes olhos azuis e antes de qualquer reação eu disse rindo:

— Calma. Isso é tradição também!

Luana sorriu.

Mais de dez anos depois consegui beijar uma boca que sempre sonhei. Mesmo sendo apenas um selinho estava ótimo.

Continuamos juntos o tempo todo e no final da noite confessei para ela:

— No colégio sonhava em ficar com você.

— Mentira...

— Verdade. Você foi eleita a mais bonita e gostosa do colégio.

Luana fez cara de dúvida, então expliquei para ela como funcionava nossa eleição.

— Não sabia que os meninos davam notas para as meninas, mas hoje o meu voto vai pra você.

Nos beijamos de verdade.

Caramba, que beijo bom! Ele estava em êxtase.

Tomamos mais algumas doses de V8 aproveitando o bar até as quatro horas da madrugada.

Quando o fim da balada estava próximo, fiz a proposta para ela sugerida novamente por ele e meu consciente:

— Daqui você vai me levar para onde?

— Como assim? — ela perguntou.

— Tenho que realizar meu sonho de colégio.

— Mas você já está realizando!

— Só uma parte — arrisquei.

— E para onde você quer que eu te leve? — Luana se interessou.

— Vamos para minha casa — falei baixinho em seu ouvido.

Meus pais estão viajando. Eu, ele e meu consciente estávamos alinhados.

— O.k., me deixa pegar minhas coisas e avisar a Thaís.

Bendito V8!

No meio do caminho, Luana pareceu desistir de entrar em casa, então parou na praça do Pôr do Sol.

Encostamos ao som da Brasil 2000 tocando Pearl Jam.

Conversamos mais um pouco e ele mandou eu arriscar.

Um pouco nervoso, coloquei minha mão suada em sua perna, já esperando ela tirar. Não aconteceu.

Luana me olhou e veio em direção a minha boca. Meu coração disparou.

De novo?

Fechei os olhos e nos beijamos.

Da perna já subi minha mão para sua cintura e nos agarramos. O beijo era do tipo selvagem, daqueles que aceleram a respiração.

Luana colocou a mão na minha coxa e eu subi as minhas em direção aos seus seios. Ela não falava nada e continuamos nos agarrando. Continuei passando a mão nos seus seios por cima da blusa e tentei passar por dentro. Luana recuou, parou o beijo e tirou a minha mão.

Olhei para ela firmemente e a puxei pelos seus longos cabelos loiros deixando todo seu pescoço a minha disposição. Comecei a beijá-lo subindo em direção à orelha, sentindo aumentar sua respiração. Chegando na orelha comecei a beijá-la de língua fazendo Luana se contorcer, cravando as unhas na minha

perna.

Luana me olhou com um misto de incredulidade e tesão.

Esse foi o sinal de que o caminho estava livre para eu continuar.

Na mesma hora beijei-a na boca, puxei novamente a mão dela em direção a ele e enfiei minha mão por dentro de sua blusa.

Tudo muito rápido, quando me dei conta, ela já estava com a mão dentro da minha calça desabotoada.

Luana estava cada vez mais excitada quando de repente ela falou baixinho no meu ouvido:

— Posso dar um beijinho nele?

Ainda bem que ele e meu consciente estavam em alerta.

Respondi prontamente abaixando o zíper:

Não precisa pedir duas vezes.

Puxei-a pela nuca contra ele.

Ela começou dando um selinho bem na ponta que me arrepiou.

Bem vagorosamente ela foi aprofundando ele na sua boca até a garganta.

Que delícia!, ele suspirou.

Voltou para cima com a língua pra fora, lambendo-o inteiro. Fez isso várias vezes, depois passou a só chupá-lo na cabeça massageando o resto com a mão.

Essa sabe fazer! Meu consciente comparou.

O que mais me deixava excitado era o fato de Luana fazer tudo isso bem devagar, com carinho e com prazer.

Às vezes ela me olhava enquanto chupava para ver se eu estava gostando.

O fato de ela fazer devagar, me deu segurança e fez com que eu conseguisse aproveitar o momento por mais tempo.

Melhor sexo oral que já recebi, ele julgou.

Sem acelerar o movimento cheguei ao ápice do clima e gozei, sem ficar nenhuma sujeira.

Depois Luana me levou para casa, resistiu ao meu convite para entrar, mas me convidou para sair na semana seguinte. Eu obviamente aceitei e fui dormir relaxado, sem dor no saco.

Dessa vez as lembranças do passado só vieram quando acordei.

Pensei no risco que corri como no meu aniversário na viela com Verônica e ri.

Estava com tanto tesão em Luana, que nem me lembrei na hora.

Além de nos divertimos muito no bar no dia anterior, percebi pelo beijo que havia uma grande química entre nós, e isso Luana também percebeu.

Só pelo beijo no bar eu já sabia que nossa transa ia ser sensacional.

Uma semana depois, após irmos a um bar e colocarmos o papo em dia, como meus pais ainda estavam fora, arrisquei e convidei-a para ir de novo em casa. Dessa vez ela não refugou.

Quando chegou em casa, Luana já começou beijando meu pescoço e isso me arrepiava. Tirei sua jaqueta e ela tirou minha camiseta. Rapidamente tirei sua camiseta branca e seu sutiã sem maiores problemas. Luana me beijou novamente. Senti seus mamilos tocarem meu peito.

Meu coração estava tão acelerado quanto ele.

Desabotoei minha calça e abaixei meu zíper, tirando meus tênis raspando um no outro. Em menos de um minuto eu estava só de cueca e Luana só com calça e botas. Deitei-a na minha cama e a beijei.

Desci até suas botas e abaixei o zíper que havia em sua lateral, tirei.

Puxei sua calça para baixo e me deitei sobre Luana.

Nos beijamos e com certeza ela sentiu minha ereção.

Ele estava ansioso.

Fazíamos movimentos como se estivéssemos realmente transando.

Luana gemia baixinho em meu ouvido e isso me excitava ainda mais. Tirei sua calcinha e vi seu sexo totalmente depilado.

Nossa, que delícia!, ele babou.

Nunca tinha visto totalmente depilado daquele jeito.

Me lembrei das revistas do Tô.

Muito diferente. Melhor assim, ele gostou.

Levantei para tirar a minha cueca e percebi ela molhada.

Meu consciente me lembrou dos quilômetros discutidos com Felipe.

Fui pegar uma camisinha na minha carteira enquanto Luana me olhava, linda.

Merda, não tinha nenhuma. Tinha jogado fora porque venceu a validade.

Pedi para ela me esperar.

Corri pelado até o quarto do Tô com esperança de encontrar algo ali. Vasculhei as gavetas e nada.

Invadi o quarto de Nanda e na gaveta, por baixo das calcinhas, estavam lá.

Graças a Nanda! Ops, ao Edu!

Voltei em disparada para o meu quarto e Luana continuava extática, linda me encarando com seus belos olhos azuis.

Olhei para ela enquanto lembrava da última vez que fui usar com a Lilian, seis anos atrás, e ele desanimou.

Luana estava ali, na minha frente, deitada nua, totalmente depilada me olhando com aqueles olhos azuis arregalados como se tivesse pedindo para me apressar.

Voltei no tempo lembrando os tempos do colégio.

Retornei rapidamente ao presente e aqueles olhos azuis continuavam me encarando.

Percebi que ele não estava mais do mesmo jeito e comecei a suar na mão.

Putá merda o que está acontecendo?, perguntei para ele, que se calou.

E aqueles olhos azuis continuavam me encarando.

Acorda! Meu consciente gritou com ele.

Ele não respondeu.

Não poderia ficar assim então meu consciente foi rápido e dessa vez me ajudou.

Joguei a camisinha no chão e fui até a cama.

Beijei o pé de Luana e fui subindo devagar beijando sua perna. Subi até sua virilha lisinha e parei.

Olhei para cima. Aqueles grandes olhos azuis se fecharam e não me encaravam mais.

Ainda bem.

Percebi Luana um pouco ofegante e continuei. Toquei com a língua em seu clitóris e ela gemeu. Continuei passando a língua em seu clitóris e toquei com a pontinha do dedo em seu sexo.

Fiquei ali, com a língua no clitóris e a pontinha do dedo só provocando.

Lisinha assim faço até com mais prazer.

Luana começou a se contorcer e quando eu a penetrei bem devagar com o dedo ela gemeu baixinho, ofegante. Acelerei o movimento do dedo e continuei com a língua. Luana gemeu mais. Com a outra mão toquei seu seio.

Luana estava totalmente molhada, quase gozando quando senti minha ereção novamente.

Oi, ele acordou.

Não posso parar agora, meu consciente estava no comando.

Então acelerei. Lambi seu clitóris, e coloquei um dedo da mão em seu sexo acelerado, a outra mão no seio. Luana mordeu o lábio e gozou.

Isso me fez lembrar do que Tânia me disse naquele dia e descobri que ela tinha razão.

Sai dali e fui correndo pegar outra camisinha na gaveta de Nanda, abri a embalagem e pensei: *Agora vai.*

Meu consciente se intrometeu e me lembrou da bolsa da Cintia.

Fui colocar a camisinha e não acreditei quando ela estava na metade e senti ele amolecer.

Vai tomar no cu!, meu consciente e ele brigaram de novo.

Aqueles olhos azuis me encararam novamente.

Eu estava nervoso mas Luana riu da situação:

— Com meu ex-namorado também era assim.

Por algum motivo aquilo me pegou de surpresa mas me tranquilizou.

— Ele pensa que é toca e dorme — Luana disse dando risada, fazendo carinho nele com a mão, como se ele fosse um bebê.

— Vamos para o chuveiro pra ele acordar — propus.

Abri o chuveiro e estava ereto novamente.

Olhei para “ele” e disse em voz alta:

— Você só pode estar de brincadeira.

Luana gargalhou. Entrei embaixo d’água e sentei. Luana se sentou no meu colo de frente para mim e disse:

— Posso brincar de um, dois, três?

— Como é isso?

Ela pegou nele e se preparou para encaixar.

Putaque o pariu, e agora o que eu faço?

Quantos KM ela tem?, ele ficou com medo.

Mas estava à mercê de Luana que segurou ele com a mão, esfregou a cabeça em seu sexo totalmente melado e falou baixinho no meu ouvido:

— Sente como é gostoso.

Encaixou a cabeça dele e contou descendo, penetrando só a cabeça:

— Um.

Não pensei em mais nada.

Luana levantou, desencaixou e encaixou novamente a cabeça, gemendo no meu ouvido:

— Dois.

Eu estava totalmente entregue quando Luana disse gemendo enfiando ELE bem devagar até o final:

— Três!

Então começou tudo de novo bem devagar:

— Um, dois e três!

— Um, dois e três! — Várias vezes.

Nossa, que delícia, pensei e gozei.

Deitamos abraçados na cama e parecia que de antigos amigos de colégio, agora éramos antigos amantes.

Conversamos sobre tudo abertamente, o papo continuou a fluir e fomos descobrindo mais coisas em comum: além do mesmo gosto musical, trabalhávamos em áreas parecidas, Luana era engenheira. Confessamos nossos medos e desejos.

Aproveitei que a conversa ainda estava na parte de sexo e desejos para elogiar a depilação total da Luana.

— Você gostou mesmo?

— Muito — respondi com convicção.

— Posso fazer uma coisa com você?

— O quê?

— Surpresa — Luana falou com uma cara maliciosa.

Lembrei das surpresas que Verônica me fazia e que sempre gostei.

— Tudo bem! — respondi sem pensar.

Luana pegou um lençol no meu armário e pediu para me amarrar na cabeceira da cama.

Estranhei e perguntei:

— Posso confiar em você?

— Claro!

Confiei nela cegamente e deixei que Luana amarrasse meus braços na cabeceira da cama.

Luana fazia aquilo com habilidade. Sem dúvida ela já tinha feito aquilo antes.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — perguntei enquanto ela me amarrava.

— Meu ex-namorado era velejador, ele me ensinou alguns tipos de nós.

— Aquele que te buscava com um Gol GTI na escola?

— Não! Outro ex — ela riu.

Comecei a gostar do fato de ela ter ex-namorados.

Enquanto ela me explicava o nó que ela estava fazendo, seu seio quase tocava minha boca e isso me deixava disperso.

— Esse aqui é um nó de oito simples, ele é mais eficaz e você não vai conseguir fugir.

Quem disse que eu quero fugir?

Luana saiu do quarto nua me deixando preso, pensando aonde ela iria.

Ri imaginando se ela encontrasse meu irmão e a noiva pelo corredor.

O tempo passou e comecei a ficar aflito e gritar chamando pelo seu nome.

Luana demorou um pouco e voltou com um copo d'água na mão.

— Calma, você está com sede?

Não estava mas fiz que sim com a cabeça.

Ela me deu água na boca e bebeu um gole também.

Ele se excitou ao vê-la nua de frente.

Luana foi até o banheiro e voltou com uma gilete e o creme de barbear na mão.

— O que você vai fazer com isso? — perguntei curioso.

— Você me elogiou, mas eu não pude elogiar você.

Não entendi. Fiz cara de dúvida.

— Depilação, você precisa fazer! — ela disse sorrindo.

Meu coração acelerou novamente e ele murchou.

Luana veio na minha direção e espirrou o creme de barbear em toda região em volta dele e isso me arrepiou.

— Relaxa, eu vou só raspar. Seria bem pior se depilasse com cera.

Imaginei, arregalei os olhos e Luana me avisou:

— Melhor não se mexer, pois não quero te machucar.

Comecei a suar quando ela começou a raspar abaixo do meu umbigo e começou a descer.

Alguma coisa me fazia confiar nela, mas não sabia o quê.

Luana continuou raspando a gilete em volta, na virilha, vendo minha reação com aqueles grandes olhos azuis, rindo.

— Está com medo?

Engolia a seco e fazia sinal de não com a cabeça.

Ela puxava meu saco para esticá-lo e depois raspava. Isso para mim era uma agonia, mas Luana parecia se divertir.

Fechei os olhos e senti o resto de todos os pelos do meu corpo arrepiar.

Ela então jogou o resto do copo d'água nele para limpar e isso me refrescou.

— Agora sim! — Luana exclamou com um sorriso no rosto aprovando seu serviço.

Abri os olhos e olhei para baixo.

Quase não o reconheci.

— Caramba, parece que está até maior! — pensei alto vendo-o totalmente diferente.

Luana fez sinal de negativo com a cabeça, riu e o abocanhou ainda mole.

Ele cresceu na terceira chupada.

Ela tirou a boca dele e disse me olhando com aqueles grandes e lindos olhos:

— Agora sim está grande!

Minha autoestima estava nas nuvens.

Depois deste encontro Luana me despertou ainda mais interesse.

Debatendo melhor com meu consciente, Luana parecia ser a garota certa para se investir. Combinávamos em muitas coisas, a conversa era boa e o sexo era ainda melhor.

Além disso, e por mais que não fôssemos tão próximos no colégio, tínhamos todo um passado em comum. Era a história perfeita para contar para os pais, os amigos e mesmo para a minha irmã.

Mas ainda não era a Amanda.

Me afastei daquele pensamento, meu consciente achou que eu deveria ter esperado um pouco mais, aquele velho medo de parecer desesperado. Mas havia um ditado entre os amigos do moto clube que eu preferi seguir:

Macarrão se come quente.

Resolvi mandar para Luana um buquê de flores. Com a ajuda da vendedora escolhi as mais bonitas, um conjunto de rosas colombianas vivamente vermelhas, como que saídas de um filme. Junto um cartão:

Adorei ter passado a noite com você , espero que tenhamos outras.

Beijos Pedro.

Deu certo. No mesmo dia Luana me ligou para repetirmos.

Deus é grande.

Depois de muito tempo estava novamente satisfeito. Diferentemente de Verônica, Luana me procurava todos os dias. O namoro acabou acontecendo naturalmente.

Além disso, tínhamos um casal de amigos em comum, o que facilitava muito as coisas. Sempre combinávamos de jantar nós quatro: eu, ela, LP e sua namorada Thaís. Naquele dia não foi diferente. Iríamos a um restaurante, por isso passei na casa da Luana às dezenove horas, o que me dava certo tempo, já que nossa mesa estava reservada apenas para às vinte e uma.

Quando toquei a campainha, Luana atendeu, disse que se atrasou e pediu para eu entrar. Perguntei sobre seus pais e ela me disse que eles tinham saído.

— Entra logo, eles vão demorar — ela me acelerou.

Passamos pela sala, subimos uma escada e entramos no seu quarto.

Luana falou para eu ficar à vontade, ligou a televisão, me deu o controle remoto na mão e disse entrando no banheiro:

— Não vou demorar.

Eu sabia que ao contrário do que Luana disse, os banhos dela eram sempre demorados.

Enquanto Luana tomava banho, fiquei assistindo televisão sem me interessar por nenhum programa.

Por curiosidade, mexi na gaveta do seu criado mudo.

Achei um vibrador.

Isso conta na quilometragem?

Quando Luana saiu do banho, eu estava sentado à sua espera com ele na mão:

— O que é isso? — perguntei mostrando o vibrador.

— Um vibrador — Luana respondeu com naturalidade e perguntou: — Por que você mexeu nas minhas coisas?

— Que é um vibrador eu sei, mas o que ele está fazendo no seu criado-mudo? — respondi perguntando.

— Eu usava antes mas eu não preciso mais, pois agora eu tenho você.

Luana respondeu deixando cair o roupão.

Legal!, ele comemorou.

Assim que ela veio em minha direção, me empolguei e deixei cair o vibrador também. Rapidamente Luana retirou minha roupa, me empurrou deitado na cama e se ajoelhou em cima de mim me provocando.

— Agora que você mexeu nas minhas coisas, vai ter que me recompensar.

Sem problemas!, ele disse todo empolgado.

Já estava ereto quando Luana ligou o vibrador e me devolveu na mão ordenando: — Me chupa e usa ele em mim.

Luana percebeu o meu espanto e enfatizou:

— Ninguém mandou mexer onde não devia.

Fiz o que ela pediu, Luana se deitou e eu comecei a chupar seu clitóris.

Depois introduzi o vibrador no seu sexo e ela gemeu alto. Tão alto que eu pensei que fosse chamar a atenção dos vizinhos.

Com o dedo da outra mão, toquei seu ânus.

— Isso mesmo! Perfeito! — Luana aprovou.

Comecei a penetrá-la com o vibrador bem vagarosamente, e ela começou a se contorcer.

— Isso! Isso. Isso!

Pouco tempo depois, gozou.

JOGO DA VERDADE — 10 DE ABRIL DE 2001

Desde que conheci Luana não deixamos de transar nenhum dia, não importando se era em minha casa, na casa dela, no drive-in ou no motel. Nosso sexo era guloso, e nem mesmo o vibrador, que ela sempre pedia para usar durante nossas transas, me incomodava mais. E melhor, aquele “companheiro de aventuras” me abriu a chance de provar algo que eu nunca tinha experimentado.

Luana me despertou como nunca a curiosidade de comer uma mulher por trás...

No dia do seu aniversário saímos para jantar e bebemos um pouco mais que o normal. Depois fomos para um motel no Morumbi. Após o sexo, deitamos na cama e Luana ligou a televisão, e colocou em um canal pornô, sem saber o quanto eu detestava aquilo.

Mesmo depois de tanto tempo juntos e de tanta bebida, ainda não tinha coragem para perguntar tudo o que queria para Luana, muito menos pedir o que eu queria. Então meu consciente me deu uma luz resolvendo desafiá-la para um jogo da verdade, com respostas a perguntas de conotação sexual sem mentiras.

Luana topou e pediu para eu começar.

Estávamos nus deitados lado a lado, ela com a cabeça sobre meu ombro vendo filme pornô e eu olhando para o espelho no teto, pensando qual pergunta fazer, e como começar.

Dei mais um bom gole em minha taça, respirei fundo, tomei coragem e perguntei:

— Com quantos homens você já saiu?

Ela respondeu com outra pergunta:

— Quantos eu saí ou quantos eu transei?

— Transou.

Luana pensou um pouco, como se estivesse contando.

— Uns vinte!

Putá merda! Por que perguntei? É mais que o dobro que eu. Ele contou.

Meu consciente ainda me lembrou:

Isso se ela não estiver mentindo, pois o Tô diz que mulher mente sempre pra menos.

— E você? — Luana me cutucou, pois não ouvi sua pergunta da primeira vez que ela fez, perdido conversando com ele e com meu consciente.

— Acho que umas vinte também! — menti.

— Com quantos anos você perdeu a virgindade? — perguntei a fim de calcular.

— Quinze! — E você?

— Catorze. — Menti calculando rapidamente: *cento e cinquenta km de pau.*

Isso fazendo em média de duas vezes por semana como o Felipe falou.

Estamos fazendo todos do dias!, ele me lembrou.

Aumentei sua quilometragem para cento e setenta e um.

— Pergunta — ela ordenou.

— Você já fingiu um orgasmo?

— Já!

Meu consciente ficou na dúvida se foi comigo.

— Você já brochou? — ela perguntou.

— Nunca! — menti de novo.

— Agora é você que pergunta.

Fiquei pensando se seria a hora de fazer aquele pedido, mas hesitei.

Pergunta logo. Meu consciente me acelerou.

Você já fez sexo anal?, pensei, mas não perguntei.

Ainda olhando para o espelho no teto, falei:

— Mulher gosta de pau grande?

— Como assim? — Luana se fez de desentendida.

— Pau grande! — enfatizei.

— O que você quer dizer com grande? — Luana perguntou.

— Igual esses caras desses filmes? — disse apontando para a televisão.

— Eu, não! Machuca — ela respondeu depois de tomar um gole.

— Você já transou com um cara assim?

— Uma vez eu transei com um cara que tinha um pau muito grande e machucava. Também já saí com um que tinha pau pequeno e também não gostei.

— O seu é perfeito — disse me beijando.

Ele ficou todo orgulhoso, meu consciente desconfiou e eu ainda insisti:

— Você está querendo me agradar.

— Não é jogo da verdade? Pois eu tô falando a verdade, pra mim é perfeito. É do mesmo tamanho do meu vibrador, você não lembra dele?

— Você ainda usa aquele vibrador?

— Agora é minha vez de perguntar — Luana disfarçou.

— Responde! — insisti.

— Só uso quando estou com você!

Me calei somando ainda mais a quilometragem.

Cento e oitenta e seis.

O silêncio foi quebrado por sua pergunta:

— Qual foi sua melhor transa?

Pensei na comissária Verônica e falei.

— Você.

Luana fez cara de quem não acreditou.

— Sério! — insisti.

— O.k., e qual o lugar mais incomum que você transou?

— Na praia, e você?

— No elevador.

— No elevador nunca fiz. — Ele lembrou da recepcionista Juliana.

Luana perguntou apontando para a televisão:

— Por que você não gosta desses filmes?

— Prefiro fazer do que assistir — resumi para não entrar em detalhes.

— Já teve alguma fantasia que você nunca realizou? — perguntei.

— Por trás! — Luana respondeu sem constrangimento.

Ele pirou e meu consciente desconfiou:

Será que ela nunca fez mesmo?

Foda-se!, ele não queria saber a resposta. Afinal, o pedido que tanto hesitei em fazer era a fantasia de

Luana.

Outra cutucada de Luana me trazendo de volta à Terra.

— O que foi?

— E você, qual a sua fantasia? — Luana insistiu.

Pensei em o que mais eu poderia querer.

— Duas mulheres! — inventei, me inspirando no filme.

— Transar com duas mulheres?

Fiz sinal de sim com a cabeça esperando sofrer repreensão.

— Posso te dar isso de presente de aniversário.

— Você está falando sério? — perguntei lamentando meu aniversário estar tão longe.

— Sim mas eu também posso querer...

— Com dois homens?

— Sim!

— Acho nojento!

— Mas eu posso querer...

Me calei e dupliquei minha conta que passou dos trezentos.

Será que ela já fez isso? Pare de calcular.

Melhor não perguntar, não quero saber.

— Mas hoje é meu aniversário e você vai realizar a minha! — Luana disse virando de lado, ficando de costas pra mim.

Pegou um gel no criado mudo, abriu, passou na mão e esfregou-o nele me masturbando.

Abracei-a por trás e de conchinha realizei nossa fantasia.

O aniversário era dela, mas o presente foi meu.

Se Verônica foi minha professora, Luana era minha orientadora de mestrado.

4 DE JUNHO DE 2001

PH,

Paris é maravilhosa!

Pena que você não conseguiu vir junto com Nanda e com o Edu.

Amanhã vamos assistir ao jogo das quartas de final de Roland Garros, espero que não seja o mesmo drama do último jogo.

Obs.: Vou ter que ir até o Brasil pra matar a saudade de você?

Bjs Amanda

Amanda,

Uma pena mesmo, fica para uma próxima oportunidade.

Assisti a partida de ontem do Guga contra o Kafelnikov.

Tentei achar vocês na arquibancada, mas não consegui ver.

Vou assistir de novo contra o Ferrero, torcendo pro Guga e procurando vocês.

Obs.: Também estou com saudades. Vem sim!

Bj PH.

PH,

*Conseguiu nos ver contra o Ferrero?
Mike quer conhecer nosso país, pode ser uma oportunidade de nos vermos.
Nanda me contou que você está namorando, é verdade?
Espero que ela mereça você. Vou analisá-la quando for aí e ver se aprovo, pois você tem péssimas escolhas... você lembra da Cintia (que horror!) rrsrsrs.*

*O jogo foi tão rápido que mal filmaram a torcida! Três a zero em duas horas!
Você tem razão, Cintia era um horror!
Vou analisar o Mike também. Rrsrsrs
Bjs PH*

*Demos sorte, Guga é tricampeão!
Alex Corretja não foi páreo pra ele.
Realmente é uma pena você não ter vindo.
Estamos nos divertindo muito e iria ser ainda melhor se você estivesse aqui.
Obs.: nos veremos em breve.*

FORA DO TEMPO — 30 DE JUNHO DE 2001

Minha vida nunca conseguia ficar exatamente normal. Quando estava começando a me acalmar com a Luana, a comissária Verônica apareceu sem dar muitas explicações. Já haviam se passado mais de um ano do nosso último e conturbado encontro. Ela deixou um recado na caixa postal do meu celular com o endereço de um bar onde ela comemoraria o seu aniversário.

Vou em consideração a tudo que passamos juntos.

Fui até o bar sem avisá-la e a vi no balcão conversando com um rapaz.

Brinquei chegando por trás dela, abraçando-a pela cintura de surpresa.

Verônica olhou assustada.

— Oi querida, atrasei um pouco — eu disse ignorando o rapaz ao lado.

— Oi, pensei que você não viria! — Verônica respondeu com os olhos arregalados.

Dei um selinho na sua boca e vi o rapaz se afastar com a bebida na mão.

— Que falta de educação Pedro, nem se apresentou para o rapaz — ela disse dando risada.

Pedi uma Smirnoff e Verônica me pegou pela mão e me levou até uma mesa onde estavam todos seus amigos e parentes. Estranhei. Na mesa estavam várias pessoas que eu só sabia de ouvir falar, e então finalmente conheci sua irmã gêmea Beatriz, que disse no meu ouvido que Verônica tinha finalmente terminado com o marido e que me preferia como cunhado.

— Quando Verônica saía com você, ela voltava feliz!

Fiquei em silêncio.

Passamos a noite ouvindo uma banda cover do ACDC. Verônica brincava com todos me apresentando como seu novo namorado.

Achava graça na brincadeira, mas eu estava em outra. Se ao menos tudo aquilo tivesse acontecido antes.

De repente Verônica entrou no assunto:

— Terminei meu casamento...

— Eu estou sabendo — falei.

— E agora, como fica?

— Como fica o quê? — perguntei.

— Nós dois?

Me calei.

Eu estava namorando com Luana, e Verônica estava livre depois de anos, então não assimilei bem a pergunta.

Verônica me cutucou após meu silêncio discutindo com meu consciente:

— E agora, como ficamos? — ela pressionou.

— Não dá, eu estou namorando! — desabafei. Não tinha como mentir.

Vi a cara de felicidade de Verônica se transformar na mesma hora e o mesmo nó na garganta, que tinha se formado quando ela disse a mesma coisa para mim havia algum tempo, voltou.

— Namorando? — Verônica insistiu.

Balancei a cabeça dizendo que sim.

Verônica se levantou para ir embora, tentei segurar em sua mão, mas ela se desvencilhou e partiu.

Verônica chegou atrasada. Meu consciente definiu.

CASTIGO RUIM — 1º DE JULHO DE 2001

Quando cheguei em casa tinha um recado na minha caixa postal.

— Pedro, estou te ligando desde ontem e só cai na caixa postal, onde você está?

Era a Luana e não estava com uma voz nada carinhosa.

Liguei para ela pedindo desculpas. Menti falando que sai com alguns amigos e que acabei bebendo demais e cai no sono rápido depois disso. Nisso a bateria do celular acabou e eu só peguei o recado dela no dia seguinte.

Acho que Luana não acreditou muito na história, mas mesmo assim me convidou para jantar no dia seguinte e eu até achei bom não vê-la no domingo, pois conhecendo Luana, sabia que não ficaríamos sem sexo e eu estava esgotado.

Segunda-feira passei em uma floricultura, comprei um buquê de cíclames que a vendedora me indicou e fui até sua casa com um pedido de desculpas.

Luana adorou as flores, mas desconfiou.

No jantar Luana me disse que não queria que aquilo se repetisse, que teria que avisá-la com antecedência se eu fosse sair com os meus amigos ou viajar. Disse que ficou com tesão e eu não estava lá para transar. Ela não deixou explícito que usou o vibrador, mas era o que estava parecendo, então não resisti e perguntei:

— Você usou o vibrador?

— Usei, por quê?

— Não consegue ficar dois dias sem? — pensei alto.

— Eu não fico um dia sem! — Luana me encarou.

Entendi, ele gostou, mas meu consciente estranhou, confirmando sua alta quilometragem.

Fomos ao Motel Guarujá na marginal Tietê. Chegando lá Luana me provocou fazendo um strip-tease

sensual. Sentou nua no meu colo e começou a rebolar, sem deixar ele penetrar, deixando-o num estado de quase gozo, quando de repente parou.

— Olha como você me deixou no fim de semana — Luana disse olhando fixamente para mim.

— Tive que me virar com o vibrador! — ela disse se afastando.

Foi até uma cadeira no outro canto do quarto, sentou-se abrindo as pernas passando uma mão no seio e o dedo médio da outra mão na boca. Chupou-o e desceu até o seu sexo, começando a se masturbar.

Não estava entendendo nada, afinal, eu estava ali, deitado na cama com ele ereto e ela preferindo se masturbar.

Fiz menção de me levantar e Luana gritou:

— Pode parar, você vai ficar me olhando daí de castigo pra nunca mais me deixar assim.

Estava achando tudo aquilo um absurdo quando Luana ordenou:

— Se masturba olhando pra mim.

Ela é louca! Meu consciente a definiu.

20 DE SETEMBRO DE 2001

Amanda,

Tudo bem? Estou preocupado com você por causa dos atentados de 11/9.

Não seria mais prudente voltar pro Brasil.

Me mande notícias, estou realmente preocupado.

Saudades, Bjs. PH

PH,

Não se preocupe, estou bem.

Estamos tomando todos os cuidados necessários, mas não creio que voltar para o Brasil seja necessário. Fico preocupada também com vocês e a violência do Brasil.

Nas minhas férias de verão, já que você não vem me ver, vou até aí para matarmos a saudade. Bjs

Amanda.

MESTRADO — 10 DE NOVEMBRO DE 2001

Na véspera da comemoração do nosso aniversário de um ano de namoro, Luana me mandou uma mensagem dizendo que tinha uma reserva no restaurante do hotel Renaissance e se tudo desse certo subiríamos para uma suíte para comemorarmos.

O que poderia dar errado?

No dia seguinte passei no horário combinado na casa dela para pegá-la. Enquanto eu dirigia em direção à alameda Santos, Luana começou a falar:

— Sabe aquela conversa que tivemos sobre fantasias sexuais...

Eu a interrompi.

— Eu lembro, foi besteira minha.

— Como assim besteira? — Luana me perguntou.

— Besteira da minha cabeça, deixa pra lá... meu aniversário é só em janeiro.

— Agora é tarde, já está tudo combinado.

— Combinado o quê? — perguntei.

Luana me explicou que iríamos jantar no restaurante do hotel e que lá sua amiga Elisa se encontraria conosco. Se ela gostasse de mim, subiria no quarto com a gente.

— É meu presente de um ano de namoro pra você!

Surreal! Ele ficou de queixo caído e eu me calei. Meu consciente me alertou:

Essa brincadeira vai sair caro.

Entramos no restaurante onde o maître nos olhou de cima a baixo.

Será que estou malvestido?

— Reserva no nome de Elisa — Luana disse ao maître.

— Ah sim, a reserva da sra. Elisa Bourbon de Alcântara. Ela ainda não chegou mas queiram me acompanhar.

Ele nos guiou até nossa mesa reservada.

Como Elisa ainda não tinha chegado, imaginei que ela tivesse desistido.

— Estamos adiantados — Luana me lembrou.

Enquanto esperávamos, ela me falou sobre sua amiga.

Elisa tinha a mesma idade de Luana, vinte e sete anos. Se conheceram na faculdade e lá se tornaram melhores amigas, capazes de dividir tudo, até mesmo a cama. Elisa acabou desistindo no meio da faculdade e se casou com um milionário do agronegócio, mas mesmo assim elas ainda mantiveram contato.

Quando a história estava começando a ficar interessante, Luana parou e me mostrou com os olhos Elisa chegando.

Ela usava um salto baixo preto, uma camisa preta sob um sobretudo bege amarrado na altura da cintura que ia até abaixo dos seus joelhos. Com um pouco de sombra nos olhos e um leve batom que combinava com a cor do seu cabelo ruivo, ela chamava a atenção. Seus olhos eram pequenos e arredondados, com lábios grossos, sardas no rosto, seios fartos e estatura mediana.

Luana se levantou para cumprimentá-la. O beijo na bochecha já me fez imaginar coisas.

Depois Luana nos apresentou, Elisa sorriu e me beijou no rosto se apoiando no meu ombro e eu a pegando pela cintura. Luana se sentou. Eu fiquei do seu lado direito e Elisa ficou do seu lado esquerdo, de frente pra mim.

O sommelier se aproximou:

— Boa noite sra. Elisa, o vinho de sempre? — ele perguntou nos ignorando.

— Claro.

Elisa respondeu prontamente. Ele abaixou a cabeça e se retirou.

A conversa estava só começando quando o garçom chegou com uma garrafa de Salvioni la Cerbaiola.

Muito bom.

Após algumas taças, Elisa confessou que nunca tinha feito nada como aquilo, e que estava um pouco nervosa.

Nem eu, meu consciente e ele estavam sincronizados.

Elisa disse que não tinha liberdade de falar sobre esse assunto com seu ex-marido e que sempre teve atração por mulheres, mas se conteve. Quando Luana lhe fez o convite, se animou.

— Era uma fantasia que sempre quis realizar — disse ela.

Após outra garrafa, o jantar transcorria naturalmente, exceto o fato de a minha cabeça não estar ali. Imaginava Elisa e Luana nuas se beijando o tempo todo.

Percebia algumas vezes seus olhares se cruzarem deixando o ambiente sensual e isso estava me deixando com ainda mais tesão.

Escolhemos petit gateau de sobremesa e Luana pediu apenas uma colher, para nos provocar servindo cada colherada em nossas bocas.

E a cada colherada servida, Luana e Elisa cochichavam no ouvido uma da outra e davam risada.

— O que vocês tanto cochicham?

Elisa respondeu:

— *Longtemps je n'ai pas eu de relations sexuelles avec un homme, mais je fais ce sacrifice Luana. Ce sera amusant de ce ménage à trois.*

Se meu inglês era péssimo, o meu francês era ainda pior.

Mas, pelo modo como Elisa se expressou, parecia que eu me daria bem.

Acho que eu fui aprovado.

Luana pegou uma colher e encostou na língua, lambendo o sorvete.

— O que estamos esperando, vamos subir?

Elisa fez que sim com a cabeça, e me olhou nos olhos.

Será que é um sonho? Ele e meu consciente estavam nas nuvens.

Fomos para a suíte reservada e já no elevador tive uma prévia do que estava por vir.

Luana encostou Elisa contra a parede do elevador e começou a beijá-la. Só aí cai na real. Definitivamente não era um sonho. Ele estava tão duro que estava quase explodindo.

O elevador demorou o que pareciam longas horas para chegar em nosso andar. Eu mal podia aguentar de tesão, e tudo o que eu queria era arrancar as minhas roupas e comer longamente aquelas duas musas. Quando chegamos, Luana e Elisa saíram em direção ao quarto de mãos dadas rindo, fiquei atrás só apreciando a cena.

Entramos na suíte que era bem aconchegante, com paredes em tom amarelado, carpete preto e uma grande cama com base marrom coberta por lençóis e almofadas brancas. Ao fundo uma cortina branca e marrom cobria uma grande janela.

Elisa sentou-se na cama, pegou o telefone que estava ao lado da cama sobre um criado mudo e pediu um champanhe, afinal era nosso aniversário. Elisa desligou o telefone e continuou com Luana de onde elas pararam.

Me sentei em uma poltrona de jeito antigo e alaranjada ao lado da cama e só apreciei como Luana beijava Elisa, passando a mão uma pelo corpo da outra. Após ficarem nuas, vi Luana e Elisa em pé, masturbando uma a outra. Comecei também a me masturbar quando percebi Luana falando alguma coisa no ouvido da Elisa.

Elas me olharam e deram risada. Meu coração disparou quando as vi, vindo na minha direção.

Ruiva de verdade!, ele descobriu olhando o sexo de Elisa.

Não sabia exatamente o que fazer. Antes estava numa situação de conforto, mas agora me sentia acuado. Levantei e travei.

Luana e Elisa se ajoelharam na minha frente e se beijaram.

Inacreditável!

Luana deu aquele selinho na cabeça dele que sempre me arrepiava e depois o chupou.

Elisa abocanhou uma de minhas bolas. Depois ela subiu lambendo por um lado e Luana lambendo do outro, se beijando em cima.

Não aguentei e rapidamente gozei.

Elas riram e continuaram.

Corri para me limpar no banheiro, me enrolei em um roupão e voltei o mais rápido que pude para o quarto. Não queria perder nada.

Elas estavam deitadas na posição 69, lambendo-se com fúria.

Me sentei de novo e vi Luana deitada embaixo da Elisa. Ela estava com a cabeça entre as pernas de Elisa chupando seu sexo.

Da posição em que estava, via exatamente a cabeça de Luana e a bunda linda de Elisa.

Elisa fazia o mesmo, mas estava por cima. Nunca tinha visto nada parecido e rapidamente me animei.

Não queria gozar rápido de novo, então só assisti, não me toquei.

Fiquei observando cada detalhe, quando ouvi a campainha tocar.

Elas me olharam e fiz sinal com a mão para que continuassem.

Abri somente uma fresta da porta suficiente para passar a garrafa e me coloquei na frente para ninguém vê-las.

Peguei a garrafa e olhei o rótulo:

Uau! Um Dom Pérignon.

Não entendia muito de champanhe, mas sabia que aquela era muito boa.

Fui em direção a elas e quando cheguei próximo, Luana fez sinal com a mão para eu esperar.

Percebi que ela estava quase gozando e me senti rejeitado.

Mesmo assim estava bom. Abri a garrafa, servi numa taça e me sentei de novo na cadeira observando.

Luana parou de chupar, começou a gemer e cravou as unhas na bunda da Elisa.

Agora ela vai gozar, ele apostou, pois já a conhecia bem.

Nessa hora exata Luana olhou para trás de cabeça pra baixo e consegui vê-la virar os olhos e gozar com um gemido triunfal.

Após gozar, Luana me olhou e sorriu. Era um sinal. Me levantei e fui em direção a elas novamente.

Dessa vez Luana não falou nada. Então me ajoelhei atrás de Elisa, que estava totalmente molhada de tanto Luana chupá-la. Puxei-a pelo quadril e, ao penetrá-la, Luana começou a chupar minhas bolas por baixo e isso me arrepiou inteiro.

Melhor ir devagar, senão vai gozar de novo, meu consciente aconselhou.

Diminui a velocidade para aproveitar melhor.

Elisa era mais gostosa do que imaginava, seu sexo molhado e apertado era algo de extraordinário.

Ela gemia baixinho. Senti depois de muito tempo aquela sensação de tremedeira, aumento da frequência cardíaca, suor na mão, nervosismo e tesão, tudo junto. Ia gozar, então parei.

Me levantei e pedi para Elisa me acompanhar.

Beijei-a com vontade pressionando-a contra a parede.

Afastei suas pernas e a penetrei ainda em pé.

Que delícia!, ele babava.

Estava muito gostoso, mas queria aproveitar mais.

Parei novamente e puxei Elisa pela mão até a poltrona.

Me sentei e virei Elisa pelo quadril para que ela se sentasse de costas pra mim.

Elisa afastou as pernas e se encaixou. Fechei os olhos.

Com movimentos ondulatórios de quadril, Elisa estava me deixando louco.

Passei minhas mãos pelos seus seios maravilhosos.

Só me dei conta de Luana quando senti suas unhas tocarem minhas bolas.

Ela estava agachada na frente de Elisa chupando seu clitóris.

Elisa virou o rosto de lado e eu beijei sua boca carnuda.

Beijo molhado delicioso.

Elisa começou a rebolar, não consegui mais me segurar. O prazer era tanto e depois daquele beijo estava completamente entregue ao nosso momento. Em instantes gozei e senti que Elisa também. Um alarme interno disparou.

Isso só havia acontecido com a comissária Verônica, e não foi na primeira vez.

Me apaixonei por Elisa nesse exato momento.

Fodeu! Meu consciente previu.

Elisa precisava ir embora, o motorista a esperava. Mas a conta ficou e quase enfartei ao vê-la pela manhã.

Puta que o pariu, tudo isso?

Meu salário inteiro daquele mês ficou ali, mas valeu cada centavo.

REPROVADO — 31 DE JANEIRO DE 2002 — VINTE E SETE ANOS

Depois daquela noite Elisa não saía da minha cabeça. Sonhava com aqueles pelos ruivos, com seu cheiro, com seu sexo. Luana não demorou a perceber. Por mais que o sexo com ela fosse ótimo, não se comparava a Elisa, o corpo de Elisa, o sexo de Elisa. Nosso namoro já não andava muito bem e um dia em um jantar Luana me interpelou.

— Tem alguma coisa errada no nosso namoro?

— Não! — respondi.

— É que depois daquela noite com Elisa você ficou estranho.

Ele sugeriu e eu arrisquei:

— Talvez por que eu queira repetir.

— Repetir o quê? — Luana se fez de desentendida.

— Eu, você e a Elisa.

— Você gostou?

— Muito!

— Pois eu não! Você me deixou de lado.

— Eu não — menti.

O assunto acabou quando o garçom se aproximou.

Ainda bem. Meu consciente suspirou.

Fizemos o pedido e assim que o garçom virou as costas, Luana voltou no assunto:

— Nós tínhamos um trato, você se esqueceu? — Luana continuou.

— Que trato? — Quem se fez de desentendido fui eu.

— Agora é minha vez de sair com você e mais um homem.

Ele e meu consciente saíram correndo.

— Não entendi? — perguntei.

— Dois homens! — Luana enfatizou me mostrando o dedo médio e o indicador.

— Você só pode estar brincando!

— Não, eu estou falando muito sério!

— Eu não fiz trato nenhum.

— Fez sim!

— Não fiz não!

Tentei virar o jogo:

— Você me prometeu de aniversário lembra?

— Lembro.

— Então, meu aniversário é agora! — tentei argumentar.

— E daí?

— De presente de aniversário podemos repetir com Elisa e depois a gente vê o que faz sobre o seu pedido.

— Você é um babaca, isso sim! — ela disse, desta vez me mostrando só o dedo médio.

Luana se levantou da mesa e repentinamente jogou sua bebida no meu rosto.

Fiquei paralisado.

Putaquepariu!

Terminamos naquela noite, mas voltamos na semana seguinte.

O namoro não era mais o mesmo. Perdeu-se o respeito entre ambos.

Terminávamos e voltávamos repetidamente e eu sabia que nossa relação não tinha mais futuro.

Era hora de ir atrás de Elisa. Lembrei-me que a reserva da mesa no restaurante do hotel estava no nome dela e fui até lá. Mas eu logo descobri que subornar o maître do hotel não ia ser barato.

Na primeira tentativa com uma nota azul de cem eu não consegui muita coisa:

— Senhor, eu não estou autorizado a passar qualquer informação sobre nossos clientes.

Voltei lá uma semana depois, dizendo que o assunto era profissional, e com duzentos reais ele não se sensibilizou.

Saindo do hotel meu consciente teve a ideia: seduzir o mensageiro, que provavelmente ganhava muito menos que o maître.

Não deu outra.

— O.k., mas por favor, o senhor nunca diga que fui eu — me pediu, pegando o dinheiro ao me cumprimentar com a mão.

Liguei então para Elisa e fui direto ao ponto. Não tinha como ser diferente.

— Oi Elisa, tudo bem? É o Pedro quem está falando.

— Que Pedro? — Elisa perguntou. Não parecia dissimulação, afinal já tinha se passado bastante tempo.

— O namorado da Luana, ou melhor ex-namorado.

— Oi Pedro, ela me contou que vocês terminaram, voltaram...

— Ela contou que terminamos porque eu queria te ver novamente?

— Luana me disse que você não cumpriu sua parte do acordo... — ela disse, dando uma risadinha.

— Isso também é verdade, mas vamos esquecer Luana, quero te ver de novo! — afirmei.

Elisa a princípio se assustou, mas depois de um pouco de conversa finalmente cedeu.

— Vamos marcar em outro local, pois não quero ser vista sozinha com você.

Ainda bem. Aquele hotel já estava me saindo caro demais.

Combinei que um táxi iria buscá-la e levá-la ao meu encontro em um hotel bem mais simples que acabara de inaugurar no bairro do Paraíso, o Fórmula 1. Lá não haveria risco de ninguém reconhecê-la.

— O.k., melhor assim — ela concordou.

No dia seguinte, conforme a hora e o local combinado, Elisa chegou ao meu encontro no hotel.

O interfone tocou:

— Senhor, a sra. Elisa está aqui — disse o recepcionista.

— O.k., pode deixar subir.

Ouvi três batidas na porta.

— Pode entrar.

Era Luana ao invés de Elisa. Ela me xingou tanto que torci para nunca mais nos encontrarmos.

Quem tudo quer, nada tem. Fiquei sem Luana e sem Elisa. Pior: fui atrás de Verônica, mas ela simplesmente desapareceu. O apartamento estava pra alugar e o celular não atendia. Amanda nem entrava em cogitação. Estava namorando e morando a quilômetros de distância. Eu estava novamente sozinho.

LP estava em crise com a namorada Thaís e parecia que o fim do meu namoro era uma questão de tempo. Ao contrário do meu irmão Tô, da minha irmã Nanda e do Gordo que já estavam noivos.

Já o Tripé continuava sumido, então passei um tempo sozinho.

Durante a Copa do Mundo de futebol na Coreia e no Japão, meu ex-professor Roberto vivia me convidando para assistir aos jogos do Brasil. Como não era fã de futebol, recusei, mas quando a seleção chegou às quartas de final, me animei.

Na madrugada do dia 20 no bar Enfarta Madalena onde os Rebeldes se encontravam depois de ficarem órfãos do Iron Horse, fui assistir à partida entre Brasil e Inglaterra.

Ao me ver na porta chegando numa Yamaha R1, Roberto me deu um abraço paternal e me contou as novidades. Ele acabara de saber que seria pai.

Entramos no bar e Roberto me apresentou a todos.

— Desce uma cerveja pro Ninja! — Roberto, com uma camisa da seleção amarela e uma bandana verde na cabeça, gritou para o garçom.

Ele comentou comigo que logo uma amiga se sentaria conosco.

— O.k., sem problemas — respondi lembrando de quando fui surpreendido por Luana.

Para minha surpresa, quando a banda parou de tocar, elas vieram em nossa direção. A mulher do Roberto era baterista e sua amiga era a vocalista da banda.

Andrea era uma morena de estilo diferente. Cabelo curto raspado dos lados com uma mecha vermelha comprida na frente do rosto. Ela usava uma camiseta preta com uma caveira estampada brilhante sob uma jaqueta de couro preta, calça jeans rasgada e um tênis surrado.

Roberto nos apresentou e Andrea se sentou ao meu lado. A danada não parava de me olhar.

Ela esconde sua beleza atrás deste estilo estranho, meu consciente constatou.

Quantos KM ela tem?, ele perguntou.

Quando chegou outra rodada de cerveja começamos a conversar.

Andrea tinha a idade do Roberto, trinta e sete anos, ou seja duzentos e setenta e três KM de pau, calculei rapidamente.

Ela tinha um piercing no nariz, várias argolas nas orelhas e uma tatuagem de dragão no pescoço. A única coisa que eu realmente não gostava era o cigarro que Andrea fumava com sofreguidão. Mas ele relevou.

Depois de alguns chopes senti a mão de Andrea pegar na minha coxa quando o garçom me serviu. Minha frequência cardíaca aumentou e segurei sua mão.

Virei em um só gole a bebida gelada que estava à minha frente e fui em direção a sua boca. Nos beijamos com gosto e descobri um saboroso piercing na língua.

Andrea então me chamou para ficar próximo da banda e voltou a cantar: “Heart”, do Barracuda. Enquanto isso eu fiquei dançando na pista ao lado da banda e bebendo cerveja.

Depois de pouco tempo, a banda fez outra pausa e Andrea me chamou para acompanhá-la até o toalete. Fui surpreendido quando ela voltou e me puxou para dentro do banheiro.

— Você está louca?

— Relaxa, eu já olhei, não tem ninguém aqui dentro.

Amanda no vestiário do clube. Meu consciente lembrou.

Esquece ela, ele me repreendeu.

Ficamos um bom tempo nos beijando até que Andrea parou para esticar um pó branco em duas fileiras sobre a pia.

Caralho! É cocaína!

Andrea enrolou uma nota de cinquenta reais, colocou em uma das narinas, inclinou-se sobre a pia e inspirou rapidamente passando a mão sob o nariz.

— Vai você! — ela ordenou me passando a nota enrolada.

Fiquei paralisado.

Ela me olhou nos olhos e repetiu.

— Vai logo antes que entre alguém!

Meu consciente me lembrou da promessa de Porto Seguro e fugiu.

Olhei para a porta do banheiro e para Andrea que me apressou mais uma vez:

— Rápido!

Cheirei.

A sensação foi estranha, nada parecido com a maconha e o lança-perfume de Porto Seguro. Em instantes eu me senti eufórico, e era como se eu pudesse dobrar a realidade. Andrea me empurrou para dentro de uma cabine e trancou a porta.

Meu consciente bailava no ritmo da farinha.

Andrea tomou a iniciativa e passou a mão sobre ele que, ao contrário do meu consciente, também estava animado com o pó.

Eu vou arreventar essa cadela, ele gritou.

Com uma habilidade ímpar, Andrea abriu o botão da minha calça, desceu o meu zíper e enfiou a mão por dentro da minha cueca. Minha calça foi parar nos tornozelos e ela se agachou na minha frente chupando ele.

Senti meu coração acelerar.

Soltei um suspiro e quase caí, apoiando as mãos na porta.

Louco, achei ter ouvido duas vozes de mulher do outro lado da portinha da cabine. *Ou seria um devaneio?*

E se elas nos ouvirem aqui?, meu consciente parou de dançar conforme a música e ficou paranoico.

Mas ele não parecia se importar. Andrea fazia aquilo com facilidade mas a cada chupada ela dava uma tragada no cigarro.

Essa cadela deve ter vários quilômetros, pensei.

Meus batimentos estavam a mil. Meu consciente tentava se esconder.

Depois de muito tempo, Andrea me olhou, deu um sorriso, jogou o cigarro no chão e disse:

— Vamos acabar logo com isso, eu preciso voltar pro palco.

Ela então começou a chupar forte e depressa e quando eu estava quase gozando, senti uma dor horrível.

Ai!, ele gritou!

— Ai! — eu gritei ao mesmo tempo.

O piercing dela enroscou na pele embaixo da cabeça dele.

Empurrei Andrea contra a porta no impulso da dor e ela caiu de lado no chão, machucando a cabeça.

Ouvi mais vozes do outro lado da porta, perguntando se estava tudo bem.

Olhei para baixo vendo o estrago.

Andrea me olhou com um olhar de raiva.

Sai rápido do banheiro levantando as calças com algumas mulheres me olhando estranho.

Meu consciente achou que elas estavam nos seguindo.

Esbarrei em Roberto na pista de dança e avisei que precisava ir embora sem dar muitas explicações:

— Mas e o jogo? — ele me perguntou sem obter resposta.

Foda-se o jogo!, ele gritou.

Fui direto para casa machucado. A moto só machucava mais. Mesmo assim eu acelerava e acelerava.

Meu consciente queria fugir. O velocímetro bateu trezentos quilômetros por hora, mas eu sentia que tinha o controle total. Estava eufórico, era um piloto profissional.

Elas devem estar nos seguindo.

Quando cheguei e analisei, percebi um pouco de sangue nele e um pequeno corte embaixo da cabeça.

Raiva!

EFEITO COLATERAL — 21 DE JUNHO DE 2002

Acordei no dia seguinte com uma das maiores ressacas da minha vida. Meu consciente me amaldiçoava por não ter cumprido a promessa feita em Porto Seguro e eu mal conseguia abrir os olhos. A claridade me maltratava.

Pedi uma folga no escritório e tentei descansar, mas a dor de cabeça não era nada se comparada com a dor nele, que estava roxo e maltratado.

Tinha de ir a um médico.

Cheguei ao pronto-socorro e mais uma vez meu consciente me reprimiu. Nunca desde que eu comecei a minha vida sexual me senti tão merecedor do velho apelido.

Cabaço.

Peguei a senha, passei por uma triagem, e depois de uma demorada espera que parecia ainda maior pelo mal-estar geral do meu corpo, fui finalmente chamado.

— Sr. Pedro Henrique, a dra. Patrícia, vai atendê-lo — disse a recepcionista.

Levei um susto. Nunca imaginei que houvesse urologista mulher e fiquei totalmente constrangido.

Ela me encaminhou até a sala dela, me deu um avental e ordenou apontando para uma porta:

— Tire a roupa e coloque esse roupão com a parte aberta para a frente, ali no lavabo.

Fiz o que ela mandou e percebi ele encolher.

Na verdade nunca tinha visto ele tão pequeno e tão calado.

Saí do lavabo com o roupão fechado. Reparei que ela era bem bonita, mas o bizarro da situação não deixava que ele se animasse.

A dra. Patrícia pediu para eu deitar na maca de barriga para cima, mas com as pernas penduradas para fora, e abriu meu roupão.

Perguntei para o meu consciente:

Será que eu falo que ele não é sempre assim tão acanhado?

Ele me respondeu, ainda irritado.

Cala a boca, melhor não falar nada.

Depois de analisá-lo, a dra. Patrícia disse enquanto tirava as luvas:

— Não parece ser nada grave, você tem um freio muito grande.

Enquanto eu discutia com meu consciente o que seria um freio grande, respondi que sim para a pergunta que ela me fez sem entender direito e assinei alguns papéis sem ler.

Só depois que entendi: a dra. Patrícia era professora de uma faculdade e perguntou se eu me importava que alguns de seus alunos residentes analisassem meu freio e meu machucado.

Não estava acreditando no meu azar e no surreal daquilo tudo.

Maldita cocaína, eu pensei.

Cala essa boca, meu consciente me reprimiu.

O que eu estou fazendo aqui? Ele chorou.

Só pode ser castigo, eu defini!

Você prometeu não usar drogas há muito tempo atrás e isso está acontecendo porque você quebrou a promessa, ele e meu consciente me culparam.

Algum tempo depois a dra. Patrícia retornou à sala trazendo consigo cinco médicos e duas médicas.

Olhei para baixo:

Onde ele foi parar?

A médica ficou explicando alguns procedimentos que eu não ouvia de tamanha vergonha.

Puta merda, caralho! O que mais falta me acontecer?

Meu papo com meu consciente acabou quando vi a dra. Patrícia com uma injeção enorme na mão dizendo que ia aplicá-la na cabeça dele.

Não!, ele gritou.

— Não! — eu gritei ao mesmo tempo.

A dra. Patrícia tentou me acalmar:

— Calma, não vai doer — ela disse. — Vou fazer apenas o necessário para a peritomia.

— Para o quê?

Ela fez cara de impaciência e pediu para uma de suas alunas me explicar novamente. Definitivamente eu não estava conseguindo me concentrar de tanta vergonha, então me esforcei para entender o que iria ser feito.

— Vamos ter que fazer um pequeno corte na prega cutânea que recobre a glândula do seu pênis. — Então ela detalhou qual seria o procedimento.

— Cortar? — perguntei assustado.

— Vamos só terminar de fazer o corte. Você sofreu um a lesão nessa região. Além do mais, este procedimento deveria ter sido feito há muito tempo, pois seu freio é grande — explicou uma das alunas.

— Nada mais é do que uma circuncisão — dra. Patrícia resumiu.

Por que você foi perguntar?, ele resmungou.

— O.k. — disse fechando os olhos de vergonha e morrendo de medo da injeção.

Drogas nunca mais! Drogas nunca mais!

Demorou cerca de quinze minutos para a doutora dar alguns pontos e cortar o pedaço de pele em excesso, sendo observada por todos os seus alunos.

Depois me fez algumas recomendações e disse:

— Te vejo no meu consultório daqui três dias, o.k.?

Retornei ao consultório da dra. Patrícia para retirar o curativo. Mal conseguia andar de dor, mas ela disse que era normal, e que tudo fazia parte do processo de cicatrização. Porém ela recomendou:

— Trinta dias sem sexo...

E masturbação?, ele pensou em perguntar.

— ... nem masturbação! — Ela respondeu sem eu perguntar.

Desfeito o curativo, conversamos um pouco sobre minha vida sexual, assunto que nunca tinha conversado com ninguém em detalhes, nem mesmo com o professor Roberto.

Ela me perguntou e eu detalhei como ocorreu o acidente. Tive de ouvir ainda outro sermão da dra. Patrícia, que ficou brava por não ter lhe contado que ingeri cocaína.

— Sabe o risco de misturar analgésicos com esse tipo de droga?! — ela perguntou. — Devido ao seu comportamento de risco, você deveria fazer um exame de sangue e se afastar das drogas — ela disse, me passando um pedido de vários.

— Você tem toda a razão — concordei.

FANTASIA DE PALHAÇO — 13 DE JULHO DE 2002

Apenas vinte e três dias se passaram sem sexo, mas minha abstinência parecia uma eternidade. O pior: toda vez que ele ficava ereto, doía.

Não saía desde o acidente, quando LP me ligou me convidando para uma festa a fantasia que iria acontecer no sábado à noite. Eu disse que não iria, mas ele insistiu, falou que estava sem companhia, pois tinha terminado o namoro e que “eu estava lhe devendo”, pois ele tinha me ajudado com Luana.

Continuei negando e negando, e ele continuou pedindo e pedindo até que aceitei. Estava com a barba por fazer, então improvisei: coloquei um macacão sem camisa, uma bota cano alto, uma flanela laranja em um bolso, chave de fenda e alicate no outro, sujei os braços com carvão, martelo na mão e pronto, fantasia de mecânico.

Que merda. Meu consciente julgou.

LP chegou em casa vestido de Mario Bros para me buscar e riu.

— Que porra é essa? — perguntou olhando para minha fantasia.

— Foi o que deu para fazer, se esculhambar eu não vou!

— Tudo bem, vamos embora, está ótimo.

Na porta da festa fomos barrados obviamente pelo segurança por causa das ferramentas.

Como você não pensou nisso? Meu consciente me chamou de burro.

Deixei a chave de fenda, o alicate e o martelo com o segurança e assim conseguimos entrar.

Me senti um pouco estranho lá dentro, pois todos haviam caprichado bastante em suas fantasias. Mas apesar disso precisava me distrair um pouco e aquilo estava me fazendo bem, pois meu enclausuramento estava me deixando louco.

O foda é que o LP continuava com o antigo assunto de sociedade:

— Pedro, pensou naquele assunto da sociedade?

— Estou pensando...

— Está esperando o quê? Já pensei até no nome da empresa: LPH engenharia e arquitetura.

— O que significa LPH?

— LP de Luis Paulo e PH de Pedro Henrique: LPH gostou?

— Gostei.

— Então pense nisso enquanto eu vou buscar uma cerveja para nós.

Ele foi em direção ao bar, enquanto fiquei pensando naquela possibilidade.

LP era engenheiro como seu pai e tinha ganhado dele uma sala comercial para começar um negócio, eu tinha meus próprios projetos e bons estagiários nas mãos.

Por quê não?, meu consciente me perguntou.

Enquanto esperava LP voltar, fiquei observando as fantasias.

Uma melhor do que a outra: Sapo, Branca de neve, Espantalho, Bruxa, Superman, Caça-fantasmas, Bombeiro e Médico, mas quando vi passar a Bailarina com toda sua boa forma à mostra, ele me fez me lembrar do porquê de minha abstinência.

Ai!, reclamei.

Quando a dor vinha era forçado a pensar em outra coisa. Desviei minha atenção da bailarina e voltei aos negócios. Mas o LP chegou com a cerveja e me mostrou com o dedo:

— Olha aquelas gostosas ali no balcão!

Putaque o pariu, que dor!, ele reclamou.

Eram a Mulher Gato e a Mulher Maravilha de costas apoiadas no balcão do bar pedindo alguma bebida. Reparei que a Mulher Gato ficava muito gostosa com aquela roupa preta colada ao corpo que chamava a atenção para sua bunda maravilhosa.

Ai! Eu gostei, ele reclamou de dor mas aprovou.

O rabo era apenas um detalhe que passava despercebido naquela fantasia. Ela estava também de botas pretas com fivelas até a altura dos joelhos.

— Vou falar com a Mulher Gato e você fala com a Mulher Maravilha — LP disse batendo com a mão duas vezes no meu ombro.

Quando ele se virou para ir em direção a elas eu o segurei pelo braço.

— Espera um pouco — pedi para ele, prestando um pouco mais de atenção.

A mulher Gato se virou e dava para perceber que deveria ser muito bonita, mas a máscara escondia parte do seu rosto que me parecia familiar.

Me interessei por ela no momento em que ela me olhou. Percebi ela cochichar algo no ouvido da mulher Maravilha que se virou e nos olhou.

Era a Flávia.

Com essa fantasia, só poderia ser ela. Meu consciente comentou, mas ele gostou.

LP queria ir até lá, mas eu o segurei pelo braço.

— Calma, eu conheço elas.

— Quem é a gostosa da Mulher Gato?

— Amanda minha ex-namorada.

LP ficou um pouco sem graça, mas foi rápido em disfarçar:

— Então vou falar com a Mulher Maravilha.

Ele foi na direção delas, tentei segurá-lo mais uma vez mas não deu tempo.

Fiquei parado olhando LP conversando com Flávia.

De repente vejo LP apontando pra mim, me mostrando para Flávia.

Ela me olhou com cara de poucos amigos.

LP fez sinal com a mão para eu ir até lá.

Não tinha mais como me esconder.

Tinha que encarar. Fui até lá e observei Flávia falando algo ao ouvido de Amanda.

Meu coração disparou.

— Oi, quanto tempo? — ela disse.

Não consegui pronunciar um só som.

Olhei-a de cima a baixo e ele reclamou de novo de dor.

Amanda me beijou no rosto com um batom vermelho e tirou a máscara que cobria a metade de cima do seu rosto.

Estava linda e sensual.

— Tudo bem com você?

Me esforcei para responder um pouco trêmulo:

— Tudo, o que você faz por aqui Mulher Gato?

Amanda riu.

— Cheguei ontem — ela disse me olhando tentando identificar minha fantasia.

— Mecânico! — falei, pois Amanda não iria adivinhar. — Mas você não me avisou? — perguntei.

— Te mandei um e-mail ontem, você não viu?

Não abri, pensei.

Estava boquiaberto pois Amanda estava diferente. De alguma forma ela parecia mais madura.

Mais gostosa!, ele constatou, reclamando de dor.

Nanda não me dava notícias de sua melhor amiga, pois achava que eu não merecia. Ela não me disse que Amanda estava no Brasil.

A única notícia que ela fez questão de me dar era que Amanda se dava muito bem com seu namorado americano, mesmo eles não fazendo sexo.

Estranhei essa observação.

— Eles estão se preservando pro casamento.

Será? Meu consciente duvidou.

Flávia interrompeu minha discussão com meu consciente me apresentando o Batman:

— Esse é o namorado da Amanda.

— Hi, my name's Mike. Nice to meet you — disse animado, me estendendo a mão.

— Vai se foder — respondi sem entender e apertando com força.

Amanda riu sabendo que ele não entendeu nada.

Nunca tinha sentido aquilo naquela dimensão.

É ciúmes! Meu consciente detectou.

Ignorei o Batman e puxei papo com Amanda enquanto observávamos LP e Flávia dançando.

Amanda me perguntou de Luana.

— Não estou mais namorando — respondi enquanto seu namorado reapareceu puxando Amanda para a pista pela mão.

Ridículo! Típico americano. Meu consciente riu ao vê-lo dançar.

Ridículo, mas é ele quem está com ela, ele rebateu enciumado.

Fiquei assistindo Amanda dançar com o seu namorado, e recordei dos nossos momentos juntos.

Meu primeiro beijo aos catorze anos, a primeira vez em que troquei de quarto com Nanda, o filme embaixo do cobertor, o show do Bon Jovi, o banheiro do clube, os cinemas, os teatros, as viagens...

Saudades.

Amanda continuava dançando muito bem e aquela roupa de Mulher Gato colada me excitava mais ainda, me provocando dor.

— Ela só vai ficar uma semana! — disse LP ao voltar pro balcão e percebendo que eu não conseguia tirar o olho de Amanda. — Foi a Flávia que falou.

— Mas já? — perguntei para ele.

— Ela precisa renovar seu visto para terminar o mestrado — disse Flávia, se intrometendo. — Vê se não vai confundi-la e atrapalhá-la! — ela completou, me repreendendo com um tapa no braço e pegando uma bebida com o barman.

Ao final da música, Amanda veio em minha direção e me chamou para dançar, mesmo sabendo que eu não sabia. LP aproveitou e voltou para a pista com Flávia.

Melhor eu não tentar dançar com Amanda senão ele vai doer.

Meu consciente foi rápido e inventei uma desculpa para Amanda dizendo que tinha torcido o pé correndo. Ficamos no bar vendo LP e Flávia dançando e pelo que observava eles iriam se dar muito bem.

— Volto pra lá semana que vem! — disse Amanda.

— A Flávia me falou.

— Eu preciso terminar o que eu comecei.

Queria muito ficar com ela, mas ao mesmo tempo não queria machucá-la como da última vez.

Você não tem o direito de confundi-la e atrapalhá-la. Meu consciente repetiu a frase de Flávia, me dando outro sermão.

Como é chato, ele definiu meu consciente.

De repente vi LP e Flávia se beijarem.

Olhei para Amanda para lhe mostrar aquela cena e fui surpreendido com ela beijando seu namorado.

Ai!, ele reclamou e eu refuguei.

Se a intenção era me deixar com ciúmes, ela conseguiu.

Talvez Flávia tenha razão... Meu consciente continuou falando e realmente ele estava chato, mas eu sabia que estava certo.

Ele e meu consciente brigaram.

O nó na minha garganta voltou com força.

Me acabei na bebida.

Fiz de tudo para não chorar de arrependimento ali, mas ao chegar em casa, desabei.

15 DE JULHO DE 2002

PH,

Cheguei!

Preciso renovar o meu visto e quero aproveitar pra te ver.

Estou com saudades, Bjs Amanda.

Aquele e-mail tão fora de hora era uma punhalada. Quase chorei de novo no meio do escritório. Abri minha carteira, ela ainda estava lá. A carta que ela me escreveu anos atrás:

PH

Às vezes precisamos abrir provisoriamente mão de um sonho para realizarmos outro. Mas estarei eternamente pensando em você!

Não se preocupe, eu prometo, vou atrás de um sonho agora, no futuro vou atrás do outro. Te amo.

Amanda

Amassei a carta e joguei no lixo. Estava magoado, exausto. Mas no fundo sabia que a culpa era minha. Abaixei a cabeça, coloquei as mãos entrelaçadas na nuca e relembrei de tantas coisas boas que passei com Amanda. Era um sentimento dúbio, que me acalentava e me maltratava. Me sentia bombardeado.

Depois de tanto tempo na carteira, você não pode jogar essa carta no lixo. Meu consciente avaliou. Peguei-a de volta do lixo e guardei-a no mesmo local. Vou ter de devolver pessoalmente.

ATENUANDO MEUS PECADOS — 20 DE JULHO DE 2002

Eu sempre tive medo de agulhas, mas depois da anestesia passeia a ter pavor. Por isso não foi fácil fazer os exames de sangue pedidos pela dra. Patrícia.

Aproveitei então a ocasião para fazer uma doação de sangue que o moto clube do Roberto promovia como ação de caridade, e eu sempre fugia da raia.

Quem sabe isso atenuem um pouco meus pecados.

Cheguei ao hospital pontualmente com Roberto, mas não tinha ainda ninguém do moto clube lá. Me apresentei na recepção, pediram meu documento e recebi um cadastro para preencher.

Me encaminharam para uma sala de pré-triagem, nela verificaram meu peso, altura, pressão arterial, frequência cardíaca, temperatura e tomei uma picadinha no dedo para verificar se eu tinha anemia.

— Tudo o.k. — disse uma enfermeira me dando um questionário para responder.

Nele precisaria estar dentro das condições básicas para doação, como ter entre dezoito e sessenta e sete anos, pesar mais que cinquenta quilos, ter dormido pelo menos seis horas antes da doação, não estar em jejum, não ter feito uso de bebidas alcoólicas nas últimas doze horas, não ter fumado por no mínimo uma hora antes da doação e não ter praticado exercícios físicos exagerados.

Haviam também algumas questões:

Não pode doar quem teve hepatite, diabetes, lepra, doença de Chagas, malária, aids, câncer, dengue e quem recebeu transfusão de sangue a menos de um ano ou tivesse recebido alguma vacina nos últimos meses ou ainda quem tinha piercing ou tatuagem.

Me lembrei do piercing da Andrea.

Ai!, ele encolheu.

Para todas as questões respondi negativamente mas fiquei na dúvida na última:

— Mantém relações sexuais de risco, com parceiros desconhecidos ou relações casuais.

Lembrei do sermão da dra. Patrícia quando omiti uma informação importante.

Sim, meu consciente me ajudou.

Assinei um termo de responsabilidade onde afirmei ter entendido as informações recebidas e ter respondido com sinceridade ao questionário. Concordei com a coleta de sangue e afirmei que estava ciente de que se houvesse resultados alterados, seria chamado para aconselhamento médico e social.

Tomara que não, ele e meu consciente concordaram.

Na sala de coleta fui atendido por um enfermeiro negro de bigode fino e cabelo despenteado que mais parecia o Jimi Hendrix.

Ele pediu para eu arregaçar a manga da camisa e que colocasse o braço em um apoio com a mão espalmada para cima.

Retirou a agulha descartável do pacote, colocou na injeção, achou minha veia e falou:

— Você vai sentir uma picada, mas não vai doer.

Fiz que sim com a cabeça e ele picou meu braço.

Realmente não doeu nada. Comparando ao piercing, aquilo era um carinho.

— Fique abrindo e fechando a mão — ordenou o enfermeiro ao sair da sala de coleta.

O resultado do exame demoraria trinta dias para sair, quase o mesmo tempo da minha abstinência, então esses dias seriam de reflexão .

Foi um mês monástico.

ESPERA SEM FIM — 1º DE SETEMBRO DE 2002

Depois de quarenta dias perguntei para o professor Roberto o porquê do atraso da entrega da nossa carteira de doador de sangue e ele respondeu com outra pergunta:

— Que atraso? A minha já chegou faz dez dias!

Paralisei.

Não conseguia pronunciar uma palavra e de repente ouvi:

— Tá tudo bem Ninja? Você está meio pálido.

Falei para o Roberto que ainda não tinha chegado minha carteira, ele estranhou, mas quis me acalmar.

— Já, já ela chega — ele me disse.

Mas eu não conseguia me concentrar em nada. De repente me vi tomado por um medo quase irracional da aids, aquela velha e maldita companheira tão presente na minha vida sexual desde a adolescência. E por mais que eu tentasse, não conseguia pensar em outra coisa. Fosse no jornal, em revista ou na televisão as notícias que me chamavam a atenção eram sobre a aids — e pouco importava o aniversário de um ano do atentado sobre as Torres Gêmeas nos Estados Unidos ou a acalorada eleição presidencial entre Lula e Serra, ficaram em segundo plano.

Uma dessas notícias dizia com letras garrafais que a aids iria matar 70 milhões de pessoas nos próximos vinte anos.

Caralho, uma delas pode ser você!, meu consciente se surpreendeu e eu já estava entrando em depressão.

Me enclausurei novamente.

Mesmo quando as notícias eram positivas, não me animavam em nada. Li que iriam chegar já para o próximo ano uma nova classe de remédios antiaids. Apesar das incertezas quanto à cura, os especialistas estavam otimistas, eles creditavam que, nos próximos quinze anos, quem recebesse um resultado de HIV positivo saberia que portaria um mal perfeitamente controlável pelo resto da vida.

Só daqui quinze anos? Fodeu! Meu consciente concluiu.

Sessenta dias se passaram e nada do meu resultado. Estava com medo de ligar no laboratório e descobrir o pior, mas a angústia da espera já era insuportável.

Finalmente liguei para a clínica a fim de saber o que havia acontecido:

— Boa tarde, gostaria de saber sobre minha carteira de doador de sangue que não chegou.

— Qual o nome do paciente?

— Pedro Henrique Cadallora.

— Um momento...

— Senhor, lamento mas você vai ter que vir até a clínica pessoalmente.

Quase desmaiei.

— Senhor, você me ouviu? Tem alguém aí?

Ela desligou o telefone.

Passaram-se mais dez dias e eu estava ficando quase louco. Resolvi então encarar, sem contar para ninguém.

Fui à clínica e me dirigi à recepção:

— Oi, estou com um problema, minha carteira de doador de sangue era para estar pronta há setenta dias e não chegou.

— Qual seu nome?

— Pedro Henrique Cadallora.

— Só um momento, por favor.

A recepcionista se levantou e foi até a sala onde eu havia doado sangue.

De lá saiu acompanhada do enfermeiro que parecia o Jimi Hendrix.

— Sr. Pedro?

Fiz sinal de sim com a cabeça.

— O senhor pode me acompanhar até minha sala, por favor?

Minhas pernas tremiam.

Entramos na sala e ele pediu para me sentar em uma cadeira em frente a sua mesa.

Coração a mil, ele sentou-se na minha frente e começou a falar:

— Sr. Pedro, tivemos um pequeno problema e vamos ter que repetir os exames.

— Qual o problema? — perguntei esperando pela pior resposta.

— Houve um acidente com uma remessa de sangue que estava indo para o laboratório, se o senhor autorizar, vamos repetir o exame.

— Isso quer dizer que eu não tenho nenhum problema? — perguntei chorando.

— Acho que não, por quê?

Ele se levantou para me consolar e eu continuei:

— Por que ninguém me avisou?

— O senhor não preencheu o campo de contato do questionário.

Ele me mostrou um campo vazio que esqueci de preencher atrás do formulário.

Putaquepariu! Meu consciente gritou na mesma hora, me chamando de asno.

Após o resultado de novos exames e de minha quarentena, que já tinha se transformado em umas três, estava livre novamente.

Nunca tinha imaginado que seria tão feliz em ter minha carteira de doador de sangue.

Até que enfim, está tudo o.k.!

Estava tão aliviado quanto no dia em que perdi o cabaço.

Vida nova!, ele e meu consciente brindaram.

Luana

Conheci Pedro quando ele me passou cola de matemática no colégio, passamos a ser amigos, mas depois perdemos o contato. Achei que o veria de novo no reencontro dos amigos da escola, mas ele não foi. LP marcou então um encontro surpresa com ele, mas quem se surpreendeu fui eu.

Muito mais bonito do que no colegial, ele continuava um amor como quando éramos mais jovens. Por azar eu estava nos últimos dias da menstruação e achei que não seria legal transar com ele no nosso primeiro encontro naquele estado, apesar de querer muito, pois ele tinha uma pegada ótima.

Pelo menos deixei-o com vontade ao fazer com capricho um sexo oral. Chegando em casa me virei sozinha.

Depois daquela semana, transávamos todos os dias e isso pra mim foi fundamental para o sucesso do nosso namoro.

Minha terapeuta me diagnosticou como compulsiva sexual, popularmente chamada de ninfomaníaca. Disse que eu tenho um apetite sexual hiperativo, uma dependência psíquica em relação a sexo. Não passo um dia sem, mesmo que seja com minhas próprias mãos.

Segui o conselho da minha terapeuta. O primeiro passo do meu tratamento eu já conquistei, depois que conheci Pedro, não tive outros parceiros com exceção do meu vibrador.

Quando completei vinte e sete anos, comemoramos meu aniversário em um motel.

Estávamos bêbados e Pedro me desafiou para um jogo da verdade.

Era a oportunidade que eu tinha para contar tudo isso pra ele e chamá-lo para uma sessão comigo. Isso foi uma outra sugestão da minha terapeuta, mas ao perceber logo na primeira resposta, quando menti diminuindo muito o número de parceiros sexuais que tive, e Pedro se assustou, resolvi postergar.

Nesse mesmo jogo Pedro confessou que tinha o desejo de realizar o sonho de transar com duas mulheres.

Nosso namoro estava ótimo, mas não tinha coragem de contar pra ele meu problema, afinal ele nunca havia reclamado de nada e sempre me satisfazia.

Com exceção de um fim de semana que ele bebeu demais com alguns amigos e me deixou na mão, durante um ano transamos todos os dias. Nenhum namorado antes fez isso. Pedro merecia uma recompensa.

Sua fantasia de duas mulheres não seria nenhum sacrifício pra mim.

Elisa era minha melhor amiga da faculdade.

Rica, linda, ruiva, com um corpo espetacular. Até os seios que ela não tinha, ela comprou.

Nos conhecemos na faculdade, ela chamava a atenção de todos os garotos, e de algumas garotas também.

Ela não parava de me olhar, e eu também não resisti a sua beleza.

Combinamos de fazer um trabalho de faculdade em sua casa e acabamos transando.

Elisa, diferente de mim, confessou que não gostava de homens. Ela teve sua primeira relação com um, mas nunca mais se interessou.

Eu passei a gostar dos dois, mas principalmente de Elisa, que era maravilhosa.

Após uma cena de ciúmes, por eu estar com um garoto da classe, nos separamos mas continuamos amigas.

Elisa desistiu da faculdade e se casou logo depois. Foi um casamento armado, já que todos sabiam que seu marido era gay.

Como o sogro não admitia isso, forjou um casamento e Elisa aceitou, já que ele era riquíssimo e não iria assediá-la. Esse era o acordo.

Nenhum dos dois sofreria preconceito e Elisa ainda ficaria rica.

Durante anos nossos encontros foram frequentes, eu a atendia quando solicitada e principalmente quando meus namorados me deixavam na mão. Era bom para ambas.

No último ano a procurei apenas no fim de semana em que Pedro viajou e foi fácil convencê-la depois a fazer um ménage conosco, afinal Elisa estava há bastante tempo sem sexo.

Combinei com ela por telefone de nos encontrarmos em algum lugar e Elisa preferiu o restaurante do hotel Renaissance, que ela sempre frequentava.

Assim que Elisa apareceu, percebi o interesse de Pedro nela. Não tinha homem que Elisa não causasse isso. Ela tinha esse poder. Até eu mesma, às vezes, mesmo depois de anos, me espantava com tamanha beleza.

Pedro e Elisa eram lindos, eu me considerei sortuda naquele momento em poder ter os dois, mas depois isso me enciumou. Eles, no sexo, se deram muito bem.

Elisa confessou que realmente gozou com Pedro, ela não fingiu. Mas disse que foi graças a mim e que isso não significava que ela voltaria a transar com um homem. Eu não conseguia entender e essa era a diferença entre eu e Elisa. Pra mim, o que interessava era transar. Não importava como, quando, onde ou com quem. Mas durante um ano me controlei. Só com Pedro transei.

Depois que saímos com Elisa, Pedro mudou. Passamos a não transar todos os dias. Percebi algo diferente nele e o testei perguntando sobre a minha fantasia com dois homens.

Pedro disfarçou e me propôs transarmos com Elisa outra vez. Era a prova de que ele gostou dela.

Pouco tempo depois Elisa me ligou dizendo que Pedro a procurou. Me passou o local e o horário combinado com ele para eu dar o flagrante da traição. Eu fui no seu lugar. Assim que ele abriu a porta, vi sua cara de choque e comecei com meu discurso raivoso, planejado cuidadosamente:

— Como você pode fazer isso comigo? Você não imagina o quanto me expus para você. Estava com você por achar que te conhecia, nunca estive mais errada. Você não soube me amar.

Pedro se calou. Ele não tinha o que falar.

Quase que para mim mesma disse:

— Ironia saber que o único homem que não traí, me traiu. Não sei se quero continuar meu tratamento, não sei se isso é carma ou prova de que ser fiel nunca vale a pena.

Quando saí pelo corredor, ele tentou se desculpar, dizer que não queria que essa fosse a única memória dele, que sempre pensou em mim, desde os tempos do colégio, com muito carinho.

Mas não quis saber.

Um dia vai chegar sua vez. Um dia você vai pagar.

5. Ônus

24 DE DEZEMBRO DE 2004 — SETE HORAS

Estou paralisado, e não é por estar amarrado. Meus músculos estão completamente retesados. Estou exausto, mas apesar de cansado, não consegui dormir.

O filme na televisão já foi reprisado várias vezes e eu continuo só sabendo do tempo por meio do locutor da rádio.

“Bom dia Band FM! Começando mais um programa, A hora do Ronco, aqui na sua rádio preferida, a Band FM. Hoje é sexta-feira, 24 de dezembro, amanhã é o Natal. Agora são exatamente sete horas e dois minutos e vamos seguir juntos até as dez...”

O programa é de humor, mas eu não estou achando a mínima graça. Talvez seja a situação em que me encontro que não favorece as piadas.

Começa a tocar uma música: “Fantasias”, do cantor Leonardo.

Isso é tortura.

Estava enclausurado desde as duas e meia do dia 22.

Cinquenta e duas horas e vinte e sete minutos. Calculo rapidamente. Este dom ainda me serve. Os outros nem tanto.

Presto atenção novamente na frase escrita no espelho:

“Aqui se faz, aqui se paga!”

Por que alguém escreveria isso?

Meu antebraço adormeceu, e não sentia mais as dores no punho. O que me incomoda agora é o maxilar. Ele dói por causa da mordação que não deixa eu fechar totalmente a boca que está totalmente seca. Sinto algo como uma fivela de metal pressionando atrás da minha cabeça. É a parte que prende a mordação, e que até então não me incomodava, mas agora me tomava de uma dor lancinante. Minha nuca também está provavelmente em carne viva. Não tenho fome, mas a sede está me matando. Sinto meus lábios rachados.

Estou exausto.

Que raiva!

Forço os braços novamente em uma inútil tentativa de me libertar, minhas veias do antebraço se dilatam com a força da pressão.

Preciso fazer alguma coisa, mas o quê?

Nada me vem a cabeça.

A respiração começa a acelerar com mais algumas tentativas com as mãos. Veias dilatadas, suor no rosto e no corpo.

Não vou conseguir.

Se pelo menos Luana estivesse aqui para me dar um copo d’água... Lembro dela e me pergunto se isso

teria sido mais uma maneira de se vingar de mim, depois de tantos anos.

Maldição.

Precisava sair mais, rever amigos, beber, dançar, me divertir e principalmente conquistar. Este era de novo o desafio.

E pra isso a despedida de solteiro do meu irmão, numa balada que Felipe tinha recomendado, chamada Love Story, seria perfeito. Chegando lá tive uma surpresa, depois de tantos anos esbarrei no Japa. Ele me viu e gritou:

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Viemos rezar — brinquei.

Japa riu e nos cumprimentou com um grande abraço.

Expliquei que era despedida de solteiro do meu irmão.

Minha má impressão do local foi rapidamente alterada. Garotas de todos os tipos dançavam sensualmente sobre minipalcos espalhados pelo grande salão.

Sentamos em um sofá e colocamos o papo em dia enquanto as observávamos. Japa comentou que sempre ia ali e que era um lugar que tinha de tudo. Travestis, patricinhas e putas.

— Elas fazem o happy hour aqui. Se você conseguir conquistar alguma, não precisa pagar, elas já faturaram antes.

Se meu objetivo era conquistar sem pagar, ali era o lugar perfeito.

Logo Japa encontrou algumas “amigas” e eles foram para a pista dançar.

Eu continuava não sabendo dançar então fui até o bar pedir uma cerveja, mas se me comparasse com o Japa, eu era um dançarino profissional.

Japa arriscava alguns passos com uma morena e a cena era hilária. Ele conseguia ser pior que o Mike.

Merda de Mike. Logo que ele surgiu em minha memória, todo desengonçado dançando com a Amanda, senti um calafrio e um aperto no peito. Era melhor me afastar dessa lembrança.

De repente vi uma loira apoiada no balcão do bar a uns três metros de mim que me parecia familiar.

Não acreditei, esfreguei as mãos nos olhos e olhei novamente para ver se realmente era quem eu estava vendo. Ela estava de salto altíssimo preto, microssaia jeans e blusinha branca.

Roupa parecida com as das amigas do Japa, meu consciente observou.

Ele mandou meu consciente se calar.

Era a Marcela de Maresias e estava ainda mais gostosa do que oito anos atrás.

Ela deve estar na categoria das patricinhas. Meu consciente ficou na dúvida.

O Japa viu aquilo, veio na minha direção e disse apontando para Marcela.

— Você não acabou de me contar que pegou a Luana do colégio... quero ver você pegar aquela loira gostosa parecida com a Pâmela Anderson. — Ele desacreditou.

Fingi que não a conhecia e disse que ia tentar conquistá-la.

Flash back não vale. Meu consciente reprovou.

Vale sim! Ele gritou.

— Te pago uma puta se você conseguir pegar. — Japa também me desafiou, sem saber que eu já a conhecia.

— Apostado — eu disse apertando sua mão.

Me apresentei e Marcela teve um pouco de dificuldade para se lembrar de mim.

Demorou um pouco para ela recordar o meu nome e de tudo que tinha se passado conosco na praia.

— Eu lembro que você saiu fugido de lá — Marcela disse rindo.

— Mas foi por uma boa causa — falei a pegando pela cintura.

Não demorou muito para eu beijá-la ali mesmo, deixando o Japa boquiaberto.

Essa aposta eu vou cobrar.

Rapidamente retirei a Marcela do bar e a encostei em um pilar próximo dali.

Vi que ela estava bêbada e comprei um energético para ficarmos mais acordados e curtirmos a noite por mais tempo. Continuamos conversando e ela me atualizou de sua vida. Não estava mais com Diego desde aquela época e agora era modelo de marcas de biquíni.

Ela estava linda de minissaia e ele já estava mais do que ereto.

— Vamos sair daqui — falei em seu ouvido.

— Pra onde? — ela me perguntou.

— Pra qualquer lugar fora daqui.

— Deixa-me pegar minha bolsa na chapelaria.

Fui com ela e aproveitei para pegar meu capacete.

Após sairmos da chapelaria, Marcela pediu para ir ao banheiro. Foi o tempo que eu precisava para avisar o Japa que iria sair com Marcela dali.

Ele ficou mais eufórico do que eu.

— Pra onde você vai levá-la? — ele perguntou quando de repente Marcela chegou me pegando pela cintura e falando no meu ouvido:

— Vamos?

Impagável a cara do Japa nesse momento. Cumprimentei-o e sai.

A fila para entrar no Love Story parou para ver Marcela subir de minissaia na garupa da minha moto.

Com o capacete no cotovelo e destino traçado em minha cabeça até o motel Astúrias, fui surpreendido mais uma vez com a voz de Marcela no meu ouvido:

— Vamos pra minha casa.

Rápido!, ele ordenou.

Cheguei em sua casa no Tatuapé em menos de quinze minutos e meu consciente estava todo borrado.

Me sentei no sofá e Marcela se ajoelhou na minha frente.

— Vamos voltar ao passado — ela disse desabotoando minha calça.

Me lembrei exatamente da cena da Marcela me chupando na casa da praia.

E como não lembrar?

Tudo exatamente igual. Aquela bunda empinada, aquele cabelo loiro sobre ele, mas a diferença fundamental era que não havia a pressão de sermos pegos e isso fez com que eu curtisse mais.

Que bom que ela tinha ficado sóbria e estava curtindo.

Estava quase gozando, mas queria mais, então puxei seu cabelo para olhar no seu rosto, Marcela me olhou e eu disse:

— Agora eu quero te chupar.

Marcela fez que não com a cabeça e disse que estava menstruada.

Putá azar!, ele ficou inconformado.

Não sabia se teria outro *flashback* com Marcela e essa oportunidade eu não poderia perder. Talvez

precisasse esperar mais oito anos para reencontrá-la e isso eu não queria.

Chegou a hora do grande teste, meu consciente me lembrou.

Levantei-a pela mão e falei retirando a embalagem do bolso:

— Tudo bem, eu tenho camisinha.

Marcela retirou minha camiseta e eu a dela, depois tirei seu sutiã.

Seu corpo era realmente espetacular, talvez o melhor que eu já tivesse visto.

Marcela tirou sua minissaia enquanto eu tirei minha bermuda e minha cueca.

— Deixa-me ir ao banheiro antes — ela pediu.

Com a boca seca, resolvi beber água.

Estava em pé na cozinha nu e ereto bebendo água para matar minha sede e me acalmar, quando Marcela entrou na cozinha nua com a embalagem de camisinha na mão.

— Você esqueceu isso lá no sofá.

Meu coração acelerou ao ver aquele corpo maravilhoso nu, vindo em minha direção. A boca secou de novo quando vi Marcela rasgando a embalagem com os dentes e pegando a camisinha com a mão.

Ela me beijou na boca e senti seu seio perfeito tocar meu peito. Com certeza ela sentiu meus batimentos cardíacos e minha ereção.

Marcela colocou a camisinha na ponta da cabeça dele e começou a desenrolar bem devagar, ainda me beijando na boca.

Quando ela desenrolou até o final, levantei-a pela bunda e a coloquei sentada no balcão. Inclinei seu corpo um pouco para trás a fim de beijar aqueles belos seios, enquanto ela apoiava seus pés na geladeira do lado oposto.

Fui penetrando devagar e percebi ela bem molhada. Não sabia se era de tesão ou da menstruação, mas Marcela estava totalmente lubrificada e isso era o que importava.

A camisinha me ajudou a demorar e ali ficamos até ela cansar. Mudei Marcela de posição. Coloquei-a de costas para mim e afastei suas pernas.

Ela se apoiou com o antebraço onde antes ela estava sentada. Penetrei-a por trás e continuei penetrando forte até gozar.

Além de ter feito as pazes com a camisinha, pensei que talvez pudesse estar de volta e a vida finalmente iria sorrir para mim.

DESPEDIDA DE SOLTEIRO 2 — 20 DE FEVEREIRO DE 2003

Para pagar sua promessa, o Japa falou que me levaria ao Conexão. Estava mais do que na hora de conhecer um puteiro e combinei de ir até lá junto com o LP. Era o segundo dia de comemorações da despedida de solteiro do meu irmão. Sentia que talvez estivesse exagerando na vida de solteiro e baladeiro, mas como a única opção era ficar em casa lamentando a perda de Amanda, me convenci de que estava no caminho certo.

Nos encontraríamos com o meu irmão, com o Tripé e o Gordo na porta para entrarmos todos juntos, mas na última hora o Tripé não apareceu. Acho que ele não quis se encontrar com o LP, atual namorado da sua ex, a Flávia.

O Conexão era exatamente como sempre imaginei.

Havia dois seguranças na porta que mais pareciam dois armários. Estavam em ternos impecáveis e nos revistaram, dando as boas vindas.

— Boa noite senhores, sejam bem-vindos e divirtam-se — disseram com ar intimidador que mais

parecia:

Divirtam-se, mas se fizerem alguma merda lá dentro, lembrem-se que nós estaremos na porta ao saírem.

Entramos no estabelecimento que tocava alto “Family Affair”, da Mary J. Blige.

O salão era grande de piso branco e luzes de neon cobriam o ambiente. No fundo havia um palco para apresentações com um poste no centro que ia do teto ao chão, o famoso poll dance.

Lateralmente havia um balcão que percorria todo o salão, era o bar com alguns bancos e do outro lado do salão havia mesas baixas e poltronas.

Em uma delas vi o Japa, com uma puta em cada colo. Ele logo as apresentou para nós. Kelly era uma loira de aproximadamente um metro e setenta que passava de um metro e oitenta e cinco com um salto plataforma branco. Estava com uma calça de lycra branca que marcava sua coxa grossa e sua bunda sensacional. Na parte superior do corpo só vestia um sutiã meia taça branco que exibia seus fartos seios e seu abdômen definido.

Muito gostosa!, ele aprovou.

Já eu não sabia para onde olhar.

Já Michele era uma morena linda de olhos azuis bem magra e de baixa estatura. Vestia uma minissaia de couro e botas pretas que passavam da altura dos seus joelhos. Com uma camiseta branca cortada na metade, mostrava seus ouriçados e pequenos seios sem sutiã.

Como é gata!, ele também aprovou.

As duas nos beijaram no rosto e Michele me abraçou pela cintura, Kelly abraçou LP.

— Sentem e tomem um uísque comigo — Japa convidou levantando o braço, chamando mais duas putas que estavam no balcão.

Começamos a lembrar nossos tempos de colégio.

Lembrei que o Japa já frequentava aquele tipo de lugar desde quando seu pai o levou para perder a virgindade, ele era cliente antigo.

Vieram mais duas putas até nós:

Monalisa era outra loira, mais bonita, menos malhada. Tudo proporcional, vestia um vestido tomara que caia vermelho justíssimo que ia da metade do seu seio até a metade de sua coxa.

Rosana era uma mestiça linda, queimada de sol, estatura mediana de cabelos lisos escorridos até a cintura. Estava de salto alto fino preto, uma calça jeans agarrada de cintura baixíssima que exibia a marca de seu biquíni e sua boa forma.

Usava também um top preto que realçava seus fartos seios. ELE estava no paraíso.

Cada uma sentou no colo de um e Japa ficou sem nenhuma, rindo.

Monalisa se sentou no colo do LP, Kelly no do meu irmão, o Gordo me pediu para ficar com a Michele.

— Claro que pode.

Na verdade, eu queria mesmo ficar com Rosana, nunca tinha experimentado uma oriental.

Ficamos conversando e bebendo uísque na mesa.

— LP, é verdade que o PH pegou a Luana do colégio? — Japa ainda não acreditava na minha história.

— Pegou! — LP confirmou o que eu disse no dia anterior.

— Você lembra quando ele comeu a Kátia em Porto Seguro?

Achei que não era a melhor hora pra desmentir.

— Lembro — LP respondeu, prestando mais atenção na Monalisa.

— Ela era a mais gostosa do colégio! — Japa lembrou mexendo seu uísque, que tilintava de gelo.

— A Luana era melhor — LP opinou com ciúmes.

O assunto logo voltou para o casamento do meu irmão.

— Quando é o casamento? — Japa perguntou.

— Caso no sábado! — meu irmão respondeu.

— Então ainda temos mais dois dias de despedida!

Demos risada, mas Japa continuou.

— Eu não estou brincando!

— A Renata me mata — meu irmão afirmou.

— Mas agora vamos fazer uma homenagem ao noivo — Japa disse chamando Kelly e cochichando em seu ouvido.

Ela pegou meu irmão pela mão, puxou-o para o palco e sentou-o em uma cadeira. O DJ aumentou o som que tocava Usher.

Tô estava gostando, mas se assustou quando Kelly tirou sua camiseta.

Eu não acredito que ela vai fazer isso. Pensei depois de ver ela tirando seu tênis e sua meia.

Ela pediu para ele se levantar e tirou sua calça.

Com alguma resistência ela tirou sua cueca e ele se sentou totalmente nu.

Me lembrei na mesma hora o dia em que servi de cobaia para a dra. Patrícia ensinar seus alunos no hospital.

Coitado. Meu consciente ficou com dó.

Começou uma aglomeração em frente ao palco quando Kelly começou a tirar a roupa.

Tirou a calça de lycra ficando apenas de calcinha e sutiã meia taça.

Conforme a música tocava ela rebojava no colo do meu irmão, mas com toda aquela torcida, Tô não se animava.

Ela tirou o sutiã e sentou em seu colo de frente para ele.

O DJ pedia pra todo mundo gritar:

— Sobe, sobe, sobe!

A pressão só aumentava e nada de ele se animar.

Japa dava risada.

A música acabou para alívio de Tô. Por fim, Kelly, recolheu as roupas do palco, pegou-o pela mão e subiu para o quarto.

LP também resolveu subir para o quarto com a Monalisa, e Gordo com a Michele.

Procurei pelo Japa, mas ele desapareceu no meio da aglomeração.

Nesse momento, Rosana, que estava abraçada comigo, falou ao meu ouvido, passando a mão sobre minha calça, percebendo minha ereção por causa da performance de Kelly:

— E nós, não vamos subir, tô louca pra transar com você!

— Como funciona? — perguntei, afinal eu tinha uma ideia de como funcionava, mas não sabia os detalhes.

— Você me dá sua comanda, eu levo na recepção e pego a chave pra gente subir.

— E quanto custa?

— Trezentos reais pra mim e cem reais do quarto.

— Só tem um problema... — Procurei novamente pelo Japa, para que ele me pagasse a aposta, mas não o encontrei.

Vai logo! Ele me apressava.

Ele deve ter subido com alguma puta também. Meu consciente decifrou.

Dei minha comanda para Rosana, que em seguida me puxou pela mão.

Depois eu cobro a aposta.

Mesmo sendo um programa pago, comecei a sentir meu coração acelerar e estranhei.

Achei que com profissionais iria ser diferente, mas não foi.

Rosana me puxava pela mão e eu a olhava por trás com desejo.

Sua calça jeans apertada, cabelos até a cintura e a marca de queimado do seu biquíni me deixava com tesão.

Entramos no quarto e ela logo tirou a roupa. Perguntou se eu queria ajuda com a camisinha.

Logicamente, aceitei.

Rosana ligou o som que tocava Shakira e eu me despi e sentei na cama.

Ela pegou uma camisinha e veio em minha direção.

Começou a chupá-lo e colocou a camisinha desenrolando bem devagar com a boca.

Profissional!

Rosana sentou-se no meu colo de frente para mim e me empurrou contra o colchão. Fiquei ali parado apreciando o cavalgar de Rosana e o balançar maravilhoso de seus seios.

Ele sugeriu e eu pedi:

— Quero comer você de quatro.

Rosana se virou e eu me encaixei por trás.

Ela se mexia e gritava a fim de me excitar e ver se acabava logo com aquilo, mas com a camisinha, demorei para gozar.

Estava contente em ter conhecido um puteiro de uma forma tão prazerosa, mas esse prazer não era completo pelo fato de não ter sido conquistado, e sim comprado.

Você precisa provar que consegue conquistar.

CASAMENTO DO TÔ — 22 DE FEVEREIRO DE 2003

Dois dias depois, chegou o dia do casamento do meu irmão. Achava que as experiências com o Japa teriam me animado, deixado convencido sobre a felicidade da vida de solteiro. Mas vendo o Tô e a Renata subindo ao altar, tive uma leve dor no coração ao me imaginar lá com Amanda.

Fiquei cabisbaixo e pensativo durante a recepção. Nanda veio sentar comigo e perguntou:

— O que você tem? Nunca te vi assim antes, sua olheira está péssima.

Disfarcei: — Nada, só cansado das despedidas de solteiro. Escuta, você teve notícias da Amanda?

Por uma coincidência do mal, nesse exato momento minha mãe tinha sentado à mesa e perguntou:

— É mesmo, adoro essa menina, como ela está? Não acredito que você terminou com ela, filho!

Nada teria me preparado para a resposta de Nanda.

— Ela está ótima, Mike pediu ela em casamento, acredita! Eles virão para o meu no ano que vem.

Minha mãe e Nanda começaram a fofocar sobre casamentos e usei isso como desculpa para me retirar. Comecei a rever minha vida e relembrar os momentos ruins que passei.

Em Porto Seguro perdi a oportunidade de perder a virgindade com Kátia. Culpa da maconha e do lança-perfume.

Mais tarde cheirei cocaína e ele se machucou. Depois veio o medo da aids.

Mas de todos os momentos difíceis, os piores estavam relacionados a Amanda:

Primeiro quando seu pai proibiu nosso namoro.

Depois quando por burrice terminei com ela. Fiquei com Verônica, mas aquilo acabou naquela situação desagradável com seu marido. E para piorar tudo, agora ela estava noiva.

Merda!

Quanto a Amanda eu não tinha o que fazer, mas de resto eu poderia mudar.

Mas mudar de verdade. Parar de só fazer promessas e passar a cumpri-las.

Nunca mais vou beber.

Mas não era só isso. Estava sozinho com quase trinta anos, acomodado no trabalho, pedindo emprestado o carro dos meus pais e ainda morando com eles.

Era hora de sair de casa, alugar meu próprio apartamento, aceitar a proposta do LP e começar meu próprio negócio.

Era o fim das baladas, das drogas, das bebida e das putas.

Comecei a mudança vendendo minha moto e comprando meu primeiro carro. Um Golf prata. Procurei ter uma vida normal.

Após um longo período sem exercícios, voltei a correr e comecei a fazer tardiamente aula de dança.

Japa vivia me convidando para sair, queria pagar aquela tentadora aposta, mas o evitava veementemente, pois sabia aonde ele queria me levar.

Um dia ele e o LP me convenceram a participar de mais um reencontro com os amigos do colégio.

O local escolhido foi o restaurante Bar das Artes, no bairro do Itaim Bibi. Seria bom para me divertir e rever amigos. Não haveria tentações, desta vez eu não fugiria.

Algumas pessoas não puderam comparecer, outras levaram maridos ou esposas e filhos. Eu fui sozinho com o Japa.

Não deixava de ser um pouco triste.

Chegando lá vi LP e Flávia. Perguntei sobre Amanda:

— Ela está muito bem com o Mike!

O reencontro parecia uma festa de confraternização de empresa. Fiquei preocupado em reencontrar Kátia de Porto Seguro, mas ainda bem que ela foi uma das que não apareceu.

Não sei como iria encará-la mesmo tanto tempo depois.

Quanto a Luana achei que ia ser mais difícil, mas não foi.

Quando seu marido foi ao banheiro ela se aproximou empurrando um carrinho de bebê e me apresentou seu filho de poucos meses. Ele tinha olhos azuis lindos iguais aos da mãe. Tentei calcular, mas Luana me acalmou vendo minha cara de preocupado.

— Fica tranquilo, não é seu!

Dei um sorriso sem graça e falei: — Me desculpe por tudo.

Antes que ela pudesse responder, seu marido chegou e estendeu a mão, se apresentando:

— Prazer, Vitor.

— Prazer, Pedro.

Nos sentamos distantes em uma mesa enorme. Pedi um suco de tomate e percebi que Luana me olhava às vezes do outro lado da mesa, mas preferi desviar meu olhar. Estava determinado e meu consciente me ajudava: *Chega de confusão.*

DEPOIS DA TEMPESTADE — 18 DE SETEMBRO DE 2004 — VINTE E NOVE ANOS

A LPH engenharia e arquitetura estava indo bem.

O escritório ficava na Berrini, então aluguei um pequeno apartamento ali perto, no Brooklin.

Realmente estou ficando velho.

Por outro lado, a calma dos novos tempos estava me dando uma sensação de segurança.

Um ano e meio após o casamento do Tô, Nanda ia se casar.

Mas diferentemente do simples casamento do Tô, o casamento de Nanda era cheio de luxo.

Ela cuidava de todos os detalhes, assim como fez na sua festa de quinze anos.

O casamento seria um evento para cerca de quatrocentas pessoas, mas a despedida de solteiro do Edu era extraoficial e eu achei melhor faltar.

Passei na casa da minha mãe antes do chá de panela, após ser convocado pela minha irmã.

— Você precisa me ajudar!

— Sim, foi por isso que vim. O que você precisa?

— Que você seja meu padrinho de casamento.

— Pensei que você não iria me convidar, já estava até estranhando... Com a Raquel?

— Não! Mike não vem pro meu casamento, preciso de um par para Amanda.

Fodeu!

— E por que justo eu?

— Porque eu sempre te ajudei, agora é a sua vez de me ajudar!

— O.k. — não tinha argumentos para negar.

Amanda foi a única namorada que você amou. Meu consciente gritava e me perguntava: Por que Mike não veio?

CASAMENTO DA NANDA — 25 DE SETEMBRO DE 2004

De meio fraque cinza, todos os padrinhos estavam alinhados do lado de fora da igreja. Era bom estar inteiro no casamento da Nanda depois de tudo o que aconteceu às vésperas das bodas do Tô.

Mesmo assim meu estômago estava embrulhado, e meu consciente puto.

Você é um lixo, ele reclamava.

Por que não conseguia ser feliz? Meu escritório ia bem, e estava ganhando uma boa grana. Morava num apartamento legal, num bairro bom, e tinha uma namorada que, se não era fantástica, me amava. Estava comendo melhor, vivendo melhor, não bebia mais e tinha perdido oito quilos depois que voltei a me exercitar.

Por que não posso simplesmente curtir?, perguntava ao meu consciente.

A resposta estava ao meu lado.

Amanda estava maravilhosa, mas tão nervosa que parecia que era ela quem iria se casar.

A concorrida igreja São José, onde aconteceria o casório, era pequena e estava lotada, muita gente em pé.

Conversando com Amanda, não demorei a perguntar:

— Por que o Mike não veio?

— Estamos dando um tempo!

Não sabia o que dizer.

— Gostei da Raquel — Amanda falou desviando do assunto.

— Ela é legal.

— A Nanda disse que é melhor que a sua ex.

— A Nanda não ia com a cara da Luana.

— Ela disse que ela era uma perua!

— Nanda exagera.

— Pior que a Cintia não devia ser.

— Vamos esquecer minhas ex — disse sorrindo, sem me tocar que Amanda era uma delas.

Amanda segurou no meu braço, e ao passarmos pela grande porta, entrando na igreja, olhei para ela, que me retribuiu o olhar com um sorriso lindo.

Sob a cúpula, a imagem do céu parecia nos abençoar.

Após a cerimônia nos dirigimos até um antigo galpão na Barra Funda todo decorado para a festa.

Nanda se superou. Cada detalhe foi pensado, desde as velas dentro de pequenos vasos quadrados de vidro pendurados formando um corredor por onde os convidados passariam, as hortênsias, a enorme mesa de doces... Tudo pensado, elaborado e cuidado com esmero.

Os convidados iam entrando e eram recepcionados e levados aos seus lugares devidamente marcados, enquanto os padrinhos aguardavam na entrada para a sessão de fotos.

Entre um flash e outro perguntei baixo pra minha irmã:

— Que história é essa da Amanda dar um tempo com o Mike?

— Eles brigaram... — Nanda respondeu sem tirar o sorriso de foto do rosto.

Após as fotos, insisti no assunto com Amanda:

— Me explica direito essa história de dar um tempo.

— Deixa pra lá...

— Se eu estivesse no lugar dele eu não faria isso! — desabafei.

Ela me olhou profundamente.

— Mas você fez — Nanda respondeu secamente, indo para a foto com outro par.

Era verdade. Mas machucava.

— Tenho uma coisa pra você — disse pra Amanda tirando minha carteira do bolso.

— O que é?

Abri minha carteira e entreguei a carta que guardava havia muito tempo.

Amanda abriu a carta e me repreendeu:

— O que significa isso?

— É a carta que você me escreveu.

— Isso eu sei, mas por que você está me devolvendo?

— Eu não sei.

Amanda dobrou a carta novamente e me entregou.

— Ela é sua, eu te dei!

Sem jeito, a guardei meio amassada no bolso da calça.

Depois de toda sessão de fotografia, entramos aos pares no salão e ficamos aguardando a noiva atrás da mesa do bolo.

Nanda e Edu entraram ao som de Bon Jovi e começaram a dançar “Bed of Roses”.

Quando começou a tocar “Always”, era a vez dos padrinhos dançarem.

Amanda se surpreendeu:

— Onde você aprendeu?

— Andei treinando um pouco...

Ficamos dançando junto com os outros padrinhos, os noivos e os pais dos noivos.

Eu e Amanda formávamos um belo par, e dançávamos com entrosamento ímpar, como se tivéssemos treinado cada passo durante toda a vida.

E, de certa forma, tínhamos mesmo.

— Estão todos olhando pra nós... — Amanda observou.

— E qual o problema? — perguntei sorrindo.

— Nenhum, só é um pouco estranho. — Ela também sorriu.

Eu não queria parar. Deixei de dançar com ela muitas vezes por não saber, e agora queria aproveitar o máximo que pudesse.

A música terminou e uma salva de palmas tomou conta do salão.

O jantar foi servido ao som de jazz. Comi bem, mas não bebi, apesar das muitas opções. Durante quase toda a festa fiquei sentado fazendo companhia para Raquel na mesa.

Após servirem a sobremesa, o DJ começou a tocar músicas antigas, como “Perfect Lover”, e aos poucos a pista foi enchendo.

Amanda dançava sozinha, até que um convidado que eu não conhecia a abordou. Aquilo me deixou louco de ciúmes.

Não era pra eu estar sentindo isso, refletia me punindo.

Passou um garçom servindo Black Label e achei que uma dose não me faria mal.

Aquela dose me ajudaria a esquecer.

O casamento pra mim terminou ali.

Não quis ficar até o final da noite.

Chegando ao apartamento, tirei a roupa, escovei meus dentes e deitei na cama só de cueca, pensando se Amanda e o convidado tinham ficado juntos.

Demorou muito para o sono chegar. Estava com a cabeça na festa, no meu ciúme e na Amanda.

Amanda retornou aos Estados Unidos, ela veio só para o casamento da Nanda e eu voltei à vida sem ela. Fiquei pensando a semana toda sobre o fato de que Amanda me deixava feliz.

Estava mais do que na hora de falar isso pra ela.

Procurei por Amanda no meu Orkut e comecei a escrever tudo o que eu sempre quis dizer:

Amanda, desde o casamento de Nanda você não sai da minha cabeça.

Na verdade você nunca saiu!

Eu te amo, sempre te amei.

Quero estar do seu lado sempre, sinto muito a sua falta.

Mas antes de mandar, olhei seu perfil. Onde antes aparecia “solteira”, agora estava “namorando”.

Que porra é essa?!

Olhei alguns scraps e percebi que ela tinha reatado o namoro com Mike.

Fiquei muito tempo olhando aquela página da internet. Remoendo a ideia.

Foda-se, ele não entende português mesmo!

Olhei pra tela e com o mouse levei a seta até “enviar”.

Coragem!

Respirei fundo e cliquei.

Todos os dias a primeira coisa que fazia era ligar meu computador e abrir meu Orkut na esperança de ver uma resposta de Amanda. Nada.

Absolutamente nenhuma resposta.

E os dias foram passando.

Tinha vontade de escrever de novo, mas ao mesmo tempo me lembrava do que minha irmã e Flávia me falaram anos atrás: *Você não tem direito de atrapalhar o futuro dela.*

Comentei com o Japa que não conseguia parar de pensar em Amanda e ele me desestimulou de ir atrás dela.

— Esquece a Amanda, você precisa sair.

DEPOIS DA BONANÇA — 15 DE DEZEMBRO DE 2004

Meses se passaram sem uma resposta de Amanda. E nada parecia me fazer feliz. Não estava mais namorando, não estava mais comendo, parei de correr e pouco saía de casa. Ia ao trabalho apenas para cumprir horário, era sempre o último a chegar e o primeiro a sair.

O LP chegou a me reprimir.

— O que está acontecendo contigo, cara?

É melhor não falar nada para ele, meu consciente sugeriu.

— Não é nada — desconversei.

Mas LP me conhecia havia tempo demais para acreditar naquela história. Preocupado, sugeriu que tirasse um tempo de férias.

— Vai viajar — ele falou.

Mas eu não tinha vontade de viajar.

Estava profundamente deprimido e desgostoso da vida. Passava as noites no computador olhando o Orkut de Amanda e acompanhando de longe seu relacionamento com o Mike.

O babaca do Mike.

Ou seria o babaca do PH? Meu consciente não ajudava.

Um dia a campanha tocou.

Era o Japa.

— Cara, bem que o LP me falou.. você está péssimo — ele disse.

— Pois é.

— Você precisa sair.

Ele se animou.

Finalmente concordei quando ele me propôs pagar aquela antiga aposta com uma prostitutas daqueles sites que ele sempre me falava a respeito.

Topei sem ter muita consciência do que estava fazendo, mas eu não tinha nada a perder.

Liguei o computador e o Japa se colocou na frente da tela. Após abrir a página da internet, ele me mostrou as fotos de várias garotas, todas sensacionais, mas uma me chamou a atenção por um outro motivo.

Bárbara era o nome falso da verdadeira Isabel, a menina religiosa que namorei anos atrás.

Melhor não comentar.

Analisei bem as fotos e tive certeza que era ela, apesar das muitas mudanças.

Uma curiosidade enorme tomou conta de mim.

Apontei para a foto: — Essa daqui!

— Deixa que eu cuido de tudo — ele se prontificou.

Na hora marcada cheguei ao flat de Isabel. A recepcionista me anunciou e pediu para eu esperar.

Alguns minutos se passaram até vir a permissão para eu subir.

Bati no número indicado e a porta se abriu:

— Desculpe eu fazer você esperar, estava no...— ela parou a frase no meio ao me ver parado na porta.

— Isabel!?

Isabel estava só de calcinha e com um baby-doll transparente que deixava à mostra todo o seu maravilhoso corpo.

Ela me olhou surpresa nos olhos e pigarreou.

Com um olhar triste e tom de voz frio disse:

— Meu nome é Bárbara! Isabel morreu faz tempo.

Um sentimento bom do passado voltou em mim, mas com Isabel não parecia ter sido tão bom assim.

Ela se virou entrando no flat, deixando a porta aberta para eu entrar, fazendo com que eu olhasse sua bunda e sua tatuagem na lombar.

Essa tatuagem ela não tinha mas com certeza é ela. Meu consciente constatou e ele se animou.

Isabel estava muito diferente do que quando eu a conheci. Os cabelos viraram loiros, os seios ficaram grandes, mais encorpada, mais produzida, mais mulher, mais... puta!

Como ela veio parar aqui? Como ela está gostosa. Ele gostou.

— Você é o amigo do Japonês?

— Sim.

— Então vou te tratar bem!

— Você não se lembra de mim?

— Nunca iria me esquecer de você, Pedro!

Seu olhar e o tom de voz continuavam frios. Não sabia o que dizer, meu consciente fugiu.

Silêncio.

Isabel quebrou o silêncio dizendo que o Japa era um ótimo cliente e começou a tirar minha roupa.

Depois de me sentar na cama, ela se ajoelhou e começou a me chupar.

Através do espelho do quarto conseguia ver a bunda maravilhosa de Isabel.

Parecia que o tesão de anos se acumulou.

Foi muito mais rápido do que imaginava, gozei. Nunca havia gozado tão rápido assim.

— Já? — ela perguntou.

— É que você é muito gostosa — estava envergonhado e disfarcei.

— Por isso te chamavam de Coelho — Isabel disse com um tom sarcástico, começando a se vestir.

Aquilo me irritou tanto quanto quando me chamavam de Cabaço.

Meu consciente reapareceu salvador:

— Ainda temos muito tempo, não é uma hora?

Isabel me olhou com um olhar neutro e balançou a cabeça concordando.

Fui até o banheiro e quando voltei vi Isabel deitada de bruços na cama mexendo no celular.

Deitei ao seu lado e um silêncio perturbador se instalou novamente no ambiente.

Após alguns minutos não aguentei de curiosidade e perguntei:

— Como você veio parar aqui?

Isabel me olhou de canto de olho e respondeu lacônica:

— É uma longa história...

— Liguei pra você naquela época e sua mãe me disse que seu pai te expulsou de casa e você se abrigou na casa de uma tia.

— Foi a pior coisa que eu já fiz — Isabel disse com raiva em seu tom de voz.

Meu consciente achou melhor não me aprofundar no assunto. O que aconteceu depois estava bem ali, ao meu lado, nua para eu ver.

Isabel se transformou nesses anos que se passaram, não era mais aquela menininha religiosa que tanto tinha desejado havia muitos anos atrás.

Meu sonho de consumo do passado agora estava bem ali ao meu lado, nua de bruços, muito mais gostosa do que antes.

Isso fez com que ele se animasse novamente.

Passei a mão em sua bunda e Isabel me perguntou:

— Já está pronto?

Apontei para ele, mostrando para ela minha ereção e fazendo sim com a cabeça.

Tentei beijá-la na boca mas Isabel desviou.

Caramba, não sobrou sentimento nenhum! Meu consciente não gostou.

Profissionalmente, Isabel pegou uma camisinha na sua bolsa enquanto eu me deitei de costas e cruzei os dedos atrás da minha cabeça esperando.

Ela colocou a camisinha com a boca com ele aprovando.

Isabel então pegou um gel que estava em sua bolsa, passou em seu sexo, ficou de cócoras de frente pra mim, encaixando-se perfeitamente.

Ela começou a se mexer bem devagar, e eu passei minhas mãos em seus grandes seios.

Com certeza são de silicone!

Isabel continuava a se mexer, e mexia muito melhor do que antigamente, ela também começou a gemer.

Isso estava me dando mais tesão, então meu consciente me mandou afastar meus pensamentos dali para não gozar rápido novamente.

Comecei a me lembrar do sr. João correndo atrás de mim, mas a situação não mudou.

Tentei então fechar os olhos, mas não adiantou.

Vou gozar!

Isso não era gozar, mas queria aproveitar. Aproveitar tudo que não pude com ela antes.

Então num movimento brusco, empurrei Isabel de cima de mim.

— O que foi? — ela perguntou sem entender.

— Quero comer você de quatro.

— Calma, era só pedir — Isabel disse secamente.

Essa foi por pouco. Meu consciente reconheceu.

Isabel se virou e ficou de quatro, e comecei a penetrá-la por trás.

A visão de sua bunda era sensacional, então fechei os olhos e fui bem devagar.

Diminui ainda mais a velocidade até parar. Não queria gozar. Quando parei, Isabel começou a se mexer.

Assim eu não vou conseguir segurar.

Pedi então para Isabel fazer devagar.

Isabel acelerou e a vontade voltou.

Parecia que Isabel queria acabar logo com aquilo.

Se continuasse ali mais um minuto iria chegar ao fim.

Sabia que não iria aguentar mais muito tempo, então tirei ele de dentro do seu sexo. *Ufa!*

Deitei de costas novamente e pedi para ela se encaixar de costas para mim.

Isabel, um pouco contrariada, se ajeitou como pedi, e começou a rebolar.

Deitado com os dedos entrelaçados atrás da minha cabeça, tinha a visão do paraíso.

Isabel ajoelhada encaixada totalmente.

Via seus cabelos loiros lisos descendo até a altura de sua lombar, onde estava uma tatuagem tribal que antes ela não possuía.

Logo abaixo empinada, estava aquela bunda maravilhosa se mexendo.

Não ia conseguir mais, levantei meu tronco rapidamente e abracei segurando seus seios.

Isabel acelerou e me pediu.

— Vai, goza logo!

Obedeci na mesma hora, cravando meus dentes em seu pescoço.

Após colocar a roupa e me despedir, Isabel fez sinal de cobrança esfregando o polegar no indicador:

— Você não esqueceu de alguma coisa?

— O quê? — perguntei.

— Meu pagamento! — Isabel exclamou.

— Não pode ficar pelos velhos tempos?

— Preciso pagar minhas contas, além do mais, quem vive de passado é museu.

Não precisava ser grossa!

— Mas o Japa não deixou pago? Ele estava me devendo!

— Não! — Isabel mudou o semblante.

— Então pode cobrar dele!

— Pode deixar que eu vou cobrar, e caro.

Fiquei muito chateado em ver como Isabel se transformou. Não sobrou nenhum sentimento em relação a mim.

De alguma forma, aquilo não me saía da cabeça, e eu não conseguia entender o porquê.

Ficar de férias em casa não estava me ajudando. As bebidas que por tempos evitei, estavam bem ali, na cristaleira, prontas para me ajudar a entender.

Se não podia ter Amanda, de que valia aquele celibato imposto? E de que valia a vida? Pouco me importava agora beber, cheirar ou fumar. Não tinha motivo para me preocupar com acidentes. Eu queria viver. E Japa, de sei jeito torto, sabia como me trazer de volta à vida. Foi ele que levou a maconha para eu poder viajar.

Na frente da tela do computador com um baseado na mão e um cognac no copo, passei mais uma vez pelo Orkut sem obter nenhuma novidade, entrei novamente no site que o Japa me apresentou.

Fiquei olhando as fotos da Bárbara e tentando entender tudo que se passou numa longa viagem no tempo.

Por quê?

Analisei as fotos novamente e busquei as lembrança no passado.

Rolei o mouse para baixo e vi o número para contato.

Não sei se é uma boa ideia, meu consciente tentou me alertar.

Queimei a ponta do dedo num último trago. Engoli o resto da bebida e peguei o telefone. Enchi a cara um pouco mais, até já não conseguir falar direito e, por mais que tentasse esquecer, Amanda ainda estava em algum lugar no fundo da minha mente.

Ele ria. Meu consciente, nem tanto.

Liguei para Bárbara e chamei por Isabel.

— Pedro?

— Pois é — digo, me perguntando: *Como que ela sabe que sou eu?*

— Puxa vida, que bom que você ligou. Eu estava pensando em você...

Meu consciente, embalado pelo cognac, dá um arrepio.

Ele se vangloria.

Somos inesquecíveis.

— Nosso último encontro foi tão esquisito — despisto.

— Pois é. Mas acho que outro pode ser muito, muito melhor — ela diz.

— Ah, é? — me animo.

— Sim. Eu estava meio travada aquele dia. Te ver depois de tantos anos...

— Eu percebi — falei secamente.

— Desta vez vou estar bem soltinha... — prometeu.

— ... mas vamos antes em outro local, temos muito o que conversar — Isabel parecia mais simpática.

Isabel me passou o endereço de um bar na Vila Madalena para nos encontrarmos dali duas horas. Então resolvi tomar um banho gelado e um Engov, para acabar com meu fogo, me arrumei e comi para não me bater a larica. Só depois parti para nosso encontro.

Ainda estava bêbado, mas nem tanto. Naqueles últimos dias tinha dirigido em condições bem mais deploráveis.

Cheguei ao bar, procurei por ela e recebi uma mensagem no celular:

— Pedro, querido, estou um pouco atrasada mas estou a caminho.

Meu consciente bêbado sorriu.

Só desejava estar mais sóbrio na hora que ela chegasse, então encostei no balcão e pedi uma Coca-Cola, quase que despercebido.

Isabel chegou logo em seguida. Meus olhos saltaram ao vê-la entrar no salão.

De calça jeans apertada, salto alto preto, camisa justa branca sob um colete de couro preto, Isabel definitivamente não era a mesma. Seu jeito de andar determinada, com o nariz empinado, cabelos loiros soltos, passadas largas e um gingado sensual, nada parecia com a menina religiosa que conheci.

Cabeças viravam para ver a bunda de Isabel quando ela passou e, ao encostar ao meu lado no balcão, a sensação era que todos olhavam na sua direção.

Ela pediu uma vodca e eu a acompanhei.

Pouco falamos antes de nos beijarmos como antigamente.

Agora sim! Ele sorriu.

Estava com saudades daquelas sensações.

Com uma mão puxei-a pela cintura e com a outra segurei seus cabelos.

O clima esquentou tanto que também passei a ser o centro das atenções.

Não sabia direito se olhavam para a beleza de Isabel, que por si só já chamava a atenção, ou se era o fato de estarmos nos pegando com vontade.

Queria sair daquele local, então não hesitei quando Isabel sugeriu:

Vamos sair daqui?

Segui Isabel por vinte minutos até a entrada de um motel.

Já estive aqui.

Meu consciente se lembrou de Cintia, da camisinha.

Olhei bem para o relógio: duas e meia.

Dei meu documento para a recepcionista e voltei a seguir o carro de Isabel.

Ao chegarmos na suíte, ela deixou que eu estacionasse na garagem.

Ele estava agitado.

Entramos na suíte com Isabel me puxando pela mão.

Fui em sua direção e comecei a beijá-la louca e atrapalhadamente. O clima estava esquentando quando a campainha tocou. Isabel foi atender enquanto eu ligava o som.

A escolha da estação ficou em segundo plano ao vê-la voltar com a champanhe na mão.

Acho que você bebeu mais do que deveria, meu consciente me alertou.

Até concordava, mas não resisti quando ela falou:

— Temos que comemorar. Vamos tomar uma champanhe antes? — Isabel ofereceu, e eu não tinha como recusar.

Ela abriu a garrafa e colocou a bebida nas taças enquanto fui ao banheiro.

Ao sair de lá, ela me deu a taça e brindamos aquele momento maravilhoso. Fui de novo em direção a ela, que refugou:

— Relaxa, vamos aproveitar — Isabel disse me empurrando contra a cama.

Minha boca estava seca, e virei o copo num gole só.

— Me deixa fazer um strip-tease pra você!

Tirei rapidamente minha roupa ficando só de cueca, encostei a cabeça no travesseiro, entrelacei os dedos atrás da cabeça e fiquei só observando.

Ela se colocou em frente à cama e começou a dançar.

Bocejei e comecei a apreciar.

Isabel era realmente tudo aquilo que eu estava vendo.

Mulher nota dez! Ele avaliou.

Isabel começou a dançar no ritmo da música, seus cabelos balançavam assim como seu quadril. Deixou a taça de champanhe no aparador e tirou seu colete. Virou de costas e tirou a camisa. Seu cóccix apareceu e vi nele a tatuagem que não existia antes.

— Não tô acreditando — resmunguei baixinho.

Ela começou a rebolar e isso estava me excitando ainda mais.

Tirou seu salto e, bem devagar, sua calça, rebolando. Sua calcinha fio dental apareceu, realçando sua bunda maravilhosa.

Isabel pegou a garrafa e serviu novamente em sua taça.

Ao se virar novamente de frente pra mim, seus cabelos lisos e compridos cobriam parte dos seus grandes seios e seus olhos penetraram meu olhar.

Ela veio em minha direção e subiu na cama desequilibrando-se. Caiu sobre mim ajoelhada, se encaixando perfeitamente sobre ele de fio dental.

Com a bebida ainda no copo me serviu outro gole.

Já estava tonto. Comecei a sentir tudo girar.

Ainda me lembrava dos sintomas que tive no quarto com Kátia em Porto Seguro.

Vi Isabel jogar o resto da bebida no meu peito e começar a cavalgar.

Ele estava babando mas meus olhos começaram a se fechar. Tentei abri-los, mas era mais forte do que eu.

— O que está acontecendo? — perguntei quase dormindo.

Ouvi bem ao fundo Isabel responder:

— Relaxa, deixa acontecer...

Eu vou morrer.

A essa altura esta é minha única certeza. Vejo no espelho meu corpo magro e abatido, sinto meus punhos e os meus calcanhares em carne viva. Sou um esqueleto, uma sombra. Eu já estou morto.

Morri sem ter dito à Amanda. Sem tê-la beijado, sem ter dançado com ela, e conversado por uma última vez. Fecho os olhos e posso olhá-la, cheirar seus cabelos. Posso quase acariciá-los.

— Eu te amo — digo.

Eu também te amo, meu consciente concorda.

Você é o amor da minha vida, ele grita.

De repente caio num abismo. Abro os olhos e meu cadáver me observa.

O rádio toca “Rumo a Goiânia”, de Leandro e Leonardo, e o som se mistura como um visco grosso ao som do maldito filme pornô. Os gemidos guturais da mulher perfuram meus ouvidos, estralam em minha mente como chicotes metafóricos. Mas a dor é real.

Eu vou morrer. Ou eu já morri? Talvez apenas queira morrer.

Fecho os olhos novamente esperando o ceifador.

E então o telefone toca.

Tento loucamente me desvencilhar das minhas amarras. Me debato, tento gritar. Mas é tudo em vão. Estou amarrado. Estou amordaçado.

Aqui se faz aqui se paga!

O telefone segue tocando. Ele toca e toca. Até parar.

Fecho os olhos.

Tento procurar Amanda. Se vou morrer que seja abraçado ao seu corpo que eu tanto amei. Procuro-a loucamente em minha cabeça. Mas não consigo encontrar.

A mulher da tv geme mais alto.

Passa-se mais um tempo e ouço baterem na porta com força.

Graças a Deus!

Começo novamente a gritar. Grito desesperadamente a fim de me ouvirem.

— Socorro! Socorro!

Através do espelho vejo dois homens entrarem.

Começo a me debater e solto um grito abafado pela mordança.

— Me solta!

Eles correm e começam a desatar as amarras.

Alívio.

Eles começam a falar enquanto tentam com dificuldade retirar a mordança, mas não entendo direito o que eles dizem.

— Nous não know pas se que happen I ne past normal for our estabelecimento en fait isso never des événements antes and je asseguro.

Os lábios deles continuavam a se mexer sem fazer nenhum sentido. Ou talvez minha cabeça não esteja concatenando as ideias. Procuro pelo meu consciente, mas ele desmaiou.

Nisso dou um estalo.

— Água! — grito.

Um deles vai em busca d’água no frigobar enquanto o outro me solta e me ajuda a me sentar.

Estou envergonhado, bebo a água com um prazer inigualável.

Com dificuldade me levanto para ir ao banheiro. Estou fraco.

Entro no box, ligo a ducha e sinto a água gelada tocar meu cabelo. Levanto a cabeça, encho a boca de água, engulo e solto um grito de raiva e dor.

Ao encostar na parede, meu punho dói, mas o que mais dói é meu ego.

Muitas coisas passam rapidamente na minha cabeça, mas eu não consigo entender direito o que aconteceu.

Saio do box e quase não me reconheço no espelho.

Me vejo magro, abatido, pálido, os olhos estão fundos e a barba por fazer.

Estou morto! Imagino.

Atordoado, preciso me apoiar na pia para não cair e esbarro em uma correntinha.

Algo reluzindo ouro brilha.

Com os dedos em pinça puxei a correntinha gasta e vejo uma medalha do símbolo cristão: o peixe!

Isabel!?

Me enrolo em um roupão e volto para o quarto. Os homens ainda estão lá me esperando.

Eles tinham desligado o rádio e a televisão.

Ainda bem!

Agora consigo entender o que eles falam. Eles me perguntam se estou bem e o que aconteceu.

— Não sei... Vocês viram minhas roupas?

Eles olham um para o outro e fazem sinal de não com a cabeça.

— Meu celular e minha carteira estavam no bolso da minha calça.

— Vamos chamar a polícia — diz um deles, pegando o interfone.

— Deixe-me ligar primeiro para o meu pai — peço quase implorando.

Eles concordam.

Digito os números, torcendo para minha mãe não atender.

Começa a chamar e fico tenso.

— Alô.

Relaxo por um momento, é a voz do meu pai.

— Pai...

O telefonema é complicado.

Sem entrar em detalhes lhe dou o endereço que já conheço bem. Peço para que ele venha me buscar sozinho e que não comente nada com ninguém.

— Mas está tudo bem? — ele pergunta preocupado.

— Agora sim! — respondo desligando o telefone.

Sento na cama enrolado em um roupão olhando para a frase no espelho com a correntinha na mão tentando entender. *Aqui se faz, aqui se paga!*

Eles começam a me explicar que minha companhia saiu dizendo que eu ficaria mais um dia. Pagou uma diária com a promessa de que voltaria, como isso não aconteceu, eles desconfiaram. Aguardaram um pouco e depois começaram a ligar na suíte.

Como não obtiveram resposta, eles vieram até a suíte, ouviram um som alto e bateram forte na porta diversas vezes. Foi quando eles ouviram meus gritos.

Eles insistem em fazer um boletim de ocorrência na delegacia, mas eu recuso firmemente.

Só quero ir pra casa.

Passa-se um tempo e, como eu pedi, meu pai chega sozinho.

Conto resumidamente o que aconteceu, escondendo de vergonha alguns detalhes importantes.

Esse golpe é antigo, chama-se boa noite cinderela, colocam droga na sua bebida pra depois te roubar. Meu pai define.

Não sei exatamente se foi só para roubar, mas prefiro me calar.

Convenço todos eles a não prestar queixa, mas não consigo convencer meu pai a pular o hospital. Ele está preocupado por eu estar tanto tempo sem água.

— Eu não quero que você conte onde me achou — peço para meu pai.

Combinamos então durante o caminho para o hospital uma mentira para contarmos para minha mãe e meus irmãos.

Isabel

Conheci Pedro na primeira vez que sai, após muito insistir com meu pai. Eu tinha quinze anos.

Na semana seguinte começamos um namoro, mas no início meu pai não gostou muito dele, pois ele não frequentava nossa igreja, ao contrário do meu primeiro namorado. Mas eu não gostava do Marcel, eu gostava do Pedro.

Com a ajuda de minha mãe, meu pai foi aceitando Pedro aos poucos.

Até nossa igreja Pedro frequentou para ganhar sua confiança, e ele me deu um escapulário na melhor das intenções. Acabou ouvindo um sermão do meu pai e trocou o presente.

Eu mesma não gostava de frequentar a igreja, mas não poderia desafiar o meu pai. Estávamos na fase do namoro em que queríamos nos conhecer, nos tocar, transar.

Ele queria perder a virgindade tanto quanto eu, mas isso para o meu pai era assunto definido: somente após o casamento.

Não estávamos aguentando mais e, após longo período de namoro, tínhamos a oportunidade quando meus pais fossem viajar.

Após as recomendações de minha mãe, nos despedimos, fechamos a porta e meu coração acelerou.

Pedro me deu um beijo cheio de desejo que me deixou ofegante.

— Vamos esperar um pouco. — Pedi.

Pedro não parou. Eu estava superexcitada.

Olhei em cima da mesa e vi a Bíblia que meu pai sempre levava junto com ele, onde quer que ele fosse. Estranhei.

Pedro tinha as mãos hábeis e me despiu.

De repente, meu pai apareceu.

Ao ver meu pai correr atrás de Pedro, minha mãe olhou meu vestido no chão e percebeu o que aconteceu.

— Seu pai vai te matar — ela disse, recolhendo o vestido do chão e me ajudando a recolocá-lo.

Ele voltou enfurecido, gritando:

— Fora daqui!

Entrou no meu quarto, abriu a porta dos armários e começou a jogar as minhas roupas sobre a minha cama.

Minha mãe tentava argumentar, mas ele parecia possuído.

— Fora daqui! — ele repetia.

Saiu do meu quarto em direção ao dele, minha mãe foi atrás e ouvi a discussão.

Ele gritava dizendo que se eu não fosse embora, ele iria.

Sentei na minha cama escutando toda a discussão.

Um silêncio se fez por alguns segundos, até minha mãe sair do quarto com uma mala vazia na mão.

Me ajudou a fazer a mala chorando e, antes de eu partir, foi até a cozinha e pegou um envelope escondido no fundo de uma gaveta.

— Aqui tem um dinheiro que guardei para uma emergência. Acho que este é o caso — ela disse chorando enquanto meu pai estava no quarto.

— Esse é o endereço da sua tia em Minas Gerais, vou ligar pra ela avisando que você está indo pra lá

— ela continuava chorando enquanto escrevia.

— Tome cuidado e vai com Deus!

Quando fui abraçá-la, meu pai saiu do quarto:

— E não volte nunca mais, pecadora!

Não fiquei mais do que três meses na casa da tia Isaura, depois de ser assediada várias vezes por seu marido.

Como minha mãe não deu notícias e sem perspectiva de voltar para casa, fugi da casa da tia Isaura sem deixar pistas.

Peguei uma carona com um caminhoneiro na estrada e fui parar em Curitiba.

Sem emprego e local para dormir, um amigo desse caminhoneiro, dono de um bar, me acolheu perguntando sobre meus pais.

— Eles morreram — respondi, e ele nunca mais tocou no assunto.

O sr. Jair me tratou como uma filha. Ele tinha oitenta anos, era viúvo e não tinha filhos.

Ajudava ele no bar como balconista, ele me pagava um salário e dizia que para eu morar em um pequeno quarto no fundo do bar, onde antes era uma despensa, eu precisava estudar. Foi o que fiz.

Ao entrar na faculdade, o sr. Jair ficou muito feliz e eu também.

No segundo ano da faculdade o sr. Jair faleceu e o bar fechou por causa das dívidas que ele tinha.

Com o dinheiro que juntei, consegui pagar durante algum tempo o aluguel de um quarto e as mensalidades da faculdade.

Quando a situação apertou, Mariana, minha melhor amiga de classe, me fez a proposta que mudou minha vida totalmente.

Ela era garota de programa, e eu nunca suspeitei.

Mariana dizia que trabalhava em um banco, mas era mentira.

A princípio disse que não, mas enquanto minha situação piorava, a da Mariana só melhorava.

Acumulando mais alguns meses de aluguel e mensalidades em atrasado, Mariana me chamou mais uma vez para conhecer o local onde ela trabalhava de verdade. Topei só conhecer.

Me espantei ao chegar lá e ver mais duas garotas da faculdade que nunca imaginei que trabalhavam ali.

D. Célia era a proprietária de uma casa de massagem, que de massagem só tinha o nome.

Para me convencer ela disse que se eu não quisesse fazer meu primeiro programa, eu poderia simplesmente ir embora.

Fiz o teste. D. Célia me chamou em uma sala com mais quatro garotas e disse para esperarmos que um cliente entraria e escolheria uma de nós. Ela saiu e fiquei apreensiva, não sabia o que estava por vir. Estava esperando o pior tipo de homem, mas fui surpreendida por um rapaz jovem, bem apresentável. Ele me escolheu e eu topei, foi meu primeiro programa.

Naquele mês fiz outros programas a fim de zerar minhas dívidas, mas no fim do mês já tinha antecipado meu aluguel até o final do ano.

Nem todos os homens eram como o primeiro, mas eu estava ganhando bem.

Depois de um ano trabalhando com d. Célia, Mariana me apresentou Lico, o braço direito de um dos maiores cafetões de São Paulo.

Ele mandava Lico para todos os cantos do Brasil recrutando garotas para trabalhar com ele. A proposta era ganhar o triplo.

Não pensamos duas vezes, eu e Mariana saímos, rumo a São Paulo.

Diferente de Curitiba, em São Paulo não ficávamos em uma casa de massagem, muito menos em prostíbulos. Lico dizia que aquilo era para outros tipos de garotas. Nós éramos as VIPS.

As VIPs não se expunham tanto, ficávamos em flats. Eu e Mariana dividíamos um. Tirávamos fotos em estúdio profissional e elas eram exibidas em um site. Nele havia nosso contato e os clientes negociavam diretamente com a gente.

Pagávamos caro pela divulgação no site e pelo flat, mas mesmo assim a promessa de ganhar o triplo era verdadeira. Após posar para uma revista masculina, meus rendimentos chegaram a valores que nunca imaginei.

Wilson era um japonês que sempre reclamava do nosso preço, mas era um cliente assíduo.

Certa vez ele me ligou e disse que pagaria um programa para um amigo.

Quando seu amigo chegou não acreditei no que estava vendo. Era o meu primeiro namorado, o Pedro, me chamando de Isabel.

Havia anos não me chamavam pelo meu verdadeiro nome.

Uma mistura de poucas lembranças boas e muitas ruins me veio à cabeça.

Tinha que esquecer tudo aquilo naquele momento, não poderia levar para o lado pessoal, mas não teve jeito. Pedro estava ali me indagando, trazendo todas aquelas lembranças que tinham ficado pra trás.

Me esforcei para terminar o programa, mas quando fui cobrá-lo, ele despistou, perguntando se não poderia ficar pelos velhos tempos.

Fora daqui! Era o que eu tinha vontade de gritar, relembrando os gritos do meu pai.

Insisti na cobrança, Pedro me mandou cobrar o Japa.

Desgraçado!

Liguei para o Wilson no mesmo dia e ele não me atendeu.

No dia seguinte ele atendeu e eu cobre o programa do Pedro, ele prometeu depositar na minha conta: nada.

Dois dias depois, liguei novamente e ele novamente não me atendeu.

Não tinha o celular do Pedro, para cobrá-lo, então tinha que insistir com o Wilson.

Mais um dia e nada de ele me atender.

Deixei inúmeros recados em sua caixa postal cobrando, mas nada de ele me pagar.

No dia seguinte, liguei do celular de uma amiga e ele atendeu, ao cobrá-lo ele desligou.

Não tinha mais esperança de receber, já estava me conformando com o prejuízo quando recebi uma ligação inesperada: era o Pedro, pois só ele me chamava de Isabel.

Percebi em sua fala que ele estava bêbado, então esse seria o momento certo de lhe cobrar, não poderia deixar pra depois. Mas não seria uma cobrança da forma convencional, esta eu já tinha tentado com o Wilson e não recebi. Seria uma cobrança sofrida, uma cobrança pelos velhos tempos!

Estou em uma longa avenida que eu nunca vi e numa cidade que eu não conheço.

Ao meu lado está Amanda.

Ela segura a minha mão, me olha no fundo dos olhos.

E desaparece.

A avenida começa a se estender.

Corro, mas ela nunca termina.

Paro.

À minha frente uma enorme, gigantesca caminhada.

Olho para trás.

Não enxergo o final do caminho.

Acordo tonto em uma maca com uma agulha espetada no braço.

Vejo ao meu lado minha mãe chorando. Depois meu pai se levantando do sofá e vindo em minha direção.

Minha cabeça dói um pouco. Pouco tempo depois recebo alta e meu pai me leva para sua casa.

Tô estava na porta e gritou para Nanda, que saiu da casa correndo em minha direção desesperada.

— O que aconteceu? — ela pergunta me abraçando.

Vejo a cortina se mexer atrás da janela da sala.

Um rosto aparece para me olhar.

É ela!

Não tenho certeza se é sonho ou se é real.

Olho para minha irmã e pergunto:

— O que ela está fazendo aqui?

— Ela estava muito preocupada com você...

Nanda me solta e eu vou em direção a casa enquanto meu pai começa a mentir.

— Foi um sequestro...

Ela também vem em minha direção e me abraça. Começamos a chorar juntos.

Dou um passo para trás, seguro sua mão e soluçando começo a falar olhando em seus olhos.

— O que você está fazendo aqui?

— Voltei para o Brasil.

— Me diz que eu não estou sonhando.

Amanda deu um sorriso limpando as lágrimas:

— Não, eu realmente estou aqui e em definitivo.

— Olha só o que eu encontrei — ela diz tirando um papel do bolso:

— Vim fazer uma cobrança...

Amanda me entregou um papel dobrado.

Abri e vi a carta que escrevi há muitos anos:

Amanda.

Acho que essa distância está nos atrapalhando.

Vou ser efetivado e focarei no meu trabalho, esse é meu sonho presente.

No futuro será você. Prometo!

Te amo. PH

Quando acabei de ler Amanda me perguntou:

— Você ainda guarda a minha?

Num movimento automático, levo minha mão ao bolso de trás da calça, procurando minha carteira.

Só aí dou falta dela.

Merda, foi roubada! Lembro e falo:

— Eu não preciso mais dela.

Beijo-a na testa.

Não consigo mais falar, o nó na garganta se desfaz totalmente e começo chorar.

Ela limpa minhas lágrimas, me abraça com amor, aconchega seu rosto no meu peito e diz com a voz suave:

— Promete que você não vai mais me assustar?

— Eu prometo!

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Nunes

FOTO DE CAPA Masterfile/Latinstock

PREPARAÇÃO João Pedro Jorge

REVISÃO Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0387-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1. Descobrimdo

2. Aprendendo

3. Praticando

4. Bônus

5. Ônus

Créditos